

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
Faculdade de Enfermagem
Programa de Pós Graduação em Enfermagem



Tese

**O contexto de vida de pessoas usuárias de crack: das relações às sanções
sociais**

Roberta Zaffalon Ferreira

Pelotas, 2018

Roberta Zaffalon Ferreira

**O contexto de vida de pessoas usuárias de crack: das relações às sanções
sociais**

Tese apresentada ao Programa de Pós Graduação em Enfermagem da Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título de Doutor em Ciências da Saúde. Linha de pesquisa: Saúde mental e coletiva, processo do trabalho, gestão e educação em enfermagem e saúde.

Orientadora: Prof.^aDr.^a Enf.^a Michele Mandagará de Oliveira

Pelotas, 2018

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas
Catalogação na Publicação

F384c Ferreira, Roberta Zaffalon

O contexto de vida de pessoas usuárias de crack : das relações às sanções sociais / Roberta Zaffalon Ferreira ; Michele Mandagará de Oliveira, orientadora. — Pelotas, 2018.

159 f.

Tese (Doutorado) — Programa de Pós-Graduação em Enfermagem, Faculdade de Enfermagem, Universidade Federal de Pelotas, 2018.

1. Cocaína-crack. 2. Antropologia. 3. Cracolândia. 4. Etnografia. 5. Relações sociais. I. Oliveira, Michele Mandagará de, orient. II. Título.

CDD : 610.73

Roberta Zaffalon Ferreira

**O contexto de vida de pessoas usuárias de crack: das relações às sanções
sociais**

Tese aprovada, como requisito parcial, para obtenção do grau de Doutor em Ciências da Saúde, Programa de Pós Graduação em Enfermagem, Faculdade de Enfermagem, Universidade Federal de Pelotas.

Data de defesa: 29.06.2018

Banca examinadora:

.....
Prof.^a Dr.^a Enf.^a Michele Mandagará de Oliveira (Orientadora)
Doutora em Saúde Pública pela Universidade de São Paulo

.....
Prof.^o Dr.^o Tiago Lemões da Silva
Doutor em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul

.....
Prof.^a Dr.^a Enf.^a Luciane Prado Kantorski
Doutora em Enfermagem pela Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto

.....
Prof.^a Dr.^a Enf.^a Valéria Cristina Christello Coimbra
Doutora em Enfermagem Psiquiátrica pela Universidade de São Paulo

.....
Prof.^a Dr.^a Enf.^a Beatriz Franchini
Doutora em Ciências da Saúde pela Universidade Federal de Pelotas

Prof.^a Dr.^aEnf.^aAriane da Cruz Guedes
Doutora em Enfermagem pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Prof.^a Dr.^aEnf.^aJanaina Quinzen Willrich
Doutora em Ciências da Saúde pela Universidade Federal de Pelotas

Dr.^aEnf.^a Vania Dias Cruz
Doutora em Enfermagem pela Universidade Federal do Rio Grande

Agradecimentos

Uma sensação de alívio e felicidade imensuráveis tomam conta de mim, chegar a esta etapa da tese, de agradecer, significa que conclui meu objetivo e o fim se aproxima, fim deste longo ciclo que me fez abdicar de coisas e momentos importantes da minha vida mas sempre na certeza de que tudo valeria a pena. Mais uma etapa importante terminou na minha caminhada acadêmica mas não que isso signifique o fim de uma trajetória, a conclusão deste doutorado somente me inquieta e me dá forças e virtude de seguir em frente, alçar novos objetivos e por em prática todos os ensinamentos aprendidos com meus mestres no decorrer desta caminhada. Entretanto, chegar até aqui só foi possível porque nunca estive sozinha, pelo contrário, sempre vivi rodeada de pessoas que acreditam em mim e se doaram tanto quanto eu para que eu conseguisse concluir este trabalho, esta tese jamais teria sido terminada sem o apoio e ajuda de vocês, por isso não considero este título sendo só meu, e é com muito orgulho e humildade que divido este momento com cada um de vocês e agradeço eternamente a participação de cada um na minha vida.

Pai e mãe, vocês são essenciais na minha vida, me falta palavras para descrever a grandeza do sentimento de amor e admiração que tenho por vocês. Vocês acreditarem em mim e o incentivo para eu sempre querer mais, foi o grande disparador e o motivo pelo qual cheguei até aqui. Vocês são minha base e minha segurança de todos os momentos bons e difíceis que passei, com vocês tenho a certeza de um colo e que tudo sempre ficará bem. Amo-os do “tamanho do céu”.

Rafael, meu amor, companheiro e amigo, antes de te agradecer te devo um pedido de desculpas, desculpa por todo estresse que o final de um trabalho demanda, desculpa pela minha ausência e pelos momentos de rispidez que tive contigo; muito obrigada pela paciência em saber lidar com tudo isso, por me esperar e juntos seguirmos em frente com nossos objetivos. Teu apoio e amor foram fundamentais para mim neste processo. Te amo! Te agradeço infinitamente também pelo maior presente que me destes, nossa bebezinha, nossa Mariana, se hoje me sinto completa é porque vocês dois fazem parte disto. Vocês são a diversão e os amores da minha vida.

Mariana, “minha bebê”, és minha vida, a melhor coisa que me aconteceu até hoje. Obrigada por existir em nossas vidas e fazer nossa família ainda melhor.

Maninha, minha irmã que está sempre ao meu lado dividindo os anseios e felicidade que vivemos. Contigo, sempre me sinto bem, a tua leveza e serenidade de lidar com as coisas é contagiante e que sigamos sempre juntas nos apoiando e dividindo momentos de felicidade e “estresse” junto com nossos filhos. Obrigada também por me presentear com nossos meninos, **Lucas e Gabriel**, crianças que enchem de amor e diversão as nossas vidas. Obrigada ainda por cuidar tão bem da minha filha nos momentos que mais precisei.

Delaide, minha amiga e comadre, por ti sustento um sentimento tão bom. Confiei a ti o cuidado e amor da minha filha por acreditar que saberias compartilhar o amor que dispensas a todas crianças que contigo convivem. Tua participação foi essencial neste trabalho por me deixar tranquila sabendo que a Mariana estava sendo cuidada excepcionalmente bem. Muito obrigada por tudo e o meu desejo é que a Mariana conheça contigo o valor de uma amizade longa e sincera igual a que construímos ao longo destes anos.

Tia Biti e Fernando, pessoas que amo conviver e estão sempre presentes em todos os momentos, quero vocês junto de mim sempre, comemorando cada passo e cada vitória.

Eva, minha mãe de coração, uma pessoa que só me faz bem e me traz coisas boas. Tua distância física não significa nada perto do amor que dividimos. Muito obrigada por estar na minha vida e na vida da Mariana. Te amamos.

Márcia, minha sogra, que não mede esforços para cuidar de mim e da minha família. Tua presença na minha vida foi essencial para que eu conseguisse alcançar meus objetivos, tu também faz parte deste processo. Muito obrigada por todo zelo e cuidado que dispensas a nós e principalmente para tua neta.

Tânia, minha amiga e parte da família, muito obrigada por fazer parte das nossas vidas, contigo me sinto muito bem, nossas conversas e momentos de lazer para mim valem ouro. Muito obrigada por existir!

Minha amiga **Ana Cândida**, como foi bom viver e compartilhar contigo o mestrado e o doutorado, me ensinastes a saber lidar mais fácil com as dificuldades que um doutorado demanda. Nossa amizade que começou despretensiosa, hoje para mim, é uma das coisas mais valiosas que tenho, te quero sempre presente,

mesmo com a distância e com rumos diferentes que nossas vidas tomaram. Quero que saibas que fostes essencial nesta trajetória.

Minha dupla, **Bárbara Gheno**, obrigada por dividir os plantões comigo e tornar nossa rotina de trabalho, que muitas vezes é pesada, em momentos leves e de muito riso, por toda comida dividida e pelos cafés compartilhados, além dos nossos momentos de lazer e “indiadas” na tentativa de alegrar nossas meninas. Obrigada também por sempre se disponibilizar a me ajudar quando precisei e cuidar da Mariana em dias que foram essenciais para o meu campo. O carinho que eu e minha filha nutrimos por ti, reflete o quanto és importante para nós.

A minha colega e amiga **Neyla**, que apesar de recente na minha vida, é muito especial. Obrigada por também dividir e tornar leve nossos plantões, obrigada pelos cafés e pelos momentos de desabafo pós e durante os plantões. Fico muito feliz em agora sermos um trio e acredito que esta amizade embora recente, tenha muita força para se sustentar por longos anos das nossas vidas.

Minhas **adoradas “BFF” Josi e Marina**, vocês são fundamentais na minha vida, com vocês sinto o alívio de desopilar e o aconchego que uma amizade traz, muito obrigada pelos momentos de lazer e prazer que sinto ao lado de vocês.

Michele Mandagará, minha orientadora e minha amiga, se tivesse que apontar o que melhor me trouxe o mestrado e o doutorado, responderia sem hesitar que foi tua amizade e parceria. És muito importante para mim, é um prazer dividir contigo cada vitória que vivi nesta caminhada, me sinto honrada por ser tua orientanda e agradeço todas as oportunidades que me oferecestes. Parte de tudo isso, de todas conquistas devo a ti por ter aceitado minhas propostas e acreditado que eu conseguiria concluir, respeitando sempre meu tempo e meus limites, e plagiando tuas palavras “tu já és parte da minha história e sei que também sou parte da tua”. Muito obrigada!

Agradeço a banca examinadora, **Luciane Prado Kantorski, Valéria Coimbra, Beatriz Franchinni, Vânia Dias Cruz, Ariane Guedes, Janaina Willrich, Ana Paula Muller de Andrade e Tiago Lemões** pelas contribuições na construção desta tese. Vocês todos foram escolhidos com muito carinho para dividir este momento muito especial comigo.

O **serviço de Redução de Danos de Pelotas** por ter facilitado em todos os sentidos a realização desta pesquisa e pelo acolhimento de todos agentes, em

especial o Richard e o Tuca que não mediram esforços em me ajudar. Meu muito obrigada!

E por fim, agradeço a parte essencial deste trabalho, os **participantes da pesquisa**, vocês são a força deste trabalho. Muito obrigada por colaborarem comigo e com a ciência. Vocês são demais!

E assim, com lágrimas nos olhos e a emoção tomando conta que digo mais uma vez, MUITO OBRIGADA!

Resumo

FERREIRA, Roberta Zaffalon. **O contexto de vida de pessoas usuárias de crack: das relações às sanções sociais.** 2018. 160f. Tese (Doutorado em Ciências da Saúde) – Programa de Pós Graduação em Enfermagem, Faculdade de Enfermagem, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2018.

O consumo de substâncias psicoativas (SPA) na humanidade datam desde a pré-história, servindo ao ser humano para uma série de finalidades, que variam desde a busca pelo prazer até fins religiosos, místicos e terapêuticos. Em 2010 o tema das drogas ganhou destaque no panorama político-midiático brasileiro, e o crack foi a droga que mais impactou a saúde pública e que chamou a atenção pois seu uso foi atribuído a crimes violentos e pela suposta degradação moral de parte da juventude brasileira. A antropologia é uma ferramenta importante para conhecer em profundidade os fenômenos sociais atrelados a pessoas que usam drogas. A luz da antropologia, optou-se por abordar a teoria dos dons e dádivas, escrita por Marcel Mauss, para guiar a construção desta pesquisa. Esta escolha foi feita pois acredita-se que o conceito desenvolvido por Mauss abarca o sentido das relações de trocas e relações sociais entre os indivíduos pois entende-se por dom ou dádiva tudo que circula na sociedade que não está ligado nem ao mercado, nem ao Estado e nem à violência física. É o que circula em prol do ou em nome do laço social. Objetivo: Compreender a organização da vida de pessoas usuárias de crack na perspectiva das relações e sanções sociais por elas vividas ou experienciadas. Trata-se de uma pesquisa etnográfica, que acompanhou pessoas usuárias de crack no âmbito de suas vivências no município de Pelotas, sendo realizado entrevista com seis pessoas e observação de aproximadamente 20 pessoas no total, sendo tudo registrado em diário de campo. O acesso aos usuário socorreu por intermédio da Estratégia de Redução de Danos e a coleta de dados ocorreu de julho a dezembro de 2017, perfazendo cinco meses de campo. A pesquisa teve aprovação do Comitê de ética sob parecer nº 2.128.305. A inserção em campo possibilitou conhecer parte do dia a dia dos usuários de crack e perceber que nesta rotina de vida estão sujeitos constantemente a fortes sanções e relações nas quais também se beneficiam. Muitas das pessoas observadas, vivem em situação de miséria sendo histórico a relação de pobreza que permeia o uso do crack, no entanto, a necessidade vivenciada por estas pessoas pode ser vista à luz de Mauss, como relações de troca e solidariedade, pois os usuários em condições precárias de abrigo, moradia e alimentação, ajudam-se uns aos outros na tentativa de conforto e bem-estar; foi marcante a presença de adolescentes e crianças em cenas de uso e em meio a comercialização de drogas, além da prostituição de meninas como forma de sustento e obtenção de drogas; a violência e perdas é uma realidade marcante no cotidiano destas pessoas, seja proveniente do tráfico ou da polícia. Eles mostram-se solidários e recebem solidariedade e ajuda de outras pessoas. A família é essencial no acolhimento e recuperação do usuário. Constata-se, que a atenção ao usuário de drogas consiste em um desafio, é necessário diferentes olhares e ações tendo como centro a pessoa usuária de crack de modo individual e também coletivo, considerando os determinantes sociais que a envolve e com isso traçar ações inter e multidisciplinares.

Palavras-chave: Cocaína-crack; Antropologia; *Cracolândia*; Etnografia; Relações sociais; Cenas de uso; uso de drogas.

Abstract

FERREIRA, Roberta Zaffalon. **The life context of people who use crack: from relationships to social sanctions.** 2018. 157p. Thesis (Doctorate in Health Sciences) - Graduate Program in Nursing, Faculty of Nursing, Federal University of Pelotas, Pelotas, 2018.

The consumption of psychoactive substances in humankind dates from prehistory, serving the human being for a series of purposes, ranging from the search for pleasure to religious, mystical and therapeutic purposes. In 2010, the theme of drugs gained prominence in the Brazilian political-media landscape, and crack was the drug that most impacted public health and drew attention, for its use was attributed to violent crimes and the supposed moral degradation of Brazilian youth. Anthropology is an important tool to get to know in depth the social phenomena linked to people who use drugs. In the light of anthropology, it was decided to approach the theory of gifts, written by Marcel Mauss, to guide the construction of this research. This choice was made because it is believed that the concept developed by Mauss encompasses the meaning of the relations of exchange and social relations between individuals, for it is understood as a gift everything that circulates in society that is neither linked to the market nor to the State, and neither to physical violence. It is what circulates for or in the name of the social bonding. The objective of this study was to understand the organization of the life of people who use crack in the perspective of the relationships and social sanctions they experience or live. It is an ethnographic research that followed up people that use crack in the context of their experiences in the city of Pelotas, interviewed six people and observed about 20, all recorded in a field diary. Access to users occurred through the Harm Reduction Strategy and data collection occurred from July to December 2017, making up five months of field. The Ethics Committee, under the number 2.128.305, approved the research. The insertion in the field made it possible to know part of the daily life of crack users and to realize that in this routine of life they are constantly subjected to strong sanctions and relationships, in which they also benefit. Many of the people observed are living in a situation of misery, which is historically related to poverty, which permeates the use of crack. However, the necessary experienced can be seen in the light of Mauss as relations of exchange and solidarity, since users in precarious conditions of shelter, housing and food, help one another in the attempt of comfort and well-being. Also, the presence of adolescents and children in scenes of use and in the middle of the commercialization of drugs is remarkable, as well as the prostitution of girls as a form of sustenance and obtaining of drugs. Violence and losses is a marked reality in the daily lives of these people, whether from the traffic or the police. They show solidarity and receive it in return. The family is essential when it comes to hosting and recovery. It is observed that assistance to the drug user is a challenge, and different overviews and actions have a major impact in the user of crack as an individual, and also at a collective spectrum, considering the social determinants that involves it, besides to develop inter and multidisciplinary actions.

Keywords: Crack Cocaine; Anthropology; Cracolândia; Ethnography; Social relationships; Scenes of use; Use of drugs.

Resumen

FERREIRA, Roberta Zaffalon. **El contexto de vida de personas usuarias de crack: de las relaciones a las sanciones sociales.** 2018. 157h. Tesis (Doctorado en Ciencias de la Salud) - Programa de Post Graduación en Enfermería, Facultad de Enfermería, Universidad Federal de Pelotas, Pelotas, 2018.

El consumo de sustancias psicoactivas en la humanidad datan desde la prehistoria, sirviendo al ser humano para una serie de finalidades, que varían desde la búsqueda del placer hasta fines religiosos, místicos y terapéuticos. En 2010 el tema de las drogas ganó destaque en el panorama político-mediático brasileño, y el crack fue la droga que más impactó la salud pública y que llamó la atención, pues su uso fue atribuido a crímenes violentos y por la supuesta degradación moral de parte de la juventud brasileña. La antropología es una herramienta importante para conocer en profundidad los fenómenos sociales vinculados a personas que usan drogas. En la luz de la antropología, se optó por abordar la teoría de los dones y dádivas, escrita por Marcel Mauss, para guiar la construcción de esta investigación. Esta elección se hizo porque se cree que el concepto desarrollado por Mauss abarca el sentido de las relaciones de intercambios y relaciones sociales entre los individuos, pues se entiende por don o donación todo lo que circula en la sociedad que no está ligado al mercado, Estado y ni a la violencia física. Es lo que circula en pro del o en nombre del lazo social. El objetivo fue comprender la organización de la vida de personas usuarias de crack en la perspectiva de las relaciones y sanciones sociales por ellas vividas o experimentadas. Se trata de una investigación etnográfica que acompañó a personas usuarias de crack en el marco de sus vivencias en el municipio de Pelotas, siendo realizado entrevista con seis personas y observación de aproximadamente 20 personas, siendo todo registrado en diario de campo. El acceso a los usuarios ocurrió por intermedio de la Estrategia de Reducción de Daños y la recolección de datos ocurrió de julio a diciembre de 2017, con cinco meses de campo. La investigación tuvo la aprobación del Comité de ética bajo el dictamen del 2.128.305. La inserción en campo permitió conocer parte del día a día de los usuarios de crack y percibir que en esta rutina de vida están sujetos constantemente a fuertes sanciones y relaciones en las que también se benefician. Muchas de las personas observadas viven en situación de miseria, siendo histórica la relación de pobreza que permea el uso del crack. Sin embargo, la necesidad vivida por estas personas puede ser vista a la luz de Mauss como relaciones de intercambio y solidaridad, pues los usuarios en condiciones precarias de abrigo, vivienda y alimentación, se ayudan unos a otros en el intento de confort y bienestar. Fue marcada la presencia de adolescentes y niños en escenas de uso y en medio de la comercialización de drogas, además de la prostitución de niñas como forma de sustento y obtención de drogas; la violencia y las pérdidas es una realidad marcada en el cotidiano de estas personas, sea proveniente del tráfico o de la policía. Ellos se muestran solidarios y reciben solidaridad y ayuda de otras personas. La familia es esencial en la acogida y la recuperación del usuario. Se constata que la atención al usuario de drogas consiste en un desafío, es necesario diferentes miradas y acciones teniendo como centro la persona usuaria de crack de modo individual y también colectivo, considerando los determinantes sociales que la envuelve y con ello trazar acciones inter y multidisciplinares.

Palabras clave: Cocaína-crack; Antropología; Cracolândia; Etnografía; Relaciones sociales; Escenas de uso; Uso de drogas.

Lista de Abreviaturas e Siglas

SPA	Substância Psicoativa
SISNAD	Sistema Nacional de Políticas Públicas sobre Drogas
ANVISA	Agência Nacional de Vigilância Sanitária
CAPS –AD	Centro de Atenção Psicossocial Álcool e outras drogas
RD	Redução de Danos
ERD	Estratégia de Redução de Danos
SMS	Secretaria Municipal de Saúde
ARD	Agente Redutor de Danos
ESF	Estratégia de Saúde da Família
ACS	Agente Comunitário de Saúde
CEP	Comitê de Ética em Pesquisa
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
CNS	Conselho Nacional de Saúde
UBS	Unidade Básica de Saúde
SENAD	Secretaria Nacional Anti Drogas
PNAD	Política Nacional Anti Drogas
FHC	Fernando Henrique Cardoso
PPD	Política Pública sobre Drogas
PACS	Programa Agente Comunitário de Saúde
PSF	Programa de Saúde da Família
PAIUAD	Política de Atenção Integral aos Usuários de Álcool e Drogas
PRD	Programa de Redução de Danos

Sumário

Apresentação.....	14
1 Introdução.....	19
2 Objetivos.....	27
2.1 Objetivo Geral.....	27
2.2 Objetivos específicos.....	27
3 Revisão de Literatura.....	28
3.1 História da cocaína e o surgimento do crack.....	28
3.2 Perfil das pessoas que consomem crack e padrões de uso.....	32
3.3 Relações Sociais de usuários de crack.....	34
3.4 Políticas Públicas Brasileira sobre drogas.....	41
3.4.1 Rede de Atenção ao usuário de crack no município de Pelotas.....	48
3.4.2 Crack, é possível vencer.....	50
3.4.3 Algumas ações desenvolvidas.....	51
4 Referencial Teórico.....	52
4.1 Dons e Dádivas de Marcel Mauss.....	52
5 Metodologia.....	61
5.1 Caracterização do estudo.....	61
5.2 Aproximação aos participantes do estudo.....	62
5.3 Local do estudo.....	63
5.4 Critérios de inclusão dos participantes.....	65
5.5 Critérios de exclusão dos participantes.....	65
5.6 Procedimentos para coleta dos dados.....	65
5.7 Princípios éticos.....	67
5.8 Análise dos dados.....	68
5.9 Divulgação dos resultados.....	69
6. Análise dos dados.....	70
6.1 Conhecendo os participantes da pesquisa.....	70
6.3 De relações a sanções sociais: conhecendo o contexto e cotidiano de pessoas usuárias de crack.....	86
Referências.....	139
Apêndices.....	149
Anexos.....	155

Apresentação

Pensar no consumo de drogas ilícitas feito por pessoas ou grupos em cenas de uso obscuras e afastadas de ambientes visíveis (*cracolândias*) além de suas práticas, rotinas e regras foi um mundo desconhecido que sempre me fascinou. Tal curiosidade me motivou a ingressar em um grupo de estudos e pesquisas na Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal de Pelotas – Grupo de Saúde Mental e Saúde Coletiva – tendo na época, como projeto de pesquisa principal o “Perfil dos usuários de crack e Padrões de uso na cidade de Pelotas-RS” sob coordenação da Doutora Michele Mandagará de Oliveira. Meu ingresso neste projeto (ano de 2011) foi anterior a minha inserção na pós graduação e foi determinante para que eu seguisse com êxito e certeza na trajetória acadêmica.

Comecei meu contato com a temática, de forma voluntária no ano de 2011 através da participação na realização da etapa quantitativa do referido projeto, sendo entrevistadora de usuários de drogas ilícitas em geral. Estas entrevistas eram realizadas na rua, nos domicílios e nos locais de consumo de crack, locais onde quer que fossem encontrados os usuários. Dessa forma, ao longo de vários meses frequentei diferentes bairros, em sua maioria localizados na periferia da cidade de Pelotas sendo a pobreza e miséria comuns a quase todos os locais visitados, com pessoas carentes vestindo roupas inapropriadas para estação, descalças, com deficiência de higiene. Ruas sem saneamento básico, barracos e casas sem infraestrutura para moradia, sem energia elétrica e água encanada, muito lixo nas ruas e pátios, barro, esgoto a céu aberto com odor fétido, cavalos e cachorros nas ruas e em pátios. Em muitos becos foi preciso passar por madeiras improvisadas no esgoto para não sujar os pés. Esta

experiência de imersão no real contexto de usuários de crack e relação de proximidade com estas pessoas foi o grande disparador para o nascimento e concretização da minha pesquisa de mestrado. Desta forma, neste período de contato com pessoas inseridas em seus territórios fazendo uso de drogas e defendendo esta prática como prazerosa e feita por livre escolha, sem desejo de mudanças, fez com que muitos paradigmas se quebrassem da mesma forma com que muitas inquietações surgissem.

Presenciar cenas de uso de grupos de pessoas em condições de higiene precárias ou mesmo ausentes, em meio ao lixo, em casas em estado de abandono ou simplesmente perambulando pelas ruas, deixando famílias, lares e toda a história de vida para trás, adotando a “pedra” (crack) como bem valioso de sua atual condição de vida, inquietou-me a ponto de me questionar qual o sentido da vida para estas pessoas, ou seja, despertou o desejo de “conhecer o sentido antropológico de dons e dádivas entre grupos de usuários de crack e outras drogas dentro das cenas de uso”, objetivo principal da minha dissertação de mestrado alcançado através de uma etnografia.

A etnografia foi a metodologia adotada por acreditar que seria a melhor e mais satisfatória forma de me aproximar das pessoas do meu estudo, um método que proporciona maior liberdade de inserção, observação e aproximação do objeto de estudo, sem o rigor formal de uma entrevista ou questionamentos fechados que muitas metodologias exigem. Minha formação acadêmica foi voltada ao cuidado do ser humano, com rigor biologicista e higienista, focando o cuidado da pessoa doente. Minha carreira profissional até então era desempenhada dentro desta mesma perspectiva, visão centrada na cura, busca incansável por tratamentos e melhora/cura da doença. Trabalhar com pessoas usuárias de substâncias psicoativas desmonta totalmente esta perspectiva de trabalho, muitas vezes mecanicistas e repetitivas. O primeiro obstáculo que tive que superar ao escolher trabalhar com esta população foi reaprender a pensar, agir, escutar, respeitar as escolhas que nem sempre são as mais saudáveis do ponto de vista biologicista. Enfim, comecei a aprender a ser outra pessoa e enfermeira. Neste contexto, a etnografia me deu a liberdade de respeitar o meu tempo para entender as coisas e rotinas que acontecem na cena de uso. Ao longo de oito meses, afirmo que no mínimo um a dois meses apenas observei para me retransformar enquanto pessoa, desconstruindo, construindo e reconstruindo opiniões, visões, estigmas e medos.

Acredito que esta prática eu exerça até hoje, mas com uma maturidade e um olhar muito mais elaborado e sensível do que outrora, e isso só foi possível devido a minha grande inserção no campo e interação com as pessoas e pelo tempo de acompanhamento, proporcionados pela etnografia. Hoje me sinto muito mais segura e madura para conversar, escutar e participar das experiências de vida de pessoas usuárias de crack, seja no meio em que vivem sem o uso do crack ou nas cenas de uso.

Durante minha vivência no campo para realização da etnografia, causei uma mistura de sentimentos nos usuários, uma combinação entre surpresa, espanto e admiração. Surpresa e espanto que relaciono com a baixa autoestima que possuem, vinculada com a subvalorização vinda deles por eles próprios. E a admiração por verem em mim alguém que resguardou seu tempo a dedicar-se a eles. Inicialmente julgava-me uma pessoa despida de preconceitos e aberta a aceitar as diferenças existentes entre pesquisador e pesquisados, apontando esta qualidade também como merecedora da admiração deles, no entanto, com minha inserção de fato em campo e me aproximando intensamente de uma realidade tão destoante da minha, compreendi que desconstruir opiniões, conceitos e experiências não é tarefa fácil, mas que foi amenizada com o ato de permitir-me desconstruir e construir-me como pessoa a cada dia, com cada nova vivência experienciada (FERREIRA, 2013).

Assim, trago uma breve fala de um usuário que criei um bom vínculo nestes oito meses de campo etnográfico, fala que foi dita em nosso primeiro encontro:

O que tu quer aqui nesse lugar horrível? Tu é muito corajosa, guria. Ninguém quer saber da gente [...] mas quando tu tiver as coisas sobre nós, quero saber de tudo. Boa sorte no teu trabalho aí, e se eu puder te ajudar, pode contar comigo. (Diário de Campo – Josué, 03.01.13) (FERREIRA, 2013 pg 57).

Esta fala posso afirmar, que foi o grande disparador para que eu desse continuidade na minha pesquisa, continuasse a dispensar parte do meu tempo e leituras para maior compreensão da vida destas pessoas e com isso, tentar proporcionar-lhes maior visibilidade e respeito enquanto seres humanos. O início da etnografia destaco que foi um desafio, e um desafio de conseguir criar um laço social mais estreito com os usuários de crack. Assim, me doeie a eles de forma a compartilhar meu tempo e meus dias, dedicar um olhar para eles de outra forma,

que fosse livre e natural. Eles me deram o melhor que poderiam dar de si próprios, procuravam contar com detalhes passagens de suas vidas, mostravam-se interessados e com expectativas positivas com a minha chegada em campo, além de compartilhar comigo seu cotidiano, sem reservas e sem filtros, mostrando-me simplesmente como as coisas são e acontecem. Para tanto, um laço social, uma constituição nasceu para ser deste modo. Mais do que compartilhar com eles os resultados e conclusões deste estudo, busquei retribuir tal acolhimento e aceitação de forma a mostrar para a sociedade que estes grupos são compostos por seres humanos que merecem visibilidade, respeito e dignidade, e que são, a maioria dos que convivi, carentes e necessitados de atenção, mesmo que para um simples desabafo e conversa informal, assim como qualquer pessoa, independente de ser usuário de drogas ou não (FERREIRA, 2013).

Em 2014, tive a oportunidade de participar de um evento que foi muito especial e fez com que eu tivesse plena certeza de seguir trabalhando nesta área, tive a oportunidade de apresentar parte dos resultados da minha dissertação no ENPOS (Encontro Nacional de Pós Graduação – UFPel) e meu trabalho foi grandiosamente reconhecido entre muitos outros trabalhos ganhando a premiação de Primeiro Lugar entre os trabalhos da área da saúde. Cada etapa de apresentação foi um momento único e de grande discussão entre a banca avaliadora, lembro-me que a cada etapa apresentada a banca encantava-se com meu trabalho e principalmente com a “coragem” que tive por me inserir nas cenas de uso, mostrando mais uma vez o estigma que envolve esta população, o medo como principal sentimento de pessoas leigas que não conhecem pessoas usuárias de crack inseridas no seu meio social. Esses sentimentos de desconhecimento e medo que andam juntos no imaginário das pessoas é o que me instiga a me aprofundar cada vez mais neste meio de uso de drogas e mostrar para a população seja ela do meio acadêmico ou não a vida de prazer, alegrias, dor, sofrimento, perdas, enfim, milhares de sentimentos que envolvem estas pessoas. Já em 2017, recebi um convite para participar de uma mesa redonda em um Congresso Internacional sobre Drogas abordando os resultados da minha dissertação, pois graças a publicação dos resultados, os organizadores do evento tiveram conhecimento do meu trabalho e então surgiu a oportunidade de compartilhar e discutir pessoalmente os resultados em um evento renomado dentro desta temática.

Ainda no mestrado consegui explorar e mostrar parte da realidade das pessoas que usam crack em grupos, o foco era observar essa relação grupal existente entre eles nas cenas de uso, bem como estratégias de sobrevivência, dinâmicas do grupo, organização, alianças e rituais de consumo. Em 2014, tive a oportunidade de ingressar no doutorado e continuar a construir e desenvolver meu projeto de seguir trabalhando junto a esta população, carregada de estigmas e preconceitos que vivem a margem da nossa sociedade. Hoje busco aprofundar como é a vida pessoal e íntima destas pessoas que fazem uso do crack, como conseguem se manter neste estilo de vida, contrariando toda e qualquer expectativa sobre a vida de um “viciado em crack”, já que usar crack vicia e mata em pouco tempo, conforme a crença popular. Almejo entender e identificar o que o fortalece neste meio, quais as relações sociais que o mantém, o papel da família, dos amigos, daqueles que viraram as costas. Busquei ouvir diretamente destas pessoas seus anseios, seus medos, suas experiências e vivências, pois só dando ênfase aos principais sujeitos deste contexto de uso de drogas, discriminação e preconceito é que saberemos da realidade e que a partir disto se consiga mudar e melhorar a atenção a esta população.

1 Introdução

Numa cena típica de consumo de crack o que encontra-se comumente são pessoas fumando e interagindo entre si, sentadas próximas umas das outras sob os efeitos da fumaça inalada (ALVES, 2015; FERREIRA, 2013). Esta prática de consumo existe possivelmente, anterior ao surgimento das primeiras civilizações humanas, e ainda encontra-se presente entre usuários de crack em cenas típicas de uso (popularmente conhecidas como *cracolândias*).

O consumo de substâncias psicoativas (SPA) na humanidade datam desde a pré-história, servindo ao ser humano para uma série de finalidades, que variam desde a busca pelo prazer, caracterizando um uso recreativo até fins religiosos, místicos e terapêuticos (MACRAE, 2003).

Uma das explicações que revela o motivo pelo qual durante muito tempo o uso de drogas foi aceito pacificamente entre os homens é que essa prática não representava ameaças maiores à sociedade e concentrava-se no núcleo de rituais coletivos que a sociedade reconhecia como expressão de seus próprios valores (MACRAE, 2003).

Até o final do século XIX, as práticas de uso dessas substâncias não eram consideradas como ato ameaçador à ordem social. Porém, a partir do século XX as práticas deste consumo e circulação de algumas substâncias passaram a ser regulamentadas e outras proibidas, por serem consideradas ameaças à ordem social e estarem relacionadas a problemas de saúde e desordem urbana (MACRAE, 2003; RAUPP, 2011).

Historicamente, diferentes substâncias psicoativas ganharam destaque no cenário mundial devido aos seus efeitos e consequências na área de saúde pública e de segurança. Vale destacar que a cocaína teve seu foco de atenção nas

primeiras décadas do século XX, ganhando popularidade por seus efeitos nocivos e nível de dependência, sendo seu uso altamente repreendido. Já na década de 30, as anfetaminas e outras drogas estimulantes ganharam espaço e destaque na sociedade e nos anos 80 a cocaína ganha força novamente sendo alvo de discussão quanto ao seu consumo, perdendo espaço e força nos anos 90 para o crack, que é droga proveniente da pasta da cocaína com valor inferior de venda, atingindo uma população muito maior para o consumo (FERREIRA; MARTINI, 2001). Desta forma, o crack é a substância que encontra-se em destaque na mídia hoje. Tal fato vem sendo supervalorizado e considerado como uma droga isolada e responsável por danos particulares e devastadores, quando que na verdade dificilmente há o consumo isolado, existem o álcool, o fumo, a maconha, entre outras, associados ao consumo do crack, refletindo em consequências tão graves ou maiores do que as do crack (BRASIL, 2013).

O crack aparece na 11^a posição das substâncias psicoativas ilícitas mais utilizadas no país (álcool e fumo são substâncias lícitas de maior consumo e dependência entre a população). No entanto, a atenção dispensada a ele deve-se ao fato da urgência do consumo da droga associado à intensidade do seu efeito, caracterizando o seu uso como um problema de saúde pública (CHAVES et al., 2011; CEBRID, 2007).

Em 2010 o tema das drogas ganhou destaque no panorama político-midiático brasileiro, e o crack foi a droga que mais impactou a saúde pública e que chamou a atenção pois seu uso foi atribuído a crimes violentos e pela suposta degradação moral de parte da juventude brasileira somado a ideia de que o crack vicia na primeira tragada e mata seus usuários em seis meses (BRASIL, 2013).

No entanto, no ano de 2018, já não se observa uma atenção midiática tão forte voltada para o crack como há oito anos, basta analisar a mídia e propagandas referente a prevenção do uso de drogas. Nada mais sobre o uso do crack é explorado com tanto foco e alarde.

O auge das ações contra o uso do crack se deram em 2010-2011 com o lançamento do Programa “Crack é possível vencer” e um projeto de grande repercussão nacional desenvolvido em São Paulo denominado “De Braços Abertos”, com ações que obtiveram grande sucesso em 2014, ações todas desenvolvidas em

consonância com a política sobre uso de drogas datada de 2003 que faz uma ênfase a perspectiva de redução de danos (BRASIL, 2013; PELEGRINNI, 2015).

No entanto, o crack e o seu usuário ainda são objetos de uma grande exploração midiática, tendo sua imagem comparada ou igualada a um “morto vivo”, “zumbi” e fortemente marginalizada (BOES, 2011). Cabe destacar que muito pouco se sabe a respeito de seu uso, além de uma série de preconceitos repetidos a exaustão, como a ideia de que sua experimentação leva imediatamente à compulsão e de que esta forma de uso é a única possível. Portanto, ao escolher discutir o problema do consumo do crack no país, procura-se cobrir uma lacuna imensa no conhecimento a respeito do uso de drogas (ALVES, 2015).

Mitos sobre a destrutividade do crack, para além dos riscos que de fato ele acarreta, ganharam a imprensa e a sociedade. Esses mitos influenciaram políticas públicas fazendo com que, por exemplo, a legislação dos Estados Unidos punisse com penas muito mais severas quem portasse crack do que quem portasse cocaína. A diferença não estava na droga, mas nas pessoas que faziam uso de uma ou outra droga. O uso de crack nos EUA foi muito maior entre negros e latinos do que entre a população branca. As leis que punem com maior rigor usuários de crack, só recentemente atenuadas, contribuíram para acentuar a desproporção entre negros e brancos na população carcerária daquele país, e mudaram para sempre a vida de centenas de milhares de cidadãos, em sua maioria homens jovens, negros e pobres. Com medidas como essa, a política de drogas dos EUA não só contribuiu para marginalizar essas centenas de milhares de pessoas, como provavelmente agravou o preconceito contra jovens negros e latinos como um todo naquele país, ao associar a esse grupo social a marca de uma droga demonizada pela sociedade (BRASIL, 2013). Episódios como esse exigem que discutamos não apenas os prejuízos que as drogas podem causar, mas também aqueles causados pelas políticas de drogas (BRASIL, 2013).

O Brasil iniciou ações para conhecer mais profundamente as pessoas que usam crack com a realização de uma pesquisa para saber quantos e quem eram os usuários regulares de crack no país. A pesquisa realizada pela Fundação Oswaldo Cruz com financiamento da SENAD/MJ mostrou que a prevalência de uso regular de crack nas capitais brasileiras era de 0,8% da população adulta, sendo que a dependência do álcool apresenta prevalência de oito a quinze vezes maiores que o crack. Por outro lado, o perfil dos usuários regulares de crack nas cenas de uso na

rua, maioria absoluta do total de usuários, trouxe conhecimentos de fundamental importância para orientar as políticas públicas. O perfil apresentado trouxe 80% de homens, na faixa dos 20 e 30 anos, fazendo uso de crack há 6,5 anos em média, dados que desmontam a hipótese que o crack mata em seis meses (BRASIL, 2013).

Neste panorama salienta-se que para a maioria da sociedade, usar crack é um ato repugnante e a tendência é o preconceito tornar-se visível perante estes dependentes. Assim, ser usuário de crack pode se tratar de uma intensa e difícil escolha para essas pessoas, comumente estigmatizadas e apontadas como sem valor, não merecendo estar no convívio social (ALMEIDA, 2010).

Desta forma, na intenção de manterem-se afastados dos olhos da sociedade e por ser uma atividade proibida e recriminada, os usuários de crack escolhem por agruparem-se e ficarem escondidos em locais estratégicos, que variam de residências particulares a casa de amigos ou ainda em locais públicos abandonados ou de pouca circulação de pessoas (FERREIRA, 2013).

As cenas de uso costumam ser um ambiente de grande agitação, circulação de pessoas e com uma gama de interações entre seus frequentadores. Estas interações costumam girar em torno das mais diversas atividades, destacando-se o intercâmbio e/ou as trocas de bens e serviços (ALVES, 2015). Estes ambientes são tomados por pessoas de diferentes perfis e personalidades, mulheres de alto astral, sorridentes, extrovertidas, carismáticas e comunicativas, bem como mulheres e homens com feições tristes, depressivas e introvertidas e também pessoas mais introspectivas e de difícil comunicação. Assim, as cenas de uso são compostas por ambientes e pessoas diferentes, com personalidade, sentimentos e experiências variadas que convivem entre si, dividindo o espaço e criando grupos que variam de acordo com as pessoas que estão presentes, assim como nos diferentes espaços de relações interpessoais da sociedade (FERREIRA, 2013).

No estudo realizado por Ferreira (2013) no município de Pelotas, foram identificados quatro locais de cenas de uso de crack, um local era residência particular (no qual a observação durou pouco tempo pois o grupo se dispersou por necessidade de venda da propriedade) e três locais eram públicos sendo um cemitério abandonado, um bairro na periferia de forte comercialização de drogas e uma rua próxima a zona central da cidade no qual comércio e consumo de crack e outras drogas são principais características deste local.

No entanto, após o término da etnografia de Ferreira (2013), por contato contínuo da pesquisadora com esta população, soube-se que todos os grupos presentes nestes locais enfraqueceram e dispersaram-se, exceto os bairros que possuem o comércio ilegal de drogas como atividade principal da região. Porém, destes dois bairros estudados, um apresentou uma característica muito particular, os grupos fortaleceram-se, ganharam força e maior número de usuários, além de construção de barracos em meio ao lixo para abrigo e proteção para o consumo, fato que mais chamou a atenção na organização dos usuários diante das adversidades encontradas por eles nas ruas (FERREIRA, 2013).

Para compreender esta característica forte que permeia a população usuária de crack, que são as construções de barracos, Alves (2015) faz referência a um usuário que afirma que fumar na rua, exposto à presença da polícia e de não usuários, lhe “rouba a brisa”, ou seja, interfere no prazer proporcionado pelo efeito do crack. Desta forma, preservar os não usuários do impacto provocado pela visão do consumo de crack pode ser um valor. Para tanto, recorre-se às tecnologias disponíveis na rua para o abrigo e intimidade. O barraco é a principal tecnologia disponível na rua para o abrigo e proteção; sua constituição é tão variada quanto são os materiais disponíveis, habilidade e gostos pessoais. Pode ser construído a partir de materiais diversos como lona, papelão ou cobertores e ser apoiado em uma parede ou carroça. O barraco pode ter ou não um colchão, ser feito para se sentar ou deitar, ou mesmo para os dois propósitos. Surge, então, um ambiente íntimo, adequado para o uso seguro da droga, livre da vergonha de se estar agredindo os valores dos passantes, assim como da radiação vinda de fora. O barraco é suficientemente permeável a ponto de possibilitar a requisição de bens e serviços disponíveis no lado externo e ao mesmo tempo acompanhar alguma agitação maior na rua (ALVES, 2015).

Os estudos existentes abordados neste trabalho e a etnografia realizada na cidade de Pelotas mostram um pouco da realidade vivenciada por alguns usuários de crack. Esta tese buscou compreender em maior profundidade a vida e as relações sociais de pessoas que mantêm esta prática de consumir crack, como sobrevivem, aonde buscam apoio, suas relações sociais, pois a política que os respaldam existe há 13 anos e deseja-se saber como isto ajudou ou não suas vidas ao longo deste tempo. Para tanto, a coleta de dados desta tese busca dar continuidade a atenção direcionada a esta população iniciada com o mestrado em

2012 só que agora aprofundando suas histórias de vida permeando suas sanções e relações sociais e buscando conhecer entraves e ganhos na vida desses usuários, sob respaldo da teoria dos dons e dádivas.

A luz da antropologia, optou-se por abordar a teoria dos dons e dádivas, escrita por Marcel Mauss, para guiar a construção desta pesquisa. Esta escolha foi feita pois acredita-se que o conceito desenvolvido por Mauss abarca o sentido das relações de trocas e relações sociais entre os indivíduos pois entende-se por dom ou dádiva tudo que circula na sociedade que não está ligado nem ao mercado, nem ao Estado e nem à violência física. É o que circula em prol do ou em nome do laço social. Exemplificando, basta pensar o que circula entre amigos, entre vizinhos, entre parentes, sob a forma de presentes, de hospitalidade e de serviços (GODBOUT, 1998). Trata-se da ação de dar, receber e retribuir, pôr em circulação os presentes, benefícios ou também os malefícios. A relação social flui contrariamente aos parâmetros de mercado ou de contratos e tende à construção do laço social que é mais importante que o bem em questão nas relações de troca (CAILLÉ, 2002). Este conceito explica o tipo de relação e o que motiva os usuários de drogas a manterem-se organizados em grupos ajudando-se mutuamente, o que nos faz refletir que as relações estabelecidas entre eles vai além do bem material e pelo simples acesso a droga, o que nos leva a pensar que talvez seja a possibilidade de troca entre iguais (FERREIRA, 2013).

No entanto, as pessoas usuárias de crack além de manterem suas relações sociais são pessoas que por motivos atrelados ao significado do crack e principalmente por preconceito e estigmas vivem constantemente sanções no meio em que vivem, justamente por se tratar de um ato ilegal que rompe com as normas e regras do correto dentro da nossa sociedade. Dentro das sociedades em geral existem normas éticas que referem-se a comportamentos que devem ser respeitados, contendo em sua essência a possibilidade do descumprimento dentro das relações humanas. Estas normas deveriam ser compreendidas na sociedade manifestando ações de respeito mútuo e solidariedade, aperfeiçoando cada vez mais a vida comum. No entanto, não é desta forma que as relações se estabelecem e as pessoas rompemos limites estabelecidos pelas normas éticas. Para tentar minimizar o índice de descumprimento das normas éticas que limitam os comportamentos sociais, surgem outras normas (também éticas) chamadas “sanções”. A sanção, assim, é uma consequência atribuída à observância ou não de

um comportamento previsto em uma norma ética anterior, que pode estimulá-lo ou reprimi-lo (BETIOLI, 2011).

Desta forma é conceituado sanção no âmbito jurídico, porém no contexto deste estudo sanção não está relacionado a uma lógica jurídica em que o sujeito faz algo errado e recebe uma sanção imediata, e sim está atrelado a pensar o quanto esta sanção significa violação pois diante do conhecimento da existência de políticas públicas e políticas de direitos humanos, pensar em perda da infância e da adolescência, falta de liberdade e direitos fundamentais como moradia, alimento e educação, realidades de muitos usuários de crack, não compactuando com a ideia do que é certo ou errado, e sim analisar sob a ótica dos direitos humanos. Isso são violações que partem tanto da polícia quanto dos traficantes, ou da própria família ou ainda entre os próprios usuários de crack

Diante de todo o exposto, emergem os seguintes pressupostos:

- As pessoas conseguem construir uma vida cotidiana em torno do uso do crack que preenche o tempo diário com atividades como a busca por meios para sustentar o consumo, as relações afetivas, as conversas e uma grande gama de atividades condizentes com a situação de viver na rua (dons e dádivas). Pensa-se assim na existência de uma dependência social de todas estas relações, vínculos e práticas proporcionadas pelo uso do crack. Salienta-se ainda a relação de troca para favorecer a sintonia entre usuários mantendo certos valores como a reciprocidade e a confiança encontradas nas relações sociais dentro das cenas de uso ou nas trocas individuais.
- A família aparece como principal entidade de vínculo social, podendo ajudar na recuperação da dependência do uso da droga ou ainda pode contribuir de forma negativa através da cultura do uso de substâncias lícitas e ilícitas ou ainda por violência doméstica ou agressão.

Neste aspecto, destaco a justificativa deste estudo, que busca dar ênfase mais uma vez a estas pessoas que vivem este estilo de vida muitas vezes nada fácil, permeada de violência, discriminação, preconceito. Como as pessoas usuárias de crack conseguem manter uma vida de dependência com uma substância popularmente conhecida por viciar, estigmatizar e em algumas situações favorecer a morte? Quais as bases e relações destes usuários para romper com todo este paradigma?

Destaca-se também a necessidade de mais pesquisas exploratórias no campo antropológico, que visem revelar os múltiplos perfis dos usos e usuários de crack, suas significações e seus simbolismos em relação à troca (dar, receber e retribuir), a droga, ao corpo, à higiene pessoal, às patologias e enfermidades, aos lugares de venda e consumo das substâncias secundárias e comuns ao uso da “pedra”, assim como os instrumentos utilizados.

A antropologia é uma ferramenta importante para conhecer em profundidade os fenômenos sociais atrelados a pessoas que usam drogas. As pesquisas no âmbito sociocultural e antropológico sobre o uso do crack procuram descrever esse contexto de vida e os comportamentos típicos dos consumidores (RIBEIRO; NAPPO; SANCHEZ, 2012). Os estudos existentes sobre esta temática, em sua maioria, buscam traçar o perfil da pessoa que faz uso de crack, dados epidemiológicos e os danos causados pelo seu consumo.

Desse modo, frente ao exposto e baseado na teoria dos dons e dádivas surgiu a seguinte questão investigativa:

“Como se organiza a vida de pessoas usuárias de crack considerando as relações e as sanções sociais por elas vividas ou experienciadas?”

2 Objetivos

2.1 Objetivo Geral

Compreender a organização da vida de pessoas usuárias de crack na perspectiva das relações e sanções sociais por elas vividas ou experienciadas.

2.2 Objetivos específicos

Conhecer como as pessoas que mantêm o hábito de usar crack se organizam na vida e no seu dia a dia.

Conhecer a qualidade das relações sociais na perspectiva da pessoa que usa crack com a família, amigos e outras pessoas que usam crack.

3 Revisão de Literatura

Com a finalidade de sustentar teoricamente este projeto, foi feita uma revisão na literatura para explorar o que há de publicação acerca da temática trabalhada. Assim, os temas explorados e apresentados a seguir são: História da cocaína e surgimento do crack; Perfil dos usuários de crack; Relações Sociais de usuários de crack; Políticas Públicas sobre drogas.

3.1 História da cocaína e o surgimento do crack

A cocaína é uma substância extraída das folhas da planta *Erythroxylon coca*, nativa da América Andina, e é um estimulante do sistema nervoso central (RIBEIRO; LARANJEIRA; DUNN, 1998). Sua ação proporciona maior lucidez e concentração, deixa o indivíduo em estado de alerta, causa eliminação do cansaço, sensação de bem-estar e euforia, desinibição e maior sociabilidade (RAUPP; ADORNO, 2011).

O uso da cocaína tem suas raízes nas grandes civilizações pré-colombianas dos Andes que, há mais de 4500 anos, já conheciam e utilizavam a folha extraída da planta. Numerosas lendas se referem a ela em associação aos mistérios sagrados da fertilidade, da sobrevivência e da morte, assim como de práticas curativas (FERREIRA; MARTINI, 2001).

Existem tribos da Bacia Amazônica, na região fronteira entre Venezuela, Colômbia e Brasil, que mantêm o hábito de mascar o “epadu” (denominação dada à coca no norte do Brasil) como forma de preparo das folhas torradas misturadas com elementos alcalinos, transformadas em pó e agrupadas em pequenas bolinhas. Rotineiramente, pessoas mais idosas ingerem o pó várias vezes ao dia na busca do bem-estar, ação euforizante e também devido ao valor nutritivo da planta (FERREIRA; MARTINI, 2001).

Na Europa, os primeiros relatos do uso da coca foram abordados por Américo Vespúcio (1499), publicados em 1507, que descreve a folha da planta sendo mastigada com cinzas (forma de consumo utilizada até hoje e que confere sensação semelhante ao estímulo provocado pela ingestão elevada de cafeína). Os hispânicos classificaram a coca como uma planta “enviada pelo demônio para destruir os nativos”, porém a proibição do seu uso não perpetuou, pois os espanhóis constataram que os índios não conseguiam desenvolver tarefas pesadas sem o uso da coca, e em 1569 o ato de mascar coca foi declarado uma prática saudável e essencial à saúde do índio (FERREIRA; MARTINI, 2001).

Nos anos de 1920 e 30, os traços de efeitos indesejáveis e dependência da droga começaram a ser observados e descritos, e, com isso, a substância passou a ter seu consumo proibido. Porém, voltou a chamar a atenção novamente nos anos 80, devido ao efeito na melhoria do desempenho no trabalho e bastante euforizante, de modo glamourizado na alta sociedade (ALVES; RIBEIRO; CASTRO, 2011). Sendo assim, nos Estados Unidos, devido à forte explosão do consumo, houve uma repressão aos laboratórios de refino de cocaína e produtos como éter e acetona, necessários para sua produção, foram retirados de circulação no mercado, ocasionando dificuldade da comercialização da droga em pó (RAUPP; ADORNO, 2011).

Nesse cenário, uma nova fórmula caseira da droga foi criada por traficantes para dar seguimento à venda da substância. Diluindo-se pequenas quantidades de cloridrato de cocaína em bicarbonato de sódio ou amoníaco de água, tem-se a produção do crack. Portanto, o crack é considerado uma nova forma de apresentação e administração da cocaína, obtida por adição de uma base que permite seu uso por via fumada, através de cachimbos artesanais próprios para o seu uso (MALHEIRO; MAC RAE, 2011). Draus e Carlson (2007) apontam em seus estudos o surgimento inicial do crack sendo nos Estados Unidos e caracterizado como um problema de alto perfil social em grandes áreas urbanas, em meados dos anos 1980. A inovação do "crack" foi em grande parte uma questão de marketing: cocaína, que na sua forma de pó (Cloridrato de cocaína) era muito caro e de acesso a poucos, a qual foi rapidamente disponibilizada em pequenas unidades (pedras), de fácil acesso, podendo ser fumadas, causando um potente efeito, de curta duração seguido de euforia. O impacto da nova forma de apresentação da “cocaína” foi

enorme, especialmente em países pobres e bairros urbanos onde se agravam os ciclos viciosos, a criminalidade, o desemprego e a negligência.

No Brasil, as únicas informações sobre a chegada da droga no país são provenientes da imprensa ou de órgãos policiais (PERRENOUD; RIBEIRO, 2012). O primeiro relato de uso de crack no Brasil se deu em São Paulo no ano de 1989. Em 1991 houve a primeira apreensão policial da droga, momento em que, a partir daí, só veio a aumentar, progredindo de 204 apreensões em 1993 para 1906 no ano de 1995, fato que aponta a rápida popularização e crescimento do consumo da droga no país (OLIVEIRA; NAPO, 2008a).

Neste acelerado processo de popularização, os traficantes tiveram sua contribuição através de suas habilidosas táticas de mercado, pois, como maneira de divulgar a droga, foram esgotadas em todos os pontos de venda todas as reservas dos demais tipos de substâncias ilícitas, ficando à disposição do consumidor somente a pedra de crack, logo, o consumidor, sem alternativas, acabara por consumir o crack aderindo ao seu uso. Além do fato do baixo custo financeiro (cinco reais cada pedra), o que lhe conferia a falsa sensação de ser a droga mais barata do mercado (OLIVEIRA; NAPO, 2008b).

O crack é uma droga que produz uma euforia de grande magnitude e de curta duração, seguida de intensa fissura e desejo de repetir a dose, dessa forma, logo se percebeu o potencial altamente dependógeno dessa substância (ALVES; RIBEIRO; CASTRO, 2011).

Outro fator que contribuiu para rápida propagação do crack foi por se tratar de uma droga em que a via de administração é a via pulmonar, muitos consumidores de cocaína injetável substituíram seu uso pelo crack por medo da contaminação pelo HIV e também devido ao baixo preço agregado à droga, que atingiu as camadas mais populares (ALVES; RIBEIRO; CASTRO, 2011).

É comum, entre dependentes de crack, o hábito de passar noites e dias seguidos consumindo a droga até a sua completa exaustão, sem dormir e sem alimentar-se. Isso implica uma grande vulnerabilidade a doenças clínicas, desnutrição, e pela necessidade de consumir mais droga, comportamentos impulsivos, violentos e promiscuidade, no sentido de “lutar” pela obtenção da droga (ALVES; RIBEIRO; CASTRO, 2011).

O crack e a cocaína desencadeiam efeitos similares no organismo quando consumidos, no entanto a diferença principal entre essas substâncias é a via de

consumo. O crack é consumido por via pulmonar (fumado), sendo assim, possuindo uma absorção instantânea pelo fato de o pulmão ser um órgão altamente vascularizado, fazendo com que os primeiros efeitos apareçam entre 10-15 segundos. Em contrapartida, a cocaína pode ser utilizada por via venosa ou aspiração do pó, a aspiração demora cerca de 10-15 minutos para desencadear os primeiros efeitos, e por via injetável, de 3 a 5 minutos. Diante deste cenário do período para que as sensações se manifestem nas pessoas, o crack é considerado uma droga “poderosa”, já que o prazer é praticamente instantâneo (CARLINI, NAPPO, GALDURÓZ et al., 2001).

Porém, o crack, tendo esta característica rápida de absorção, possui nas mesmas proporções a durabilidade de seus efeitos. A sensação causada no organismo com seu consumo dura cerca de 5 minutos, enquanto que a cocaína dura média de 20 a 45 minutos. Esta característica de aceleração de todo o processo de fumar crack (absorção e durabilidade) induz a pessoa a fazer uso mais frequente da pedra em busca de prazer mais duradouro, levando-a à dependência química mais rápido em relação a outras drogas (CARLINI, NAPPO, GALDURÓZ et al., 2001).

Os efeitos mais marcantes do crack são a enorme sensação de prazer, intensa euforia e poder. Além desse prazer, a hiperatividade, insônia, perda de sensação do cansaço e falta de apetite são efeitos característicos proporcionados pelo uso da droga. Em menos de um mês, a pessoa perde cerca de 8 a 10 quilos do seu peso corporal e, em um tempo maior de uso, perde a noção básica de higiene pessoal e também perde-se de forma acentuada o interesse sexual, evoluindo para sensações desagradáveis de cansaço e depressão (NAPPO; GALDURÓZ; MATTEI, 1996).

Apesar de o crack aparecer na décima primeira posição das drogas mais utilizadas no país, a atenção dispensada a ele deve-se ao fato de a urgência do consumo da droga, associado à intensidade do seu efeito, caracterizar o seu uso como um problema de saúde pública (CHAVES, SANCHES, RIBEIRO et al., 2011).

3.2 Perfil das pessoas que consomem crack e padrões de uso

O perfil do usuário de crack, descrito pela primeira vez por Nappo, Galduróz e Mattei (1996), foi identificado como homem, jovem, de baixa escolaridade e sem vínculos empregatícios formais, estas pessoas consumiam exaustivamente a droga até que se esgotassem física, psíquica ou financeiramente.

Alves, Ribeiro e Castro (2011) apontam ainda que o crack, no seu surgimento, era uma droga utilizada comumente em grupos, dentro de casas, com graus variados de abandono e precariedade (crack houses).

Os motivos para o consumo do crack modificou-se com o passar dos anos; no início da década de 90, a “busca por sensação de prazer” era a justificativa mais marcante, já, ao final desta mesma década, o consumo era estimulado por compulsão, dependência ou como forma de lidar com problemas familiares e frustrações (RIBEIRO, DUALIBI, PERRENOUD et al., 2012).

Estudos mais recentes realizados por Dualibi, Ribeiro e Laranjeira (2008) e por Oliveira e Nappo (2008a) apontam um perfil mais detalhado das pessoas que consomem o crack, sendo pessoas jovens (sem distinção de sexo), desempregadas, com baixa escolaridade e baixo poder aquisitivo, provenientes de famílias com antecedentes de uso de múltiplas drogas e comportamento sexual de risco. Destacam, ainda, que o uso do crack vem sendo observado em idades cada vez mais precoces, em todo o país e em todas as classes sociais.

Esta observação dispensada aos mais jovens, público que vem crescendo no consumo do crack, justifica-se conforme o estudo de Marques e Cruz (2000):

“(...) pelo fato da adolescência ser um momento especial na vida do indivíduo. Nessa etapa, o jovem não aceita orientações, pois está testando a possibilidade de ser adulto, de ter poder e controle sobre si mesmo. É um momento de diferenciação em que ‘naturalmente’ afasta-se da família e adere ao seu grupo de iguais. Se esse grupo estiver experimentalmente usando drogas, o pressiona a usar também. Ao entrar em contato com drogas nesse período de maior vulnerabilidade, expõe-se também a muitos riscos.”

Quanto ao sexo da pessoa que faz uso do crack, a inclusão das mulheres na cultura do uso agravou-se no contexto do consumo da droga, pois as mulheres possuem e usam seu corpo como forma de negociação para obter a droga, trocando sexo por crack ou dinheiro, submetendo-se ao risco de infecção por HIV e outras doenças sexualmente transmissíveis. Atitudes que interferem negativamente na

saúde e funcionamento social da pessoa que usa crack de forma a marginalizá-la (NAPPO et al., 1999).

Em uma revisão realizada por Perrenoud e Ribeiro (2012), estes apontam que quem faz uso de crack apresenta um padrão mais grave de consumo, maior envolvimento em atividades ilegais e prostituição, maior risco dos efeitos adversos da substância e maior chance de morar ou ter morado na rua. Outro perfil detectado foi a migração do uso da cocaína em pó para o crack em busca de efeitos mais potentes da droga.

Quanto ao padrão de uso da cocaína e do crack, segundo Ribeiro, Napo e Sanchez (2012), independente da via de administração, as pessoas que consomem essas substâncias as usam com regularidade. Quanto ao crack, seu padrão de consumo consiste na utilização da droga pelo menos três vezes por semana. O padrão compulsivo de consumo é o mais recorrente, com duração de vários dias e múltiplos episódios. Ainda, o crack apresenta maiores episódios de fissura e perda do controle sobre o uso da droga, levando a pessoa a consumir grandes quantidades por diversas horas e dias consecutivos.

Há dois conceitos de padrão de uso para o consumo de drogas descritos por Zinberg (1986), o uso “controlado” e o uso “compulsivo”. Para descrever esses conceitos, foi realizada uma pesquisa com pessoas que fumavam maconha, psicodélicos e opiáceos, para mostrar que uma quantidade significativa dessas pessoas conseguia manter equilíbrio entre consumo, cuidados de saúde e autonomia perante a droga. Com isso, diferenciaram-se os termos “uso controlado” e “uso compulsivo”, no qual o primeiro teria baixos custos para a sociedade e não causaria danos sociais ao indivíduo; já o segundo conceito se define por um uso descontrolado e disfuncional, tendo efeitos contrários ao primeiro.

A pessoa que faz uso controlado de drogas costuma definir a quantidade ideal da droga a ser consumida de modo que esta não interfira nas atividades diárias ou limite meios físicos e sociais que propiciem segurança, propondo padrões de comportamento e mantendo suas atividades sociais (ZINBERG, 1986).

Contrário ao conceito de uso controlado, a forma abusiva de uso é marcada por um consumo diário e intenso em que o indivíduo não mais mantém o controle sobre o uso, seu pensamento foca-se somente na garantia da próxima pedra, de forma que atividades e compromissos como o sono, alimentação, afeto, senso de responsabilidade e sobrevivência deixam de ser prioridade (ZINBERG, 1986).

Estratégias são utilizadas entre as pessoas que consomem drogas para amenizar seus efeitos e conciliar de forma positiva este hábito ao seu estilo de vida, caracterizando esta prática como “uso controlado” e quebrando a visão de que toda pessoa que usa drogas possui comportamento compulsivo. Trata-se de ações comuns caracterizadas como redução de danos, como beber água, alimentar-se antes do uso, dormir, intercalar o crack com drogas mais leves, crack com tabaco (pitolho), crack com maconha (mesclado ou melado), e ainda intercalar com álcool. Essas associações são utilizadas tanto para potencializar o efeito do crack quanto para amenizar alguns efeitos como delírio e alucinações (OLIVEIRA; NAPPO, 2008a,b).

3.3 Relações Sociais de usuários de crack

Esta sessão mostrará formas de relações sociais existentes na vida de usuários de crack, apontando a família como principal grupo de relação que interfere tanto positiva quanto negativamente na forma de consumo de crack, relações de interesse também existem referente a amigos e a outras pessoas próximas afim de ter acesso fácil e rápido ao crack.

No que tange a relação familiar, Seleglim e Oliveira (2013) relatam que há carência de estudos brasileiros sobre os aspectos familiares associadas ao uso de *crack*. No entanto, um estudo realizado com o objetivo de conhecer o vínculo familiar de usuários atendidos em um serviço de emergência psiquiátrica identificou graves perdas nos vínculos relacionais dos usuários em relação à família e ao meio social, presença de drogas e violência no ambiente familiar (SELEGUIM; OLIVEIRA, 2013).

A instituição familiar é considerada um dos elos mais fortes que pode levar ao uso de álcool e drogas, além de também atuar como importante fator de proteção. Isso se justifica pelo fato de que o consumo de substâncias psicoativas é aprendido, predominantemente, a partir das interações estabelecidas entre os indivíduos e suas fontes primárias de socialização que, no Ocidente, correspondem à família, à escola e ao grupo de amigos (SELEGHIM, MARANGONI, MARCON. et al, 2011).

O consumo de crack pode ser caracterizado como um fenômeno devastador uma vez que trata-se de uma prática com grandes repercussões não só para os usuários, mas também para as famílias, pessoas ao redor e comunidade em geral (SIQUEIRA, BACKES, MORESCHI et al, 2015).

As abordagens evidenciadas no contexto do uso do crack apontam que a maioria dos casos de usuários de crack apresentam lacunas familiares destacando-se a ausência da figura paterna. Tal situação pode contribuir para a perda de referências dos filhos e desencadear um ambiente de fragilidades, expondo-os a situações em que propiciam vivências de más condutas, juntamente com amigos ou pessoas de influências não tão corretas. É nesse contexto de fragilidades que a droga encontra espaço vulnerável para se inserir em tal situação, influenciando de fato no consumo abusivo de substâncias psicoativas (SELEGUIM, OLIVEIRA, 2013).

Trad, Trad e Romani (2013) também descrevem a figura paterna como possível fator desencadeante para o uso de drogas envolvendo a questão da impossibilidade de introjetar uma figura paterna estável ou a ausência de um modelo de pai com o qual pudesse se identificar, pais omissos ou agressivos, ou ainda famílias que apresentam-se permissivas frente ao uso de drogas.

Estudos ainda revelam que as práticas culturais familiares, por vezes, são estímulos para a experimentação e a continuidade do uso de drogas, pois a família, como geradora de cultura, transmite crenças e expectativas sobre os papéis sociais, o modo de vida de homens e mulheres, as relações interpessoais e também o uso de drogas (SELEGHIM, OLIVEIRA, 2013).

É fundamental, no desenvolvimento do indivíduo, a forma como ele é criado pela família, estando sob a responsabilidade dos pais, principalmente no que se refere à proteção contra os fatores de risco relacionados às drogas (SELEGHIM et al, 2011)

O ambiente familiar apresentou vários elementos considerados desfavoráveis que atuaram como elemento facilitador ao uso de drogas e ao *crack*: de ciência de suporte parental, cultura familiar do uso de álcool e de outras drogas, conflitos familiares, desinformação e desconhecimento familiar sobre o uso do *crack* e outras drogas (SELEGHIM, OLIVEIRA, 2013).

Estudo realizado por Seleguim et al (2011) aponta o papel da família e do vínculo familiar na resistência dos indivíduos às adversidades, verificou-se vários eventos desfavoráveis, que podem ter atuado como fator indutor ao início do uso de drogas: doenças na família, principalmente uso de álcool e drogas, brigas e separação dos cônjuges, violência intrafamiliar física e psicológica e rupturas dos vínculos relacionais com a família e com o meio social. Evidenciaram-se, nos casos investigados, a perda dos vínculos relacionais na família e no meio social, presença

de uso de drogas e violência no ambiente familiar.

A organização e o estilo de vida da família surge como uma das principais consequências do uso do crack, visto que afeta profundamente as relações, a convivência e a interdependência entre seus componentes. O uso de substâncias psicoativas é um aspecto relevante, pois, de maneira direta ou indireta, acaba por afetar todos os integrantes deste meio (SIQUEIRA, BACKES, MORESCHI et al, 2015).

Estudo realizado com familiares de usuários de crack evidencia que o uso da droga causa impacto direto no cotidiano familiar, visto que a família passa a conviver em condições, na maioria das vezes, de total incerteza, desordem e contínua necessidade de reorganização. A incerteza expressa-se, concretamente, por meio de sentimentos de insegurança, medo, dor e crise familiar, os quais repercutem nas relações e interações entre todos os membros da família e comunidade (SIQUEIRA, BACKES, MORESCHI et al, 2015).

O crack é apreendido pela família como um fenômeno devastador e desagregador por gerar situações de incerteza e, na maioria das vezes, desordem no ambiente familiar, por desconhecerem as perspectivas de futuro, tanto do usuário da droga quanto da própria família (SIQUEIRA, BACKES, MORESCHI et al, 2015).

Percebe-se que a dependência química resultante do uso do crack induz o desenvolvimento de atitudes desesperadoras e, muitas vezes, equivocadas por parte dos próprios familiares, na busca de proporcionar segurança. Em outras palavras, o receio de surtos devido à vontade intensa provocada pela droga, direciona-os a adotarem condutas que contradizem o propósito de ajuda ao membro dependente. Em alguns casos o familiar acaba assumindo a aquisição da droga, com o pensamento voltado a manter o familiar usuário de droga com sua integridade física preservada, afastando-o de situações de risco iminente (SIQUEIRA, BACKES, MORESCHI et al, 2015).

Existe ainda uma preocupação vivida por pais e mães de usuários referente a violência que eles podem sofrer nas ruas, pois muitos acreditam que seus filhos possam ser envolvidos em armadilhas postas pelos grupos criminosos que operam à margem da luz do Estado e do tráfico, assim, vivendo sob constante temor (TRAD, TRAD, ROMANI, 2013).

Percebe-se que a religiosidade, a participação em grupos de apoio, a terapia com especialistas e outros, constituem-se em fatores favoráveis capazes de auxiliar

no processo de enfrentamento da desordem e incertezas (SIQUEIRA et al, 2012).

Em relação aos aspectos desfavoráveis, os vizinhos parecem não aceitar a reinserção do usuário no convívio comunitário por entenderem que este fere as relações e interações sociais. Assim, a família, especificamente a mãe, busca incansavelmente alternativas para ajudar o filho que vive em função da droga. As estratégias apontadas por elas são as mais diversas, vão desde a violência física até a busca pela espiritualidade (SIQUEIRA, BACKES, MORESCHI et al, 2015).

A família é considerada como fator norteador para o sucesso na abstinência ou redução do consumo do usuário de crack. Portanto ela necessita de um apoio profissional no sentido que ela seja ouvida e tenha participação ativa no processo do tratamento. Porém, é comum que a família apresente dúvidas em relação a sua participação, principalmente, quando começam a emergir as dificuldades. Para isso, é preciso reforçar acerca da importância da atuação do profissional da saúde neste viés, na qual busca entender e compreender as dificuldades evidenciadas pelas famílias, promovendo ações educativas para que essas aprendam a lidar com os seus sentimentos (SIQUEIRA, 2011).

A família e o companheiro do usuário de crack apareceram nos depoimentos do estudo de Cruz, Campos e Silva et al (2012) como as principais redes de apoio dos usuários. Um importante papel na criação de condições relacionadas tanto ao uso abusivo de drogas, quanto aos fatores de proteção, porém muitos usuários acabam se afastando de seus familiares devido a não aceitação de seus pais, recorrendo a estes apenas em situações emergenciais. Neste sentido, o companheiro, muitas vezes, também usuário de drogas preenche este vácuo deixado pelos familiares, sendo tratados como se fossem os primeiros em importância na vida.

Além da relação familiar, um outro tipo de relação que se destaca entre usuários de crack são com amigos ou pessoas próximas de seu convívio que podem facilitar o acesso a droga ou ajudar em situações adversas ao uso da droga.

Um dos riscos existentes que envolve o consumo do crack é a fissura, na qual envolve estratégias e recursos para a compra do crack. A modalidade de obtenção de recurso mais citada entre as mulheres foi a prostituição, também observada em alguns homens. Os riscos dessa prática concentraram-se em gestação indesejada e a conseqüente tentativa de aborto, além de contaminação por doenças sexualmente transmissíveis. O não uso de preservativos foi relatado e a urgência pela droga

sobrepõe-se aos cuidados que acreditam ser necessários (RIBEIRO, SANCHEZ, NAPPO, 2010).

Nappo et al (2011) reafirma esta prática de fissura, pois em seu estudo com usuários, para as mulheres em fissura, a prostituição é uma prática quase unânime, embora não exclusiva delas, homens heterossexuais, relatam também praticar sexo com outros homens quando estão em fissura (NAPPO, GALDURÓZ, RAYMUNNDO et al, 2011).

Existe também a relação com quem comercializa a droga, relação esta que é frágil e perigosa pois a violência nos pontos de venda foi apontada como um dos principais riscos do uso do *crack* e se intensifica quando as regras locais do tráfico são descumpridas. O principal risco seria não honrar dívidas com o traficante, pois uma das consequências pode ser a morte do usuário. Além das dívidas, foi apontado o fator confusão com outros usuários neste local, o que pode chamar atenção da polícia, o que prejudica a dinâmica local. Assim, roubar ou usar o *crack* no ambiente de compra também resulta em punições, sobretudo, em agressões físicas (RIBEIRO, SANCHEZ, NAPPO, 2010).

A maioria dos relatos revelou que as regras do tráfico devem ser seguidas rigorosamente, pois as consequências são graves: não fazer dívida foi a mais citada, seguida por não tentar negociar com o traficante, falar pouco no momento da compra e nunca chegar alterado (RIBEIRO, SANCHEZ, NAPPO, 2010).

No que diz respeito a cenas de uso, observa-se que o crack é utilizado nos mais diversos espaços. Pode acontecer de forma isolada ou de forma coletiva. Na casa de amigos, parentes ou até mesmo na própria casa. Nos discursos podemos perceber que há vários espaços onde este uso pode acontecer, diferentemente do que vem sendo demonstrado na mídia; que os locais de uso estão concentrados nas cracolândias, lugares específicos, geralmente na área central das grandes cidades (FERREIRA, 2013; JORGE, QUINDERÉ, YASUI et al, 2013).

A relação com outros usuários de crack foi mencionada quanto ao fato de ter companhia para o uso como forma de sanar os medos decorrentes das perturbações auditivas/visuais ou de obter ajuda nos possíveis episódios de *overdose* (RIBEIRO, SANCHEZ, NAPPO, 2010).

O medo de serem abordados pela polícia e não terem com quem dividir o problema também pesa na decisão de compartilhar o uso. Já outros relatam que uma estratégia para lidar com o possível risco de lesões, decorrentes dos

desentendimentos entre os membros do grupo provocados pela fissura e paranóia, seria utilizar a droga sozinho, sem companhia, tal estratégia associa-se ao medo da violência em geral, normalmente briga nos grupos pelo aumento de agressividade, sozinhos evitariam estímulos para roubarem e riscos consequentes (RIBEIRO, SANCHEZ, NAPPO, 2010).

Outra característica trazida nos discursos é o fato dos usuários geralmente elegerem estes lugares de uso e permanecerem sem se comunicar com mais ninguém. Mantêm-se isolados ou em grupo fazendo somente uso da substância, ou seja, os usuários se “internam” em algum espaço para ficar só usando a droga (JORGE, QUINDERÉ, YASUI et al, 2013).

Locais protegidos para consumo foram percebidos como estratégias para diminuir riscos de violência e lesões. Utilizar *crack* em casa, seja própria ou de colegas, foi a opção mais comum. Hotéis, especialmente da região central da cidade de São Paulo, zona conhecida como cracolândia, também são habituais. A proximidade com as bocas de venda, a prostituição enraizada nessa região e a “aceitação” dos envolvidos (como os responsáveis pelos hotéis) acabam facilitando o uso (RIBEIRO, SANCHEZ, NAPPO, 2010).

O ambiente em que se consome o crack é pautado pela desconfiança; os usuários que antes conseguiam compartilhar as experiências positivas do uso começam a se desorganizar socialmente, ou tendo que se organizar de outra forma. O contexto social de uso do crack, embora haja compartilhamento entre os usuários, também apresenta desconfianças e intrigas. Isto extrapola para os demais espaços de convívio social do usuário, como trabalho, família etc. (JORGE, QUINDERÉ, YASUI et al, 2013).

O usuário de crack torna-se manipulador quando está em fissura. A mentira e a dissimulação foram as formas mais relatadas na pesquisa de Nappo et al (2011) em São Paulo. Os entrevistados mostraram ter consciência dessa mudança na personalidade e da perda da confiança de muitas pessoas. Mesmo após o abandono do uso de crack, os ex-usuários relataram não recuperar a confiança das pessoas próximas.

Evitar o contexto social de uso de crack, afastar-se do local e dos amigos de consumo, foi citado como forma de não permitir que a fissura se desenvolva. Em alguns casos, os próprios usuários procuraram a internação, pois restringir a própria liberdade impossibilita o contato com o contexto de uso, impedindo o

desenvolvimento da fissura (NAPPO, GALDURÓZ, RAYMUNNDO et al, 1999).

Determinados grupos sociais apresentam maior vulnerabilidade quando utilizam o crack, demonstrando que não se trata apenas do efeito da substância no organismo humano que promove os danos sociais e à saúde de seus usuários, mas todo o contexto de uso e as características sociais dos grupos que o utilizam. Fatores como: gênero – usuárias do sexo feminino são mais vulneráveis a abuso sexual e agravos de ordem física; faixa-etária – usuários jovens e adultos jovens usam crack mais frequentemente associado a processos disruptivos em relação à sua vida social; o vínculo - com instituições como família, escola e inserção no trabalho formal ou informal, ou seja, usuários de crack que mantêm, minimamente, uma rede de apoio familiar e social e vinculações formais no mercado de trabalho têm mais recursos de acesso ao cuidado, bem como maior alcance a fatores de proteção. Observa-se que a baixa escolaridade implica, entre outros aspectos, menor inserção no mercado formal, menor disponibilidade financeira e, conseqüentemente, maior vulnerabilidade. As comorbidades psiquiátricas, como transtornos de humor ou quadros psicóticos, implicam frequentemente em pior prognóstico em avaliações prospectivas. Os delitos, situações de conflitos com a lei, especialmente associação com tráfico, implicam uma maior exposição à violência e, portanto, maior vulnerabilidade (JORGE, QUINDERÉ, YASUI et al, 2013).

Uma outra forma de vínculo social apontado pelo estudo de Cruz, Campos e Silva et al (2012) foi com o serviço de saúde de Redução de Danos, o qual foi o mais citado pelos usuários de crack. O trabalho de campo dos redutores de danos possibilita a construção de estratégias a partir do conhecimento do usuário, valorizando seus saberes e planejando ações de intervenção juntamente com o usuário. Neste sentido, os usuários sentem-se acolhidos pelos redutores recorrendo a eles em primeiro lugar quando necessitam de ajuda. Outros usuários dizem não ter ninguém a quem recorrer e se consideram sozinhos, recolhidos as suas crenças religiosas.

Cruz, Campos e Silva et al (2012) aponta que a rede de familiares, amigos e companheiros dos usuários de crack parecem frágeis, havendo dificuldades na existência de vínculos concretos e no seu próprio reconhecimento como sujeito pensante, ativo e crítico, sendo visto pela maioria da população como sujeitos doentes.

Desta forma, a ausência de suporte social, entendido como emprego,

estabilidade do núcleo familiar e disponibilidade de rede de tratamento adequado – e a de ciência no acesso e vínculo aos serviços de saúde primários, pouco acessíveis àquelas pessoas que mais necessitam, têm agravado a situação do uso de *crack* na atualidade (SELEGHIM, MARANGONI, MARCON et al, 2011).

Assim, um dos grandes desafios no que tange o usuário de crack e as pessoas que fazem parte da sua rede social (família, comunidade, serviço de saúde) reside na superação de perspectivas reducionistas e limitantes do fenômeno do uso do crack. É preciso superar as dimensões biofarmacológicas do problema e mergulhar na importância sócio-cultural do problema e do contexto. É preciso também considerar e estimular a autonomia e potência do usuário, de sua família e de outros elementos de sua rede social a tomar decisões e atuarem ativamente frente a questão das drogas. Cabe fortalecer a imagem do usuário de crack como pessoa que se vê diante de uma doença a qual poderá ser enfrentada contando com uma rede de suporte social adequada (PAULA, SANTOS, TRAD et al, 2013).

3.4 Políticas Públicas Brasileira sobre drogas

A política vigente sobre drogas teve origem na Política Nacional Antidrogas (PNAD) instituída em 2003 pela Secretaria Nacional Antidrogas (SENAD – estrutura criada no governo Fernando Henrique Cardoso pela medida provisória nº 1669, de 1998) que foi modificada no governo de Luis Inácio Lula da Silva para Política Pública Sobre Drogas e há ainda a Política de Atenção Integral ao Usuário de Álcool e Drogas do Ministério da Saúde (instituída no governo FHC). Como espaços contraditórios, as políticas refletem uma arena em que compõem múltiplos interesses (produtores, comerciantes, governo, usuários, especialistas, entre outros).

A centralidade da PNAD era focada na droga a qual deveria ser combatida, mantida pelo governo FHC, tanto é que expressa-se na opção dada pela denominação da política – antidrogas. Tendo como bandeira de luta “a droga” e a repressão, assim a política da SENAD tira do centro de discussão “a pessoa humana”. Em 2004, a SENAD iniciou um processo efetivo de debate da Política Nacional Antidrogas, com a realização de fóruns regionais e nacional, com o envolvimento da comunidade científica e de segmentos da sociedade civil (BRASIL, 2005). Toda essa dinâmica veio a resultar na mudança de denominação, no governo Lula, para Política Pública Sobre Drogas (PPD). Concomitante à Política Pública

Sobre Drogas, o Brasil possui a Política de Atenção Integral ao Usuário de Álcool e Drogas do Ministério da Saúde, com princípios e diretrizes que apontam em direção contrária à PPD.

Hoje, o Brasil dispõe da Lei no 11.343, de 23 de agosto de 2006, a qual abarca a questão das drogas no país. Essa lei estabelece o Sistema Nacional de Políticas Públicas sobre Drogas (SISNAD), que prescreve: “medidas para prevenção do uso indevido, atenção e reinserção social de usuários e dependentes de drogas; estabelece normas para repressão à produção não autorizada e ao tráfico ilícito de drogas e define crimes” (BRASIL, 2012).

Com o movimento de reforma psiquiátrica somado a promulgação da Constituição de 1988, da Lei orgânica da Saúde, o Ministério da Saúde formula um conjunto de proposições de enfrentamento às questões relativas aos usuários de drogas com ações nas áreas de prevenção e tratamento (GARCIA, LEAL E ABREU, 2008).

Com a nova Constituição, o tráfico de drogas é definido como crime inafiançável, prevendo-se o confisco dos bens de traficantes e a autorização para expropriação de terras empregadas no plantio ilícito. Por outro lado, torna-se obrigação do Estado manter programas de prevenção e assistência a usuários de drogas (BRASIL, 1998). No entanto, historicamente os investimentos viram-se destinados à repressão, em detrimento das ações de prevenção.

Na década de 1990, com a Declaração de Caracas, a atenção psiquiátrica passou a ser colocada em estreita vinculação com a atenção primária à saúde: o hospital psiquiátrico deixou de ser o componente central e os serviços comunitários passaram a ser o principal meio para se obter um atendimento preventivo, acessível, descentralizado, participativo e contínuo (GARCIA, LEAL E ABREU, 2008).

Após 1995, no plano federal, registra-se um verdadeiro bloqueio às tentativas de avanço da reforma através de novas portarias de serviços e programas e um relativo esvaziamento do papel de liderança política da Coordenação de Saúde Mental no Ministério da Saúde. Apesar disso, o sucesso e a difusão crescente do Programa de Saúde da Família (PSF) e do Programa Agentes Comunitários de Saúde (PACS), do Ministério da Saúde, implementando equipes básicas de saúde que trabalham com a comunidade diretamente, recoloca a questão dos cuidados em saúde mental comunitária que podem ser desenvolvidas nesse nível. Um desafio nesse percurso era (e ainda é) a construção de um sistema de referência e contra-

referência a serviços psiquiátricos mais complexos, a partir de uma lógica comprometida com a desinstitucionalização psiquiátrica (PINHEIRO; MATTOS, 2001; VASCONCELOS, 2000). Uma das estratégias do Ministério da Saúde, como um dos marcos de consolidação da Política de Saúde Mental, é a implementação de CAPs ad (Centros de Atenção Psicossocial) para usuários de álcool e drogas, regulamentada através de portarias a partir de 2002 (BRASIL, 2003).

A Política de atenção integral do Ministério da Saúde preconiza que a atenção nesse campo deve pautar-se por ações de prevenção, de tratamento e de educação. Tais ações devem-se constituir na interface do Ministério da Saúde com outros ministérios e com a sociedade organizada, reconhecendo-se o desafio de que o consumo dessas substâncias é problema de saúde pública. Como estratégia de intervenção definiu-se a Política de Redução de Danos (PRD), o estabelecimento dos CAPS ad e as redes assistenciais (BRASIL, 2003). Almeja-se assim, a oferta de cuidados fundamentada nos dispositivos extra-hospitalares, utilizando-se o conceito de “território”, a rede e a lógica ampliada da redução de danos. Para isso, enfatiza-se o caráter intersetorial da questão como o foco segundo o qual a questão deve ser encarada – como problema de saúde pública - e com o envolvimento da sociedade no debate, formulação e acompanhamento do processo. Com a efetivação dos CAPs, que oferecem atendimento diário e serviços para a comunidade, começa a mudar o enfoque das campanhas preventivas, eliminando a associação do uso de drogas (e do álcool) à delinquência e à marginalidade. Outro aspecto é o rompimento com as metas de abstinência. Esses serviços, de caráter substitutivo, têm por parte do Ministério da Saúde a garantia do financiamento específico para os Centros de Atenção Psicossocial Álcool e Drogas (CAPS ad). A formulação da Política de Atenção Integral aos Usuários de Álcool e Drogas (PAIUAD) reflete em seu texto a disposição da Coordenação de Saúde Mental em ser a protagonista, em parceria com gestores locais, universidades e sociedade civil, na construção de respostas às demandas decorrentes dessa área (GARCIA, LEAL E ABREU, 2008).

Nesse contexto, a coordenação pôde propor ao Ministério da Saúde a nova “Política de Atenção Integral aos Usuários de Álcool e Drogas”. Criou uma Portaria, a GM nº 816/2002, que dispõe sobre um programa que prevê a criação de serviços específicos para essa clientela, os CAPS ad, e atrela a abertura desses serviços à capacitação de Recursos Humanos. O “Programa Nacional de Atenção Comunitária Integrada a Usuários de Álcool e Outras Drogas” foi criado em 2002. Visa à

organização e implantação de uma rede estratégica de serviços extra-hospitalares de atenção aos pacientes com esse tipo de transtorno, articulado à rede de atenção psicossocial. Tem como princípio aperfeiçoar as intervenções preventivas como forma de reduzir os danos sociais e os danos à saúde representados pelo uso prejudicial de álcool e outras drogas (BRASIL, 2003).

Entretanto, a aplicação efetiva de tais propostas ainda se coloca como um processo permeado por movimentos de resistência de toda ordem (indústria alcooleira, comerciantes, proprietários de clínicas e hospitais psiquiátricos conveniados ao SUS, entre outros) (GARCIA, LEAL E ABREU, 2008).

Anterior a essa lei, as leis vigentes que o país adotava datavam do ano de 1976 (Lei no 6368) e 2002 (Lei no 10.409) e preconizavam a repressão. No entanto, dessas leis para a atualmente em vigência, o fator considerado de maior variação e impacto é que nesta nova e última lei houve a despenalização do crime de uso de drogas, havendo diferenciação perante a lei entre usuário e fornecedor, traficante e dependente, criminosos e vítimas, o que significa que um indivíduo flagrado fazendo uso de substância ilegal estará sujeito a penas alternativas e não diretamente a penas de prisão, o que possibilitará maiores chances de reabilitação e reinserção na sociedade (BRASIL, 2012a).

Para que haja melhor compreensão do termo “droga”, o qual é eixo central desta temática, faz-se necessário entender o conceito dessa palavra para a legislação brasileira, para que assim compreenda-se quais produtos essa lei discute. Portanto, no Brasil, para fins dessa lei, “consideram-se como drogas as substâncias ou os produtos capazes de causar dependência, assim especificados em lei ou relacionados em listas atualizadas periodicamente pelo Poder Executivo da União” (BRASIL, 2012a). Nesse contexto, a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA) é o órgão responsável para listar as substâncias de uso ilícito e que causam dependência, através da Portaria no 344, de 12 de maio de 1998 (BRASIL, 1998).

Para o Brasil, a criação do SISNAD foi um grande avanço no combate às drogas, pois coloca o país em destaque no cenário internacional nos aspectos relativos à prevenção, atenção, reinserção social do usuário e dependente de drogas.

No entanto, cabe destacar que o Brasil assume de modo integral tais ações de controle às drogas, atendendo a propostas recomendadas pela III Conferência Nacional de Saúde Mental no ano de 2001 (BRASIL, 2003).

A lei em vigor reprime a produção não autorizada e o tráfico ilícito de drogas, bem como o plantio, a cultura, a colheita e a exploração de vegetais e substratos dos quais podem se originar as drogas, com exceção de casos autorizados judicialmente para fins medicinais ou científicos (BRASIL, 2012a).

Dos princípios do SISNAD pode-se discorrer em destaque sobre a valorização ao ser humano, neles reforçam-se os direitos fundamentais do indivíduo, principalmente referentes à autonomia e liberdade, respeito às diferenças existentes entre populações e culturas para o controle do uso indevido de substâncias ilícitas, a ética, a participação social, integração de estratégias nacionais e internacionais de prevenção de uso de drogas, abordagem multidisciplinar na prevenção, atenção e reinserção do dependente de drogas (BRASIL, 2012a).

No que tange à prevenção, o SISNAD é bastante claro em questões que envolvam atividades que reduzam fatores de risco e vulnerabilidade, fortalecendo fatores de proteção. Ações como quebrar estigmas e preconceitos das pessoas que usam drogas e nos serviços que as atendem, fortalecimento de autonomia e responsabilidade individual, estratégias preventivas adequadas às diferenças socioculturais, bem como as diferentes drogas utilizadas, tratamento especial às populações mais vulneráveis, articulação entre os serviços da rede e os familiares na comunidade, projetos pedagógicos aplicados à rede escolar e práticas esportivas, culturais e artísticas são alguns exemplos de ações preconizadas neste quesito (BRASIL, 2012a).

A atenção e a reinserção do usuário na sociedade também são preconizadas pelo SISNAD, juntamente com seus familiares, mostrando a atenção integral que esse sistema dispensa ao usuário de drogas. Destacam-se como atividades neste componente estratégias diferenciadas para cada indivíduo e sua família, respeitando sua cultura, espaço e tempo; atenção multidisciplinar ao usuário e familiares; e projeto terapêutico individualizado, respeitando peculiaridades de cada pessoa (BRASIL, 2012a).

A Lei nº 11.343 de 2006 ainda discorre sobre os crimes e as penas para quem transportar ou possuir consigo, para consumo próprio, substâncias ilegais sem autorização prévia judicial e também no que tange ao caráter de tráfico de drogas,

que engloba a ação de fabricar, manter grande quantidade em depósito, importar, exportar, oferecer, vender ou trocar e manter plantações ilícitas que subsidiarão o preparo da droga (BRASIL, 2012a).

As penas previstas para quem for surpreendido fazendo uso próprio de drogas compreendem desde a simples advertência sobre os efeitos da droga ao ser humano, à prestação de serviços à comunidade e ainda medidas educativas de comparecimento a programa ou curso educativo (BRASIL, 2012a).

Quanto à repressão à produção não autorizada e ao tráfico de drogas, as penas diferem em relação ao porte de drogas para fins de consumo próprio. A comercialização de substâncias ilícitas implica inicialmente em reclusão de 5 a 15 anos e pagamento de multa. Neste contexto de fabricação e comércio de drogas, as penas costumam variar de acordo com o cenário da apreensão, levando-se em consideração alguns aspectos importantes como cultivo de plantas ilícitas, forma de comércio da droga (se induz, auxilia ou instiga mais pessoas a esta prática) e se há pessoas envolvidas como informantes/colaboradores no grupo. Assim, as penas aplicadas variam com base na avaliação judicial (BRASIL, 2012a).

A atenção em saúde dispensada ao usuário de álcool e outras drogas tem sido impulsionada pela publicação da Política do Ministério da Saúde para a Atenção Integral aos Usuários de Álcool e outras drogas, que destina a rede de serviços a atender a população com problemas de saúde decorrentes do uso de álcool e drogas. Tal política instituiu como princípios a Redução de Danos, definiu competências para os três níveis de gestão do SUS e criou mecanismos de financiamento específicos (BRASIL, 2003).

Essa política impera à luz dos princípios da Reforma Psiquiátrica, priorizando fortalecimento de uma rede de assistência de atenção comunitária juntamente com a rede de serviços de saúde e sociais, com ênfase na reabilitação e reinserção social dos usuários, através de dispositivos extra-hospitalares de atenção psicossocial especializados articulados ao restante dos serviços de saúde (BRASIL, 2003).

Como serviços especializados em saúde mental entende-se os Centros de Atenção Psicossocial para Álcool e drogas (CAPS ad) e a lógica da Estratégia de Redução de Danos (RD).

O CAPS ad é um serviço que oferece atendimento diário a pessoas usuárias ou em abstinência de álcool ou drogas, admite um planejamento terapêutico individual dentro das peculiaridades de cada usuário, favorecendo acompanhar a

evolução de cada um, conta com o apoio de leitos psiquiátricos em hospital geral, práticas de atenção comunitária (internação domiciliar ou participação comunitária) e comunicação com toda rede básica de saúde. Oferece atendimento ambulatorial, desde atendimento individual, grupos, oficinas terapêuticas e visitas domiciliares. Dispõe ainda de leitos para repouso dos usuários e desintoxicação ambulatorial (BRASIL, 2003).

A estratégia de Redução de Danos (ERD) atua na lógica de respeitar a singularidade de cada pessoa, respeitando as escolhas que cada um faz para sua vida. Cabe, aqui, acolher sem julgar, mostrando caminhos e estratégias em defesa de sua vida, estimulando a liberdade e a responsabilidade do ato de lidar com drogas. Para tanto, profissionais capacitados trabalham na comunidade, no território junto às pessoas que usam drogas, inseridas em seu meio, desenvolvendo ações de prevenção, educação e promoção de saúde (BRASIL, 2003).

A Reforma Psiquiátrica possui respaldo legal através da Lei no 10.216, de 6 de abril de 2001, que dispõe sobre a proteção e os direitos das pessoas portadoras de transtornos mentais. Como citado anteriormente, são os princípios da Reforma que regem a Política de Atenção ao usuário de drogas, no entanto, cabe aqui destacar que é nesta lei de 2001 que brota a questão que atualmente mostra-se em evidência, a internação compulsória/involuntária (BRASIL, 2001).

Existem três tipos de internação psiquiátrica: internação voluntária, internação involuntária e internação compulsória. A internação voluntária é aquela com o consentimento da pessoa internada; internação involuntária acontece sem o consentimento do internado mas a pedido de um terceiro; e a internação compulsória é quando trata-se de decisão judicial (BRASIL, 2001).

Por fim, estes conceitos de internação que aqui foram abordados, mesmo não estando incluídos nas políticas específicas para uso de álcool e outras drogas pelo motivo anteriormente explicado, são temáticas em evidência no atual governo, a qual tem gerado ideias polêmicas e divergentes entre a população como formas de tratamento a dependentes químicos.

No entanto, em março de 2018, foi aprovado pelo Conselho Nacional de Políticas sobre Drogas a resolução apresentada pelo ministro do Desenvolvimento Social, Osmar Terra, segundo a qual a política pública sobre entorpecentes deve sofrer uma mudança profunda de direção. Segundo o texto, a partir de agora, a “orientação central da Política Nacional sobre Drogas deve considerar aspectos

legais, culturais e científicos, em especial a posição majoritariamente contrária da população brasileira quanto a iniciativas de legalização de drogas”. Nesta proposta há a inclusão da internação involuntária/compulsória do dependente químico como forma de tratamento, inserção de comunidades terapêuticas na rede de serviços públicos e aumento da pena mínima para traficantes de cinco para oito anos de reclusão social, assumindo um viés punitivo a nova Política de Drogas no país. Esta corrente de atenção defende a busca da abstinência como principal objetivo e ganham força sobre os grupos que defendem a prevalência da redução de danos nas políticas públicas sobre o tema (BRASIL, 2018).

3.4.1 Rede de Atenção ao usuário de crack no município de Pelotas

A Rede de Atenção Psicossocial foi instituída pela Portaria 3.088 de 23 de dezembro de 2011 no intuito de prestar assistência para pessoas com sofrimento ou transtorno mental e com necessidades decorrentes do uso de crack, álcool e outras drogas, no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS). O artigo número 2 desta portaria propõe diretrizes para o funcionamento da Rede de Atenção Psicossocial, assim como segue:

Art. 2º Constituem-se diretrizes para o funcionamento da Rede de Atenção Psicossocial:

- I - respeito aos direitos humanos, garantindo a autonomia e a liberdade das pessoas;
- II - promoção da equidade, reconhecendo os determinantes sociais da saúde;
- III - combate a estigmas e preconceitos;
- IV - garantia do acesso e da qualidade dos serviços, ofertando cuidado integral e assistência multiprofissional, sob a lógica interdisciplinar;
- V - atenção humanizada e centrada nas necessidades das pessoas;
- VI - diversificação das estratégias de cuidado;
- VII - desenvolvimento de atividades no território, que favoreça a inclusão social com vistas à promoção de autonomia e ao exercício da cidadania;
- VIII - desenvolvimento de estratégias de Redução de Danos;
- IX - ênfase em serviços de base territorial e comunitária, com participação e controle social dos usuários e de seus familiares;
- X - organização dos serviços em rede de atenção à saúde regionalizada, com estabelecimento de ações intersetoriais para garantir a integralidade do cuidado;
- XI - promoção de estratégias de educação permanente; e
- XII - desenvolvimento da lógica do cuidado para pessoas com transtornos mentais e com necessidades decorrentes do uso de crack, álcool e outras drogas, tendo como eixo central a construção do projeto terapêutico singular (BRASIL, 2011).

Quanto aos objetivos, a portaria discorre nos artigos 3º e 4º:

Art. 3º São objetivos gerais da Rede de Atenção Psicossocial:

- I - ampliar o acesso à atenção psicossocial da população em geral;
- II - promover o acesso das pessoas com transtornos mentais e com necessidades decorrentes do uso de crack, álcool e outras drogas e suas famílias aos pontos de atenção; e
- III - garantir a articulação e integração dos pontos de atenção das redes de saúde no território, qualificando o cuidado por meio do acolhimento, do acompanhamento contínuo e da atenção às urgências.

Art. 4º São objetivos específicos da Rede de Atenção Psicossocial:

- I - promover cuidados em saúde especialmente para grupos mais vulneráveis (criança, adolescente, jovens, pessoas em situação de rua e populações indígenas);
- II - prevenir o consumo e a dependência de crack, álcool e outras drogas;
- III - reduzir danos provocados pelo consumo de crack, álcool e outras drogas;
- IV - promover a reabilitação e a reinserção das pessoas com transtorno mental e com necessidades decorrentes do uso de crack, álcool e outras drogas na sociedade, por meio do acesso ao trabalho, renda e moradia solidária;
- V - promover mecanismos de formação permanente aos profissionais de saúde;
- VI - desenvolver ações intersetoriais de prevenção e redução de danos em parceria com organizações governamentais e da sociedade civil;
- VII - produzir e ofertar informações sobre direitos das pessoas, medidas de prevenção e cuidado e os serviços disponíveis na rede;
- VIII - regular e organizar as demandas e os fluxos assistenciais da Rede de Atenção Psicossocial; e
- IX - monitorar e avaliar a qualidade dos serviços por meio de indicadores de efetividade e resolutividade da atenção (BRASIL, 2011).

O artigo 5 da portaria 3.088 (2011) aponta os componentes necessários para compor a Rede de Atenção Psicossocial.

- Atenção básica em saúde, formada pelos seguintes pontos de atenção (Unidade Básica de Saúde, equipe de atenção básica para populações específicas - Equipe de Consultório na Rua e Equipe de apoio aos serviços do componente Atenção Residencial de Caráter Transitório- Centros de Convivência)
- Atenção psicossocial especializada, formada pelos Centros de Atenção Psicossocial, nas suas diferentes modalidades;
- Atenção de urgência e emergência, formada por SAMU 192; Sala de Estabilização; UPA 24 horas; portas hospitalares de atenção à urgência/pronto socorro; Unidades Básicas de Saúde, entre outros;

- Atenção residencial de caráter transitório, formada por Unidade de Recolhimento (Serviços de Atenção em Regime Residencial)
- Atenção hospitalar, formada por enfermaria especializada em Hospital Geral; serviço Hospitalar de Referência para Atenção às pessoas com sofrimento ou transtorno mental e com necessidades decorrentes do uso de crack, álcool e outras drogas;
- Estratégias de desinstitucionalização, formada pelos Serviços Residenciais Terapêuticos.
- Reabilitação psicossocial.

No município de Pelotas a atenção ao usuário de drogas se dá pelos serviços de Unidades básicas de saúde, SAMU 192, Hospital de Pronto-Socorro, Caps AD, CAPS III, Redução de danos, Consultório de rua, Unidade de Acolhimento Adulto, Unidade de Acolhimento Infanto Juvenil e Hospital Psiquiátrico.

O município ainda dispõe de hospital psiquiátrico na rede apesar de apresentar-se bem adiantado na expansão da atenção psicossocial, contrariando o que preconiza a portaria, destacando que o hospital psiquiátrico pode ser acionado para o cuidado das pessoas com transtorno mental nas regiões de saúde enquanto o processo de implantação e expansão da Rede de Atenção Psicossocial ainda não se apresenta suficiente, devendo estas regiões de saúde priorizar a expansão e qualificação dos pontos de atenção da Rede de Atenção Psicossocial para dar continuidade ao processo de substituição dos leitos em hospitais psiquiátricos (BRASIL, 2011).

3.4.2 Crack, é possível vencer

Trata-se de um conjunto de ações do governo federal para enfrentar o crack e outras drogas. O programa foi lançado em dezembro de 2011 com investimento inicial de R\$ 4 bilhões da União em articulação com estados, Distrito Federal e municípios, além da participação da sociedade civil. O programa tem o objetivo de aumentar a oferta de tratamento de saúde e atenção aos usuários de drogas, enfrentar o tráfico e as organizações criminosas e ampliar atividades de prevenção (BRASIL, 2013).

As ações estão estruturadas em três eixos: cuidado, autoridade e prevenção.

O primeiro inclui ampliação e qualificação da rede de atenção à saúde voltada aos usuários. No eixo autoridade, o foco é a integração de inteligência e cooperação entre Polícia Federal, Polícia Rodoviária Federal e polícias estaduais, a realização de policiamento ostensivo nos pontos de uso de drogas nas cidades, além da revitalização desses espaços. Já o eixo prevenção abrange ações nas escolas, nas comunidades e de comunicação com a população (BRASIL, 2013).

O programa é interministerial e conta com ações dos ministérios da Justiça, da Saúde e do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, além da Casa Civil e da Secretaria de Direitos Humanos.

A partir de 30 de janeiro de 2012, os municípios tiveram liberdade em aderir diretamente ao Programa "Crack, é possível vencer" sem precisar esperar o convênio integral firmado entre o estado e a União. Até 2012, somente os estados e suas capitais faziam a adesão ao Programa, de forma conjunta (BRASIL, 2013).

A iniciativa faz parte das estratégias de expansão do Programa em 2013, com oferta de serviços e equipamentos de segurança pública, saúde e assistência social para os 133 municípios brasileiros que possuem mais de 200 mil habitantes. As demais cidades, com índice populacional menor e que tenham capacidade de execução, foram orientadas sobre como implantar serviços das redes do Sistema Único de Saúde (SUS) e do Sistema Único de Assistência Social (SUAS), bem como ações de prevenção (BRASIL, 2013).

Quanto as ações na prática:

No eixo **autoridade**, foi anunciada a entrega aos estados e municípios pactuados de 140 bases móveis, 2.800 câmeras de videomonitoramento, 280 veículos, 280 motocicletas, 7 mil pistolas de condutividade elétrica e 21 mil espargidores de pimenta durante este ano. Além da capacitação de 5.600 operadores das bases móveis para atuar em ações de policiamento integrado de proximidade.

Prevenção – No eixo prevenção, mais de 300 mil pessoas serão capacitadas por meio de cursos gratuitos à distância. São educadores, policiais militares, profissionais de saúde e assistência social, operadores do Direito (juízes, promotores e profissionais da área psicossocial que atuam nos juizados especiais criminais, varas da infância e da juventude e Ministério Público), gestores, profissionais e voluntários de comunidades terapêuticas, lideranças religiosas e conselheiros comunitários que atuam diretamente com usuários e dependentes de drogas.

Cuidado – No eixo cuidado, serão implantados 106 CAPS AD 24 horas e disponibilizados 1.890 leitos neste ano. Serão criadas 353 novas unidades de acolhimento e implantados 308 Consultórios na Rua, com equipes de profissionais da Saúde e da Assistência Social (BRASIL, 2013).

4 Referencial Teórico

4.1 Dons e Dádivas de Marcel Mauss

Marcel Mauss é conhecido no meio científico como um “célebre antropólogo francês”, nasceu em Épinal (França) no ano de 1872, proveniente de uma família judia praticante que residia na fronteira com a Alemanha. Mauss fundou, praticamente sozinho, a antropologia francesa, além de ter conseguido formar uma nova geração de sociólogos. Era um socialista revolucionário que contribuía na imprensa de esquerda e participava do movimento cooperativista, integrava o Partido Socialista Francês ativamente, acreditando firmemente na causa a ponto de doar suas economias ao partido (CAILLÉ; GRAEBER, 2002; LANNA, 2000).

Mauss era sobrinho do também sociólogo francês Emile Durkheim, no entanto progride em relação ao tio, por assumir uma postura crítica em relação à filosofia e adotar a etnografia, explorando as sociedades não ocidentais e admitindo a comparação. Indo mais além, Mauss interessava-se pelas manifestações dos fenômenos humanos em quaisquer tempo e espaço do planeta e defendia o simbolismo presente nas relações humanas (CAILLÉ; GRAEBER, 2002; LANNA, 2000).

Dentro da história das Ciências Sociais e da Sociologia, apesar de toda sua contribuição para o crescimento e desenvolvimento de tais ciências, Mauss foi vítima de esquecimento, injustiças, e também fortemente subestimado. Ainda assim, teve grande destaque e ideias decisivas no que tange à constituição da etnologia científica francesa, possuindo importantes e célebres seguidores, como Claude Lévi-Strauss, Roger Caillois, Georges Bataille e Louis Dumont. Foi fonte de inspiração para o progresso da filosofia francesa e até a década de 70, no curso de licenciatura em Filosofia, por exemplo, não havia nenhum estudioso que não tivesse lido a obra “Ensaio sobre a dádiva” (principal obra publicada em 1923-1924) (CAILLÉ, 1998).

Caillé (1998), um sociólogo francês de renome dentro das Ciências Sociais e um dos principais difusores do pensamento maussiano na atualidade, explica em uma de suas obras os motivos para que Mauss fosse assentado no esquecimento e vítima de injustiças. Motivos haveriam de existir, diz ele, não sendo acusado de forma vazia e insana. Os motivos que explicam o descrédito atrelado a Mauss são vários, alguns mais fortes e outros nem tanto. Primeiramente, referem-se à escola sociológica francesa, onde a obra de Mauss não se encaixa em nenhuma das disciplinas das ciências sociais, Mauss era considerado um etnólogo entre os sociólogos. Para os profissionais da área da economia, as descobertas de Mauss afetariam diretamente esta área, não fosse o conteúdo e a forma com que foram expostas tornarem tais descobertas praticamente imperceptíveis.

Para Caillé (1998), os seguidores de Mauss também possuem parcela nos motivos pelos quais ele foi subestimado, muitos deles tornaram-se mais famosos do que o próprio “inspirador”, pelo fato de conseguirem desmembrar a complexidade de seus pensamentos.

Outro fato de grande impacto perante a população científica é quanto à questão de Mauss nunca ter escrito um livro completo, por inteiro, nem mesmo sua tese sobre oração ele terminou de escrever. Isso demonstra a resistência que Mauss tinha à sistematização de seu pensamento, com ele nada era passivo de ser exposto em manual ou livro. Mauss passou sua vida toda escrevendo cinco livros ao mesmo tempo, sem concluir um sequer. No entanto, publicou uma série de ensaios (CAILLÉ; GRAEBER, 2002).

E, por fim, encerrando os motivos que levaram Mauss a ser subestimado, Caillé (1998) aponta que Mauss sempre teve um lado político muito acentuado e com isso sempre demonstrou o gosto pela militância, possuindo envolvimento muito forte nas causas cívicas e socialistas. Perante esse envolvimento, tornou-se advogado na França do socialismo associativo, investindo por inteiro na causa como pessoa.

De fato, a literatura aponta Mauss como sendo um homem com traços políticos muito fortes. Engajado em correntes políticas também fortes na época, Mauss seguia o socialismo de Robert Owen (socialista e fundador do cooperativismo, que defendia a ideia de que para haver uma verdadeira sociedade socialista era necessário haver uma modificação de caráter no homem, o qual poderia ser atingido por transformação do meio e pela educação e desempenhava

grande atenção à qualidade de vida dos trabalhadores), ele ainda defendia a ideia de que o papel do Estado era de fornecer o enquadramento legal a um socialismo que deveria emergir da base através da criação de instituições alternativas (CAILLÉ; GRAEBER, 2002).

Devido à sua participação ativa dentro do movimento cooperativista e por criar uma cooperativa de consumo em Paris, a qual gerenciou por um longo período, Mauss foi encarregado de manter contato com o movimento cooperativista no exterior, passando algum tempo de sua vida na Rússia, após a Revolução, o que contribuiu de fato para sua teoria e seus escritos (CAILLÉ; GRAEBER, 2002).

Mauss foi um teórico com um posicionamento crítico contra a visão econômica do mundo. Seus escritos empreendem a crítica da imagem do *homo oeconomicus* que se impõe, cada vez mais forte, tanto nas ciências sociais, quanto na vida das sociedades. Essas críticas fundamentam-se nas descobertas feitas pelo próprio Mauss nas sociedades selvagens ou tradicionais, ou ainda por ele denominadas como “sociedade primeira”. Nessas sociedades as relações de troca ocorrem à luz do modelo chamado de tripla obrigação (dar, receber e retribuir), contrário ao modelo de mercado, do “da cá, toma lá” vigente até os dias atuais (CAILLÉ; GRAEBER, 2002).

O neoliberalismo, atualmente, é considerado um paradigma dominante. É ainda chamado de utilitarismo, *homo oeconomicus*, teoria econômica neoclássica, entre outros. Contudo, existe um núcleo comum a todas essas teorias: procuram explicar o sistema de produção, estão ligadas a tudo que circula, e, principalmente, visam à circulação das coisas e dos serviços na sociedade a partir das noções de interesse, de racionalidade e de utilidade. Esta teoria vem crescendo e dominando as relações, a ponto de influenciar o indivíduo a pensar o que circula na sociedade a partir das noções de interesse vigentes neste modelo (GODBOUT, 1998).

Mauss, através de sua teoria do Dom, busca explicar o sistema de trocas e a constituição de alianças nas relações humanas, sendo assim, umas das principais contribuições para a sociologia foi demonstrar que o valor das coisas não pode ser superior ao valor da relação, no qual, sobretudo, o simbolismo é fundamental, permeando essas relações (MARTINS, 2005). Mauss concluiu seus pensamentos e achados a partir da análise de trocas vigentes nas sociedades arcaicas, onde o mesmo expõe tais conclusões na sua mais clássica obra – Ensaio sobre a dádiva: *forma e razão da troca nas sociedades arcaicas* – publicado em 1923.

Essa importante obra de Mauss descreve a natureza das transações humanas nas sociedades primitivas situadas na orla sul do Pacífico (povos polinésios e melanésios) e os povos do noroeste americano, como se davam as relações sociais, jurídicas e econômicas, as relações de troca e de contrato e o mercado antes da criação da moeda, ou seja, como moeda e a moral regiam estas transações (MAUSS, 2003).

Em meio a seus escritos e ideias de construção de sua teoria a partir da análise e estudo dos sistemas relacionais dos povos arcaicos, Mauss levava em consideração a experiência que tivera na Rússia, devido à prática política e cooperativa que possuía, diante do Bolchevismo (movimento extremista anticapitalista, defensor da ideologia comunista e socialista) vivenciado na época, que o horrorizou pelo terror desempenhado pelos bolcheviques na extinção das instituições democráticas. Dessa forma, o ensaio sobre o dom representava em primeira instância uma resposta aos acontecimentos da Rússia, principalmente a tentativa frustrada de abolir o comércio (1921), logo neste país que na época era o menos monetarizado da sociedade europeia. Assim, Mauss deduzia que era necessária uma reflexão mais profunda dos revolucionários acerca do mercado, sobre seu real significado, sua origem e o que poderia substituí-lo de forma plausível. Neste contexto de dúvidas e incerteza, Mauss aproveitava para reafirmar a importância de atentar para as pesquisas históricas e etnográficas no meio científico (CAILLÉ; GRAEBER, 2002).

Mauss (2003), nas suas observações destacava que na Polinésia as trocas não eram estabelecidas entre indivíduos, “era considerado a coletividade, que se trocavam, contratavam e obrigavam mutuamente”. Tratava-se de clãs, tribos e famílias que se enfrentavam a fim de estabelecer contratos. No entanto, as trocas não reduziam-se somente a bens e riquezas, bens materiais ou econômicos, e, sim, prezava-se por amabilidades, banquetes, ritos, mulheres, crianças, danças, festas e feiras. Esses contratos se davam de forma voluntária, embora fossem, no fundo, rigorosamente obrigatórios (pois o doador, ao presentear, dá algo de si, criando um vínculo de almas, simbólico), sob risco de guerra privada ou pública entre os contratantes (esse tipo de relação era chamado de *sistema das prestações totais*).

O sistema de troca denominado *potlatch* remete à “prestação total de tipo agonístico”, ou seja, aquilo que provoca a rivalidade, a competição entre pessoas, famílias ou clãs. Mauss cita que tal prática era comum entre os índios da costa

noroeste da América do Norte, na qual cada chefe oferecia seus bens, competindo entre si para ver quem oferecia maior quantidade de bens (geralmente brasões de cobre esculpidos e peles de animais), era o mais generoso. Dessa forma, o vencedor era quem dava ou destruía mais, pois neste ritual, os chefes deveriam gastar ou destruir tudo o que possuíam e nada guardar. A destruição significava evadir à retribuição, e com isso recriar a vida do doador (MAUSS, 2003).

Havia também o chamado *kula*, uma outra forma de troca intertribal, na qual há trocas circulares de bens úteis (braceletes e colares) entre diferentes ilhas melanésias. Mauss (2003) explica o *kula* como sendo o *potlatch* da população Trobriandense e que foi visto por ele como o melhor exemplo de doação. Já na Polinésia (em Samoa) os sistemas contratuais envolviam eventos como casamento, nascimento de filho, circuncisão, puberdade de menina, comércio e ritos funerários (MARTINS, 2005; MAUSS, 2003).

Ainda neste contexto de trocas entre os povos, Mauss (2003) trabalha com os conceitos de *taonga* e *hau*, comuns em Samoa, entre a população polinésia. O *taonga* são objetos ligados ao solo de onde provêm, da pessoa proprietária. Podem ser objetos como talismãs, esteiras e tesouros que as mulheres herdavam ao casar-se. Já o *hau* é a força que existe no *taonga* a retornar ao seu proprietário original. É o espírito da coisa doada e que tende a retornar como forma do próprio bem ou com algo que o substitua, incentivando a retribuição.

Mauss explica, ainda baseado na relações dos povos primitivos, que a prestação total não sugere somente a obrigação de retribuir os presentes recebidos. Tratava-se também de duas outras obrigações igualmente importantes: a obrigação de dar e a obrigação de receber. Não dar, não convidar, assim como recusar receber, equivale a declarar guerra, significando negar uma possível aliança e comunhão. Assim, neste sistema existem os Pigmeus, para quem relações de troca distanciavam-se do comércio e tipos de trocas das sociedades mais desenvolvidas.

O objetivo principal era moral, produzir uma relação de amizade entre os envolvidos (MAUSS, 2003).

Dos escritos de Mauss (2003) publicados na sua mais clássica obra, o sociólogo desvendou que, nos povos polinésios e melanésios, a dádiva era o regime que reinava, a vida moral e material e a troca aconteciam de forma desinteressada e obrigatória ao mesmo tempo. A obrigação se demonstrava de maneira mítica, imaginária, simbólica e coletiva. O interesse aparecia ligado às coisas trocadas; a

comunhão e a aliança feitas eram indissolúveis. E é dessa forma, que esses povos arcaicos sentiam-se atrelados uns aos outros, pois sentiam-se que se devem tudo constantemente. Mauss concluiu que na verdade nenhuma sociedade baseava-se no *escambo* e sim que os objetos circulavam baseados em princípios bem opostos aos princípios econômicos, circulavam sob a forma de dons, havendo manifestação de generosidade e distanciando-se do ato preciso de calcular (receber o mesmo que doou). Nesse cenário, o dom era altamente competitivo, porém, competitivo no sentido de quem dá mais, quem é mais generoso, havendo distribuição de milhares de bens (pulseiras, colchas, etc.) ou destruindo suas riquezas (CAILLÉ; GRAEBER, 2002).

Diante da breve e resumida explanação acerca da origem dos Dons e Dádivas, dos pensamentos e caminhos que levaram Mauss a formular sua teoria, compreendê-la na contemporaneidade torna-se um exercício mais simples. De fato existem seguidores e defensores que buscam resgatar tal teoria para fundamentar relações de solidariedade, de aliança de competição nas atuais sociedades, fazendo com que Mauss ocupe seu devido lugar de destaque entre os mais célebres sociólogos.

Caillé (2002) refere-se a dons e dádivas também entendidos como símbolos ou, então, toda forma de simbolismo sendo ou devendo ser compreendida como um dom. Portanto, o paradigma do dom pode ser também denominado como paradigma do simbolismo.

Remetendo-nos ao paradigma, é válido trazer aqui uma discussão muito forte que há nas ciências sociais. A discussão existente é se tal teoria aqui em evidência pode ser considerada um paradigma, ou, ainda, o terceiro paradigma, levando-se em consideração que já existem dois grandes paradigmas reconhecidos, que são o holismo e o individualismo.

O individualismo, ou ainda abordado por alguns autores como utilitarista, contratualista, instrumentalista, aspira que todas as ações derivem de cálculos e sejam racionais, sendo assim, a única forma de realidade para os indivíduos. Já o holismo almeja uma realidade em que os grupos ou classes expressem uma totalidade *a priori* que lhes preexiste, é um conjunto das ações dos indivíduos comandado por uma totalidade social. Nestes dois paradigmas, a dádiva é incompreensível, pois ambos os paradigmas são regidos ou pelo interesse individual (individualismo) ou pela obrigação/pressão social e cultural (holismo); partindo

destes aspectos íntimos de cada paradigma é que surge a necessidade de se criar um terceiro (CAILLÉ; GRAEBER, 2002; CAILLÉ, 2002).

A obrigação de dar descoberta por Mauss comumente é interpretada como sendo um ato de caridade, mas o dom não tem ligação com obrigação caritativa. Oposto a isso, o dom tem a intenção de provocar os outros a um desafio de generosidade (CAILLÉ; GRAEBER, 2002).

Uma outra forma de conceituar dons e dádivas é descrita por Godbout (1998; pág.5), que refere-se à “dádiva como sendo tudo o que circula na sociedade sem ligação ao mercado, ao Estado ou a qualquer forma de violência física; é puramente o que circula em prol do ou em nome do laço social na relações sociais”.

Nas relações à luz dos dons e dádivas, os agentes sociais não se baseiam na equivalência entre si. Existe uma distorção, muitas vezes, acerca deste entendimento, levando a uma compreensão leviana de que se dá algo pensando em receber (deu para receber), sendo o ato de receber o objetivo principal e a dádiva sendo um meio para tal. O objetivo principal da dádiva não é a retribuição, na dádiva dá-se, e muitas vezes até recebe-se muito mais de volta, mas esta relação inicialmente estabelecida pela dádiva é muito mais complexa do que o simples ato da retribuição, o que torna os dons e as dádivas contrário ao modelo mercantil vigente (GODBOUT, 1998).

O modelo mercantilista se fortalece através da liquidação da dívida gerada em suas relações numa busca constante de equivalência entre os sujeitos. A dádiva, ao contrário, busca a dívida para manter-se. Não se trata de uma noção contábil, trata-se de uma conjuntura onde cada um considera que mais recebe do que dá, caracterizando uma situação de dívida na crença de que deve “muito” aos outros. Os parceiros numa situação de dádiva ficam sempre em situação de dívida. Portanto, o sistema da dádiva se situa, assim, no pólo oposto ao do sistema mercantil (GODBOUT, 1998).

Permeando os dons e dádivas, existe o ato da liberdade que possibilita a negação da obediência e regras no comportamento, pois a dádiva se afasta de tudo que se configura como regras e deveres, repudiando qualquer forma de contratos e comprometimentos sociais e mercantis. Diante disso, fortalece-se a ideia de que a dádiva não tem como objetivo principal a retribuição, oposto a isso, o doador, numa dádiva, dá indícios de uma modéstia demasiada, pois as falas numa relação direta entre pessoas, como: de nada, *di niente, my pleasure*, em retorno ao agradecimento

do receptor, tiram o peso da obrigação do receptor em retribuir a gentileza, caracterizando uma verdadeira dádiva. As pessoas envolvidas em um dom, valorizam este ato, caracterizam como um prazer vivenciado, e, no entanto, uma dádiva realizada por obrigação ou dever descaracteriza a verdadeira dádiva, tornando-a de baixa qualidade (GODBOUT, 1998).

A liberdade, o prazer do gesto, espontaneidade, a não equivalência, a dívida, a incerteza da relação/do retorno e aversão a deveres e regras caracterizam as relações embasadas em dons e dádivas (GODBOUT, 1998).

Caillé (1998) define, numa perspectiva sociológica, o dom de maneira a se entender que toda prestação de serviços ou de bens ocorre sem uma intenção de retribuição, mas sim com a intenção de manter ou criar e ou reconstituir o vínculo social.

Em uma das obras de Mauss, o ponto forte é que a dádiva produz a aliança, sejam as matrimoniais, políticas (troca entre chefes), religiosas (como por exemplo nos sacrifícios, interpretados como uma forma de relacionamento com os deuses), jurídicas e econômicas e ainda as relações pessoais de hospitalidade.

Para romper o isolamento e para sentir a própria identidade, é assim que Godbout (1998) conclui seu pensamento sobre a dádiva. Sendo desta forma que as pessoas possuem o gosto por “dar”, para se conectar à vida, fazer circular as coisas, sentir que não se está só. Justificando os dons e dádivas como sendo tudo aquilo que circula a serviço do laço social.

Pensando a partir da dívida, que é o que move o dom, cinco modelos de dons são elaborados na obra de Godbout (1998):

- **SOLIDARIEDADE:** neste tipo de dom, a dívida se aproxima do débito.
- **O DOM AGONÍSTICO ENTRE IGUAIS:** neste, a dívida mais se aproxima da igualdade. Aqui, a reciprocidade desempenha importante papel, na condição que este caso situa-se entre iguais.
- **O DOM ENTRE DESIGUAIS, HIERÁRQUICO:** aqui a dívida é estruturalmente desigual. O vínculo é formado em um dom de vida (exemplo: relação entre padrinho e afilhado, e o dom perpetuará por toda a existência).
- **O DOM AOS DESCONHECIDOS:** como o próprio conceito remete, é um dom realizado a um desconhecido, sem vínculo existente entre doador e

receptor. Neste caso, o dom não volta ao doador de forma direta, mas sim indiretamente.

- **DÍVIDA MÚTUA POSITIVA:** encontrado principalmente entre parentes e nos vínculos primários, também é possível de acontecer no dom aos desconhecidos. Acontece quando o doador tem o desejo de dar ao outro pelo que ele é, sem pensar no que recebeu ou receberá do outro. E chama-se dívida mútua, quando os dois sujeitos alcançam esta ideia, tanto doador quanto receptor. (GODBOUT, 1998)

Finalizando a importância e o papel de destaque de Mauss nas ciências sociais, ele foi o inspirador de um “Movimento antiutilitarista nas Ciências Sociais”, o qual enfrenta os fundamentos filosóficos da teoria econômica. A partir desse posicionamento de Mauss, um pequeno projeto nasceu em 1981 de Allain Caillé e Gerald Berthoud (antropólogo suíço), através de uma versão simples de revista, a qual ganha força e popularidade na década de 90, tornando-se a atualmente conhecida *La Revue du M.A.U.S.S (Mouvement Anti-Utilitariste dans les Sciences Sociales)*, com publicações importantes acerca do assunto com periodicidade semestral, constituída por sociólogos, antropólogos, economistas, historiadores e filósofos tanto da Europa como da África e Oriente Médio (LANNA, 2000; MARTINS, 2005).

Desta forma, a teoria desenvolvida por Mauss dá suporte para a construção desta tese e análise dos dados pois os dons e dádivas explicam as relações sociais entre os indivíduos sobressaindo o valor dos bens que permeiam as relações e destacando e buscando estreitar laços entre as partes envolvidas. O usuário de crack não vive sozinho, ele é um pessoa que estabelece diferentes relações no meio em que vive, que consegue estabelecer relações que vai além do bem material o que talvez explique a organização dos usuários em grupos que ajudam-se mutuamente e consigam vencer as adversidades oferecidas a quem vive no meio de consumo do crack.

5 Metodologia

5.1 Caracterização do estudo

Este estudo tem caráter qualitativo e foi desenvolvido de acordo com a perspectiva etnográfica.

A metodologia qualitativa trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes. Esse conjunto de fenômenos humanos é entendido como parte da realidade social, pois o ser humano se distingue não só por agir, mas pensar sobre o que faz e por interpretar suas ações dentro e a partir da realidade vivida e partilha com seus semelhantes. Ela se ocupa, nas Ciências Sociais, com um nível de realidade que não pode ou não deveria ser quantificado (MINAYO, 2010). A abordagem qualitativa busca ainda descrever momentos e significados rotineiros e problemáticos da vida, tentando perceber ou interpretar os significados que as pessoas a eles conferem. A pesquisa qualitativa possui uma abordagem naturalista e interpretativa que implica na qualidade das entidades e sobre os processos e os significados socialmente construídos da realidade, em que não se preocupa em quantificar o que emerge da realidade (DENZIN, 2006).

Já o método etnográfico trata-se de um exercício que abrange muito mais que a ocorrência de estabelecer relações, transcrever textos, eleger informantes, mapear campo e construir um diário. Fazer etnografia é como tentar ler um manuscrito estranho, contraditório e com comentários tendenciosos. É papel do pesquisador traduzir o mundo simbólico que abarca as diferentes formas de cultura a partir de uma análise interpretativa (GEERTZ, 2008). Este método é visto como o encontro entre o individualismo metodológico (que tende para sacralização do indivíduo) e a perspectiva sociológica (que tende para o social) (FONSECA, 1999).

O consumo de crack e outras drogas é um complexo fenômeno atrelado de significados socioculturais e que instiga a sociedade a uma série de questões, no que tange à caracterização desta pessoa que faz uso de substância psicoativa (quem é esta pessoa, por que usa drogas, por que usa o crack, em que condições vive, como faz uso destas drogas e quais as trajetórias de uso, como ocorrem ou se dão as trocas e alianças). Dessa forma, o entendimento e a compreensão desses fenômenos serão mais bem apreendidos por meio de uma inserção direta no campo a ser pesquisado.

O propósito fundamental da investigação de tipo etnográfico é a descrição cultural, possibilitada primordialmente pela observação participante de atividades desenvolvidas pelos membros de um determinado grupo durante um período de tempo relativamente longo (NEVES, 2006).

5.2 Aproximação aos participantes do estudo

A coleta dos dados ocorreu no município de Pelotas/RS, com a ajuda da Estratégia de Redução de Danos (ERD) e teve como ponto de partida a observação direta, evoluindo para observação participante e diálogo (roteiro de perguntas para auxílio), sempre que as condições do campo estavam favoráveis, ou seja, que o lugar visitado estivesse composto por pessoas que quisessem nos receber, aceitassem nossa presença, que conversassem conosco ou permitissem apenas a observação, que não houvesse ações violentas entre as pessoas ou algum tipo de ação policial. O período de coleta de dados foi de julho de 2017 a dezembro do mesmo ano, perfazendo um total de cinco meses de observação e acompanhamento. As idas a campo aconteceram durante o dia na frequência de três a quatro vezes por semana, totalizando aproximadamente 240 horas de observação e conversas.

Os participantes do estudo são pessoas usuárias de crack e outras drogas e foram entrevistadas seis pessoas, além de outras que participaram somente como forma de observação, totalizando aproximadamente 20 pessoas. Quanto as entrevistas, foram realizadas uma com cada participante e os dados foram complementados durante a observação e convivência com os usuários. Os usuários foram escolhidos por indicação dos Agentes redutores de danos embasado no conhecimento prévio destas pessoas e que possivelmente aceitariam participar do

estudo, uma vez que teriam que ser pessoas que se disponibilizassem a aceitar que o pesquisador os acompanhassem por longo período de tempo.

5.3 Local do estudo

Esta pesquisa deu continuidade a dissertação de mestrado defendida em 2013, intitulada “O sentido antropológico de dons e dádivas entre grupos de usuários de crack e outras drogas”, a qual também foi desenvolvida na perspectiva etnográfica nas cenas de uso de substâncias psicoativas no município de Pelotas. Desta forma, já existia um conhecimento prévio da autora sobre os locais e as cenas de uso que os participantes frequentam.

A aproximação com os participantes ocorreu por intermédio da Estratégia de Redução de Danos (ERD) em meio ao território de atuação do ERD, cenas de uso e em algumas residências dos participantes. Inicialmente participei do trabalho dos agentes em campo para identificar possíveis participantes e após algum tempo de observação selecionei as possíveis pessoas para participar do estudo fazendo posteriormente, o convite formal para participação e acompanhamento. Os locais e bairros frequentados nesta etnografia foram identificados com nomes fictícios na tentativa de manter o anonimato das pessoas que vivem nestes bairros.

A etnografia se concentrou em três bairros da cidade por serem locais nos quais se encontraram pessoas dispostas a participar do estudo e também por serem locais de grande vulnerabilidade social compostos por cenas de uso de crack e grande comercialização ilegal de drogas.

Os locais foram nomeados como Rua da Cidadania, Beco e Vila dos Catadores.

A Rua da Cidadania fica situada dentro de um grande bairro próximo a zona central da cidade. O local é composto por casas humildes e simples, há grande circulação de pessoas e o tráfico é muito presente na região.

O Beco é um vilarejo escondido dentro de um bairro de grande circulação na zona periférica da cidade, rua que não tem acesso a carros, somente pedestres e motos circulam por ali. Local composto majoritariamente por casebres, sem saneamento básico e sem energia elétrica formal. O local caracteriza-se por ser cena de uso e comércio de drogas em geral.

A Vila dos Catadores também é uma rua sem saída próximo a zona central, com grande circulação de pessoas e sua característica principal é o trabalho com reciclagem de lixo e tráfico de drogas.

A ERD é um serviço que pertence à Secretaria Municipal da Saúde (SMS) e desenvolve suas atividades junto ao Programa de DST/AIDS, atuando na perspectiva do Programa de Redução de Danos (PRD). Os locais de atuação do serviço compreendem cinco grandes áreas da cidade (Areal, Fragata, Zona Norte, Centro, São Gonçalo) nas quais os Agentes Redutores de Danos (ARDs) realizam abordagem direta a pessoas que fazem uso de drogas, inseridos no território que estes indivíduos pertencem (AL ALAM, GOULART, CRUZ, et al. 2012).

O município de Pelotas possui área territorial de 1.610,084 km² caracterizando-se como uma cidade de médio porte e a terceira mais populosa do estado. Possui população de 328.275 habitantes, destes 154.198 são homens e 174.077 são mulheres, prevalecendo a faixa etária de 20 a 39 anos de idade, cor branca, mulheres, renda mensal entre ½ a 2 salários mínimos. Em relação aos subindicadores educação, renda e saúde, o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) de Pelotas corresponde a 0,739. O IDH é um dos índices mais utilizados quando se deseja medir o desenvolvimento de determinado município. Variando entre 0 a 1, quanto mais próximo de 1, maior o índice de desenvolvimento (IBGE, 2015).

Referente a problemática atual do uso de substâncias psicoativas, no município de Pelotas foi realizado um estudo que caracteriza o perfil dos usuários de crack e padrões de uso divulgado em 2014. A amostra constitui 681 sujeitos sendo 505 entrevistas válidas e 176 recusas. Das entrevistas válidas 436 sujeitos eram de usuários cadastrados na ERD e 69 do CAPS Ad. Assim, apresenta-se brevemente o perfil destes usuários: em relação a escolaridade, grande parte dos usuários, n=327 (64,8%) possuem ensino fundamental incompleto. Quanto a renda individual, n=450 (89,1%) vivem com dois salários mínimos ou menos. Quanto a renda familiar, n=330 (65,4%) vivem com dois salários mínimos ou menos. Tipo de trabalho e/ou ocupação dos sujeitos sendo que n=147 (29,1%) não trabalham, n= 106 (21,0%) trabalham informalmente e que n=118 (23,4%) apresentam trabalho do tipo formal. Quanto ao número de filhos, n=344 (68,1%) possuem 2 filhos ou menos. O tipo de moradia, n=377 (74,6%) moram em casa ou apartamento próprio (OLIVEIRA, 2014).

5.4 Critérios de inclusão dos participantes

Apresentou-se como critérios de inclusão: pessoas que fizeram uso de crack por no mínimo seis meses, podendo no momento estar abstinente; que tenham mais de 18 anos de idade; aceitar o uso de gravador; aceitara divulgação dos dados nos meios científicos.

5.5 Critérios de exclusão dos participantes

Apresentar dificuldades de comunicação verbal e auditiva; apresentar-se sem condições de comunicação verbal por uso de substância psicoativa; não aceitar acompanhamento para observação do seu cotidiano por um tempo mínimo de quatro meses.

5.6 Procedimentos para coleta dos dados

Inicialmente foi encaminhado uma solicitação de autorização do estudo à Secretaria Municipal de Saúde (APÊNDICE A), expondo as características e objetivos do estudo além da permissão de acompanhamento ao trabalho de campo da ERD para a inserção ao campo e busca ativa dos participantes nas cenas de uso, em suas residências ou serviços de saúde.

Após a referida autorização (ANEXO A), o projeto foi submetido online à Plataforma Brasil para encaminhamento e avaliação do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) acompanhado de carta de autorização para realização do estudo (APÊNDICE B).

Mediante aprovação do CEP (ANEXO B), foi realizado contato com a ERD afim de organizar a rotina de visitas para a busca e acompanhamento de pessoas que faziam uso de crack por no mínimo seis meses. O tempo de inserção em campo foi de cinco meses para observação, acompanhamento e uso de roteiro de entrevista (APÊNDICE D). Foram 240 horas de observação em campo e seis entrevistas formais.

Identificados os participantes através da indicação dos ARD, os mesmos foram contatados, informados a respeito do desenvolvimento do estudo e convidados a participar. Após o aceite, foi entregue o Termo de Consentimento Livre

e Esclarecido (TCLE) (APÊNDICE C) para assinatura em duas vias. As entrevistas foram realizadas nos locais em que se encontravam os usuários, quatro entrevistas foram realizadas na rua e duas entrevistas na residência dos usuários.

O estudo empregou a observação participante, entrevista ou diálogo (com auxílio de roteiro) com pessoas que fazem uso de crack e outras drogas, sendo, posteriormente aos encontros e entrevistas, todos os dados registrados em um diário de campo.

A observação participante pode ser considerada parte essencial do trabalho de campo na pesquisa qualitativa. Sua importância é de tal ordem que alguns estudiosos a tomam com um método em si mesmo, para compreensão da realidade (MINAYO, 2010). Observar significa examinar com todos os sentidos um evento, um grupo de pessoas, um indivíduo dentro de um contexto, com o objetivo de descrevê-lo. A escolha pela observação participante se dá devido à questão de que há inúmeros elementos que não podem ser apreendidos por meio da fala ou da escrita. Os comportamentos individuais e grupais, o ambiente e a linguagem não verbal e a temporalidade com que ocorrem os eventos são fundamentais de serem descritos como subsídios para interpretação dos eventos na sua totalidade (VICTORA, KANUTH, HASSEN, 2000). A observação foi realizada junto ao trabalho da ERD nos bairros de atuação da equipe, os primeiros encontros foram para reconhecimento atual do campo e posteriormente, após avaliação, aproximação e segurança do pesquisador conversar e realizar o convite para a participação do estudo.

A observação participante foi sistematizada pelo antropólogo Bronislaw Kasper Malinowski, em 1922, quando pesquisava nativos da Oceania, consolidando um método que, embora não fosse totalmente inédito, passou a ser visto como o principal meio de aferição da qualidade das etnografias (SILVA, 2006).

Em qualquer nível de profundidade em que for realizada, na observação participante, tradicionalmente utiliza-se um instrumento denominado “diário de campo”. Este diário, nada mais é do que um caderno de notas, em que o investigador, dia por dia, vai anotando o que observa e que não é objeto de nenhuma modalidade de entrevista. Nele serão escritas impressões pessoais, resultados de conversas informais, observações de comportamento contraditório com as falas (MINAYO, 2010).

Neste estudo foi construído um diário de campo de forma digitalizada. Devido a experiência prévia da autora em registros de diário de campo, concluiu-se que

após a saída do campo de pesquisa todas as informações, vivências e interpretações da pesquisadora são melhores registradas, garantindo riquezas de detalhes através de gravação em forma de narrativa das experiências no campo e posteriormente transcrito.

5.7 Princípios éticos

Para o desenvolvimento desta pesquisa, foram respeitados os aspectos éticos conforme a Resolução no. 466/12 do Conselho Nacional de Saúde (CNS), do Ministério da Saúde (MS) que regulamenta as pesquisas envolvendo seres humanos (BRASIL, 2012b).

Primeiramente foi encaminhado carta e cópia do projeto para Secretaria Municipal de Saúde de Pelotas solicitando apreciação e autorização para participação/inclusão da Estratégia de Redução de Danos como parte responsável pela coleta de dados da pesquisa. Após qualificação do projeto pela banca avaliadora e aprovação da SMS, o projeto foi submetido de forma online à Plataforma Brasil para encaminhamento e avaliação do Comitê de Ética em Pesquisa.

Após o contato com os participantes e convite para participação da pesquisa, foi apresentado por escrito o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (em 2 vias). Este termo foi lido de modo a esclarecer as dúvidas e os procedimentos utilizados para o desenvolvimento da pesquisa, assegurando que a participação é voluntária. Após o aceite e todos os esclarecimentos possíveis, foi solicitado a assinatura em duas vias do documento, a qual uma ficou com o entrevistado e a outra sob a responsabilidade do pesquisador.

Foram garantidos a todos os participantes o anonimato, o direito de desistir da pesquisa a qualquer momento e o livre acesso aos dados quando for de seu interesse. Os participantes foram identificados por meio de nomes fictícios, escolhidos por eles próprios.

Não foi incluído nenhum tipo de procedimento invasivo ou coleta de material biológico, ou experimento com seres humanos. Os riscos previstos no estudo foram relacionados a observação e/ou o diálogo, que poderiam acarretar desconfortos de ordem moral, no entanto, a continuação da participação poderia ser negada pelo

participante a qualquer momento do estudo, sendo que sua desistência não acarretaria prejuízos pessoais.

O material gravado e transcrito (entrevistas e diário de campo) está em um banco de dados com o pesquisador e ficará armazenado por um período de cinco anos e depois será deletado.

5.8 Análise dos dados

Para embasar esta tese, foram utilizados dados coletados conforme descrito na metodologia e ainda dados do diário de campo de pesquisa realizada em 2012 e 2013 (diário de campo da dissertação de mestrado) pela necessidade de aprofundar alguns dados apontados outrora e pelo objetivo de dar continuidade a esta pesquisa iniciada em 2012.

A análise dos dados obtidos foi embasada no Interpretativismo de Clifford Geertz (2008).

Clifford Geertz foi o fundador da Antropologia Interpretativa, fazendo uma forte crítica ao etnógrafo Bronislaw Malinowski, que fez de seus manuscritos apenas descrições densas e exaustivas dos cenários de estudo de que fez parte, resumindo-se a apenas isto e dispensando análise e interpretação de conteúdo (GEERTZ, 2008).

O interpretativismo é descrito como sendo uma análise que penetra o corpo do objeto de estudo, ou seja, inicia-se com as interpretações do pesquisador a respeito do que pretendem os informantes ou pesquisados, ou o que o pesquisador acredita que eles pretendem, posteriormente sistematizando essas ideias e interpretações (GEERTZ, 2008).

Geertz (2008) defende textos antropológicos como sendo interpretações legítimas, definindo essas interpretações como sendo de segunda e terceira mão. A interpretação de primeira mão só é conseguida através de nativos, que de fato são aqueles que vivenciam de forma absoluta sua própria cultura. Portanto, a escrita etnográfica trata-se de uma ficção no sentido de que é algo retratado, modelado, confeccionado por um pesquisador através de sua vivência e interpretação dos fatos. A essência de uma etnografia é escrever o “conteúdo”, a forma, a performance, a narrativa, a estética, tanto quanto a ética do ato de comunicação, a

“substância” do falar, o acontecimento que envolve as falas e não apenas o acontecimento dos fatos pelo mero fato de acontecer.

5.9 Divulgação dos resultados

Os resultados serão divulgados à comunidade acadêmica, por meio de artigos científicos que serão redigidos após a defesa e aprovação da tese e posteriormente encaminhados a periódicos de reconhecimento e relevância nacional e internacional. Também serão apresentados, posteriormente, aos participantes do estudo, profissionais da saúde e ARDapresentação dos principais resultados em Seminário local realizado pelo “Grupo de estudos de Substâncias Psicoativas” com frequência anual para divulgação dos estudos realizados no grupo, no qual a autora está inserida.

6. Resultados e Discussão

6.1 Conhecendo os participantes da pesquisa

Neste capítulo apresentarei as pessoas que participaram do estudo, seja por meio de entrevista formal ou por conversa informal que consegui acompanhar por tempo mais prolongado e ainda aquelas que observei no território que eu estava inserida.

Realizei seis entrevistas, entre elas estão duas pessoas que acompanhei por mais tempo, duas foram pessoas que vi algumas vezes e as outras duas são pessoas que conheci somente nesta ocasião da entrevista e nunca mais as vi.

Rosa, 46 anos, cor da pele branca, moradora da Rua da Cidadania, denomina-se “juntada” com o namorado, mãe de um único filho que perdeu há dois anos atrás, sem emprego fixo, faz “bicos” de faxineira e cuidadora de carros, sem renda fixa, estudou até a quinta série do ensino fundamental, usa crack há quatro anos e também faz uso de álcool, é uma usuária que já fez uso abusivo do crack mas atualmente o usa de forma controlada.

Filipe, 19 anos, branco, mora próximo a rua da Cidadania, faz uso controlado do crack, atualmente namorando, sem filhos, escolaridade até o segundo ano do ensino médio, sem trabalho e sem renda, referiu já ter usado vários tipos de drogas e atualmente está usando maconha, o crack está tentando parar há uns quatro meses, com episódios de abstinência e recaída.

Fola, 19 anos, negra, residente do Beco, solteira, tem dois filhos, um de quatro e outra de dois anos de idade, estudou até a terceira série do ensino fundamental, não trabalha e como renda possui a pensão de 300 reais do filho mais velho, está em abstinência do crack há sete meses mas usou por dois anos de forma abusiva, atualmente fuma cigarro e bebe cerveja.

Carol, 19 anos, negra, moradora do Beco, solteira, tem um filho de seis meses de idade, estudou até a sétima série, não trabalha e não tem renda, atualmente usa o crack de forma abusiva.

Dani (apelido), negou-se a usar nome fictício, insistindo neste ponto por negar passagens na polícia e dizer não ter problemas com exposição, 35 anos, homem branco, morador de bairro próximo ao Beco, solteiro, pai de dois filhos (16 e 12 anos de idade), estudou até o segundo ano do ensino médio, é padeiro, confeitoiro e atua na área de construção civil, renda de aproximadamente dois mil reais, consome crack de forma controlada e cigarro.

Fabiana, 36 anos, negra, reside na zona portuária da cidade, solteira, considera-se do lar mas também referenciou a prostituição como trabalho, como renda não falou um valor fixo variando muito em cada noite, tem nove filhos, estudou até a oitava série, atualmente usa crack (consumo controlado), cachaça e cigarro referindo a cachaça ser a substância mais utilizada. Frequenta o Beco como forma de lazer para consumir crack.

Conheci adolescentes no Beco que levam a vida circulando pelas ruas dali e das redondezas da vila. As meninas, quase todas tem algum grau de parentesco, quatro que conheci são irmãs, todas negras, criadas em casas de assistência a criança e adolescentes com saída destes lares ao completar a maioridade, mas quase todas saíram aos 14 ou 15 anos de idade (segundo informações, saíram fugidas) e foram morar no Beco, pois ali residem mãe e irmãs mais velhas. Destas quatro meninas, apenas uma não tem filhos, as demais tem de um a dois filhos, sendo que uma delas, de 17 anos, tem uma filha de um ano de idade, que ainda bebê foi recolhida pelo conselho tutelar. Os meninos não soube muitas informações pois pouco se aproximavam de nós, diferente das meninas que eram muito receptivas e comunicativas, sempre na nossa volta. Deles, consegui observar que alguns eram namorados das meninas e também envolvidos com o comércio de drogas. Duas das meninas utilizam a prostituição como forma de renda.

Conversei também com um rapaz morador da rua da Cidadania, que tempos depois descobri que era foragido da polícia e por isso nunca mais reencontrei. Era um homem negro de 30 e poucos anos de idade e que era ótimo em saltos e brigas de rua, na ocasião demonstrou vários saltos com muita técnica e destreza. Usuário de crack e álcool e que possuía um porte físico muito definido devido a estes exercícios físicos, muito comunicativo e orgulhoso de apresentar suas habilidades.

Márcia, com aproximadamente 30 anos, negra, mãe de nove filhos que estava quase sempre presente no Beco com alguns filhos. Sempre ociosa, sentada na rua com as crianças em volta, nunca a vi consumindo drogas, mas sei que é usuária e dizia estar sempre ali porque não tinha o que fazer em casa (em outro bairro).

Paula, também com aproximadamente 30 anos, negra, mãe de cinco filhos e nenhum sob sua guarda, a mais nova, de quatro anos, foi retirada da família neste tempo de coleta de dados e acompanhei em parte sua tentativa por se recuperar para reaver a guarda da filha, no entanto, ao final do campo ela mudou de bairro e não consegui mais vê-la. Mulher envolvida com a venda de drogas e também atua como profissional do sexo para complementar a renda, esposa de um homem que já fora responsável pelo tráfico no Beco. No início da coleta de dados eram casados, no entanto, acompanhei a separação do casal em decorrência de um sério problema de saúde do rapaz.

6.2 De volta as cenas de uso

Voltar a campo foi gratificante, bom, revigorante, pois fazer etnografia é uma tarefa que embora seja trabalhosa é também recompensadora pois gosto de estar em campo, me aproximar de pessoas que são rejeitadas e discriminadas, mostrar a elas que todo ser humano tem seu valor e que existe sim pessoas que querem se aproximar e de alguma forma proporcionar algum benefício, mesmo que muitas vezes este ato seja apenas ouvir, respeitar e não julgar, conviver com crianças tão carentes e ver que um simples gesto de carinho é o suficiente para agradar alguém, porém por alguns momentos foi triste e frustrante. Nestes meses em campo ouvi e dividi histórias de diferentes pessoas em diferentes ocasiões, presenciei cena de jovem armado, escutei relato de violência sexual e conheci uma face mais violenta que envolve o meio que os usuários de crack vivem seu dia a dia, esta realidade não é algo natural para mim, e até então não fazia parte da minha experiência de trabalho de campo, o que de certa forma causou um sofrimento intenso e incômodo em mim, gerando algumas vezes insegurança e medo, reflito constantemente sobre estes acontecimentos pensando por mim enquanto pessoa e enquanto pesquisadora.

Quando adolescente e jovem adulta praticava atividades na rua com amigas e amigos livre do medo e da insegurança, hoje, percebo através da minha família e amigos que determinadas atividades já não são mais possíveis, ou ao menos feitas cercadas de inquietude. Infelizmente já tive parentes assaltados ou que sofreram tentativa de assalto nos mesmos lugares que na minha adolescência eram lugares de lazer e segurança. E assim minha querida Pelotas evoluiu ao longo dos anos, vista a partir do meu sentimento e vivência enquanto pessoa.

Já como pesquisadora, como fiz referência inúmeras vezes, desenvolvi minha pesquisa de mestrado nos anos de 2012 e 2013, frequentei inúmeros bairros da periferia da cidade, nunca senti insegurança, as cenas de uso e bairros, por mais insalubres e assustadoras que às vezes pareciam, não me davam medo, preocupação ou receio de me aproximar, me aproximava das pessoas usuárias de crack de forma muito tranquila, algumas vezes o comércio da droga se misturava a cena, mas negociações simples e pequenas.

Hoje, durante minha atuação em campo para coleta de dados, nos mesmos bairros frequentados, muitas vezes senti medo de sofrer alguma violência, fato que

nunca tinha me acontecido, ou vontade de ir embora, não por falta de vontade de seguir meu trabalho e nem pela presença dos usuários de crack, mas por insegurança que o meio oferecia.

Porém, ao mesmo tempo sabia que tinha que cumprir meu objetivo e me aproximar desta população nestes ambientes para tentar entender um pouco, apenas um pouco do cotidiano destas pessoas e usuários e de alguma forma compreender as relações existentes neste meio, o que para muitas outras pessoas é incompreensível e até mesmo inaceitável, além disso falo não só no sentido da pesquisa que me propus a desenvolver e sim como pessoa e humana que sou, pois afirmo com toda certeza que muitas vezes a presença e o ato de escutar o próximo pode ajudar de forma muito mais significativa e rápida uma pessoa necessitada de atenção e assistência, seja social ou de saúde, e se tratando da população usuária de crack e sua família, um simples gesto de parar e escutar toda uma trajetória de vida, sem julgamentos e apontamentos pode fazer um bem imensurável. E com esta ideia muito clara na minha cabeça é que segui em frente por cinco meses junto com os agentes redutores de danos, tentando me aproximar das pessoas usuárias de crack que já tinha contato desde 2012 assim como também me disponibilizando a conhecer novas pessoas.

Acredito que a maternidade me modificou ou me transformou enquanto pessoa e também pesquisadora, coisas simples observadas em campo envolvendo crianças acredito que me chamaria a atenção, mas não de forma tão significativa e impactante como foi neste campo, muitas vezes segurei o choro, me perdi em pensamentos com comparação das cenas que vivi com minha filha e a forma de criá-la, valores despercebidos e que foram repensados, voltava pesada para casa, tensa, misto de revolta e de compreensão com todo o cenário observado.

Falo em compreensão pois não sei como eu agiria se fosse uma das pessoas que vive em meio a miséria e pobreza, se fosse uma destas adolescentes que vejo sem perspectiva de futuro, sem pais, sem referência, sem lar, ou então fosse uma mãe e não conseguisse ofertar isto aos meus filhos, não sei se não acharia no crack uma válvula de escape para fugir de toda a decepção e desilusão de viver, não posso afirmar nada e nem julgar ninguém pois só quem vive este tipo de condição é que pode falar da dor, do desgosto ou do prazer em viver desta forma. Souza (2016), aponta que o abandono afetivo e social somados a uma experiência silenciosa de humilhação sem explicação palpável é que cria a prisão do vício. A

raiva e o ressentimento do abandono e da humilhação cotidiana podem se transformar, e servir de motivação para uma vida pobre materialmente, para muitos, a reação é dirigida contra si mesmo e o consumo da droga é uma tentativa desesperada de fugir de um cotidiano intragável ainda que o consumo progressivo apenas aumente o desprezo social e a degradação subjetiva e objetiva.

Hart (2014) defende a ideia de que para as pessoas que estão na rua, sem perspectiva, não há reforço alternativo. Ficar sem crack é pior, porque obriga-os a conviver de cara limpa com a sujeira, a desesperança, a violência. Por isso que, embora o crack seja usado por gente de todas as classes e etnias, os brancos e os de classe média geralmente não se viciam, porque têm algo a mais a esperar da vida. Quase sempre os menos favorecidos, com dificuldades de acesso a saúde, educação e segurança são os mais pobres e os membros de minorias raciais que acabam entrando no ciclo do vício.

No dia 10 de julho de 2017 retornei para o campo e iniciei minha nova coleta de dados. Depois de algum tempo, quatro anos afastada do campo enfrentei todas adversidades pessoais que vivi nesta época, mas como eu já sabia e previa, era só vencer o cansaço da maternidade e do trabalho diário em uma UTI para o meu sentimento dentro do campo reflorescer.

Foi um sentimento muito bom voltar, voltei com empolgação que foi potencializada pela recepção dos agentes redutores de danos. Hoje a dinâmica de trabalho da equipe está diferente, existem composições de trabalho que contemplam diferentes áreas, cada equipe é responsável por um território e realizam visitas e acompanhamento junto a UBS e escola diariamente; já a noite, todos agentes juntos visitam um único bairro por noite, sendo todos territórios contemplados a noite ao menos uma vez na semana. No mestrado meu campo foi 95% a noite pois eu precisava acompanhar grupos de uso de crack e é a noite que estes grupos se formam com maior força e frequência, cheguei a esta conclusão por ir a campo algumas vezes durante o dia e perceber a ausência de grupos na rua, ficando evidente esta prática nos dias que frequentei as cenas de uso a noite. Acredito que a noite seja o turno mais tranquilo tanto para as pessoas, pois as rotinas de compromissos com filhos, escola e emprego se dão na maioria das vezes durante o dia, quanto para a circulação e movimentação nas ruas, pois geralmente as pessoas resguardam-se aos seus lares para descanso. Desta forma, o ambiente externo, a

rua torna-se propício para formação destes grupos de consumo de crack sem interferências.

Para desenvolver esta pesquisa, inicialmente a ideia era acompanhar seletos usuários de crack durante alguns meses, reencontrar usuários de 2013 que cruzei ou achar pessoas novas que aceitassem meu acompanhamento diário em suas vidas e rotinas. No entanto, reencontrar as pessoas não foi tão difícil, reencontrei alguns mas como já havia enfrentado este problema em 2013, os usuários de crack são pessoas de grande rotatividade no território, encontrei muita dificuldade em conseguir acompanhá-las diariamente ou semanalmente, até as pessoas que possuíam residência fixa, as vezes ficava semanas e quase meses sem vê-las, outras simplesmente desapareceram, conseguindo acompanhá-las somente no início do campo.

Assim, encontrei o primeiro obstáculo para o desenvolvimento desta tese, não seria possível uma etnografia focada nos usuários de crack, decidi por seguir no campo fazendo uma etnografia dos territórios que frequentei e tentando captar participantes para entrevistar, segundo obstáculo vivenciado, ao me apresentar como pesquisadora e convidar para participação formal do meu estudo, respondendo ao questionário, obtive inúmeras respostas negativas, aceitavam conversar informalmente, mas para conseguir conversar e entrevistar formalmente alguns participantes, necessitei da ajuda dos redutores de danos e ainda assim com respostas não imediatas e sim com amadurecimento da ideia para possível participação em um outro momento de minhas idas a campo. Me surpreendi com o número elevado de negativas que obtive, diferente de 2013, no entanto, no mestrado meu estudo envolvia somente observação, participação e diálogo livre, apresentava a proposta do trabalho mas não aplicava questionários e nem carregava gravador, já para esta tese necessitei complementar meus dados de observação com entrevista semiestruturada para conseguir alcançar meu objetivo e acredito que o receio em aceitar dar entrevista envolva o medo de exposição, da identificação, de sofrer preconceitos por viver em um condição tão julgada aos olhos da sociedade ou até represálias por acabar oferecendo informações que julgam ser ameaçadoras ou de sigilo. Tive alguns destes sentimentos nos momentos de convite e respeitei sempre a posição e o tempo de cada um.

Meu primeiro dia de campo foi o retorno a Rua da Cidadania, foi emocionante retornar a um lugar que frequentei por oito meses entre 2012 e 2013 e minha

ansiedade era em ver como as pessoas que viviam neste espaço estavam se organizando hoje, se ainda existiam os barracos, como eles estavam, se o consumo livre de drogas nas ruas permanecia o mesmo ou não e se reencontraria as mesmas pessoas. Este bairro caracterizei assim:

Bairro próximo a zona central, uma rua, um nome que provoca aversão. A Rua da Cidadania! (FERREIRA, 2013. Diário de Campo - 14.01.13).

À época era uma rua com casas de alvenaria e barracos¹, chão batido e sem saneamento básico, com condições precárias de higiene. Ali, o tráfico e o comércio pequeno de drogas acontecia a qualquer hora, olheiros espalhados pela rua para controlar a chegada da polícia, pessoas com seus cachimbos de crack circulando livremente pela via pública e pessoas fazendo uso de cocaína e maconha nas esquinas e na frente das residências. Em meio a esse cenário, pessoas sentadas na rua, tomando chimarrão, e muitas crianças brincando e correndo livremente. Esta rua dá acesso a um beco que tem um grande muro, que separa um condomínio residencial desta rua. O local é chamado popularmente de “muro” ou como “rua da antena”, pois neste beco há uma grande antena de telecomunicação. Neste espaço há iluminação pública suficiente, no entanto, as pessoas preferiam ficar nos espaços em que a luz não iluminava plenamente ou então no local da rua em que não havia iluminação devido à presença de um banhado e lixão a céu aberto. Nesse espaço as pessoas reuniam-se para consumir droga e encontravam-se por lá a qualquer hora do dia (FERREIRA, 2013).

Neste local pude perceber e acompanhar ao longo do tempo a construção de “barracos” erguidos ao longo do muro como forma de abrigo, moradia e proteção. Esses barracos eram construídos somente com materiais do lixo ou encontrados pela rua. Dentro de um mês havia cerca de cinco barracos e consegui acompanhar a evolução das construções que aconteciam de forma muito rápida a cada semana (FERREIRA, 2013).

Na rua da antena os barracos aumentam, são três, um maior e dois menores, são barracos quadrados feitos de pedaços de madeira e entulhos numa altura de aproximadamente 1,40 m no máximo. Não é possível um adulto ficar em pé lá dentro. Por cima há pedaços de telhas Brasilit, lona,

¹Pequena habitação de madeira, coberta de palha, telha ou zinco, geralmente construída em morros ou favelas. Qualquer casa muito simples, rústica, com instalações precárias (FERREIRA, 2010).

pedra e mais pedaços de madeira e lixo para fazer a cobertura do barraco, existem pequenas entradas na frente simulando uma porta que não tem proteção, fica o espaço aberto. Para facilitar a compreensão, parece muito com uma casinha de cachorro, só que maior e com o telhado reto. De início eu custei a identificar que eram abrigos, pois de longe e no escuro parece entulho de lixo e sujeira, mas quando nos aproximamos vimos que havia pessoas ali e entendemos que tratava-se de 'casas'." (Diário de Campo – Rua da Cidadania, 10.06.13)

Em 2017, o cenário físico não mudou em quase nada, a situação do bairro segue precária, muito lixo na rua, gente humilde e crianças correndo no meio do lixo. No entanto o que difere no cenário é na “rua da antena”, aonde tinham os barracos agora tem os “chalés”, casebres que à minha descrição seguem sendo os barracos (no sentido precário da palavra) mas de tamanhos maiores, semelhantes a casas de alvenaria e hoje descrevo como chalé pois assim foi dito pelos moradores que ali residem ao conversarmos em um dia de campo, um usuário fez referência a sua casa e a dos seus vizinhos como sendo um chalé. Neste cenário mudaram também as pessoas que trilham ali, pois não reencontrei nenhuma pessoa conhecida neste local o que afirma novamente a rotatividade das pessoas nestes territórios e o consumo livre de drogas na rua segue como característica do lugar.

O retorno na Rua da Cidadania mostrou que o fluxo e ações de pessoas segue a mesma coisa, próximo aos chalés as 15h da tarde segue como antigamente, uso livre de crack em plena luz do dia. Passamos por um casal sentados no chão que naturalmente conversou conosco aceitando as informações de cuidados com a saúde. Os dois estavam tranquilos, sentados em silêncio observando a movimentação local, nos aproximamos sem resistência alguma deles. E a nossa presença não incomodou em nada o ato de fumar o crack (DIÁRIO DE CAMPO, 10/07/2017).

Ainda a tarde, em um dia de campo normal, vivi uma situação bastante tensa na rua da Cidadania, coisa nunca vivenciada a noite em 2013. Estávamos terminando o campo quando nos deparamos com uma briga no qual um dos integrantes estava armado, nosso sentimento de medo meu e dos agentes foi forte, coisa que eu desconhecia até então neste bairro.

Retornei novamente a Casa da Rosa, local também visitado várias vezes em 2013.

Um terreno que possui no fundo paredes erguidas e telhas cobrindo-as. Dizem que é uma casa, uma residência. Ambientes que sugerem três peças, sujas e sem móveis, apenas colchão e lixo espalhados pelo chão. Água e energia elétrica são inexistentes. A casa da Rosa! (Diário de Campo – 03.01.13)

Mais um lugar que não mudou em quase nada, quatro anos sem passar por ali e parecia que eu estava ainda em 2013, casa sem estrutura alguma, paredes queimadas, sujas, cachorro dividindo o espaço, móvel velho e carcaças de eletrodomésticos. Ela estava lavando roupa na rua, com um pedaço de mangueira, na calçada no meio de todo lixo amontoado que se encontrava ali e mesmo neste cenário miserável, ela seguia como antes, como a conheci, sorridente, comunicativa, parou tudo que estava fazendo para nos receber, pedindo nossas visitas com maior frequência.

Se estruturalmente a casa não teve melhorias com o passar dos anos, ao menos uma mudança significativa teve, segundo os agentes redutores de danos, a casa deixou de ser cena de uso coletivo, não há mais o movimento de pessoas entrando, saindo e consumindo crack, hoje ela está em um relacionamento estável com um companheiro que também consome crack tanto quanto ela e este relacionamento pode ser o motivo da casa ter deixado de ser uma casa de consumo pois como ela própria relatou, agora ela está mais tranquila com seu namorado, trabalha na rua em suas faxinas e cuidando carros e consome crack de forma mais reservada dentro de casa com seu parceiro, quando está com vontade vai até a antenna e usa com seus amigos.

Achei ela bem, melhor que em 2013, ainda muito magra mas com uma aparência mais saudável apesar de mal vestida e suja, conversando de forma mais racional pois em 2013 estava praticamente sempre sob efeito de drogas. Rosa foi uma das participantes que pensei em acompanhar continuamente para este estudo, mas depois deste encontro a encontrei raras vezes devido ao seu trabalho como cuidadora de carros, então em uma oportunidade meses depois, consegui ao menos conversar com ela e realizar uma entrevista.

Na Rua da Cidadania conheci o Filipe, um rapaz que quebra totalmente qualquer padrão de perfil de usuário de crack, desde meu retorno ao serviço de redução de danos, os agentes prontamente me falaram dele, por ser um caso que eles acompanham há alguns anos, por toda família estar envolvida na problemática, e principalmente pela certeza que tanto o Filipe quanto sua família me aceitariam na sua casa para dividirem suas vivências comigo, o tempo que fosse necessário. E eles tinham toda razão, chegando lá, exceto pelo clima pesado que estava em decorrência de uma recaída do Filipe, fui muito bem tratada e recebida.

Filipe é branco, 19 anos de idade, bem vestido, com uma família presente, filho único, mora com pai e a mãe e ainda tem a avó materna que mora no mesmo pátio. Usa crack há dois anos mas seu contato com substâncias ilícitas é desde os 13 anos de idade. Neste dia os pais do Filipe estavam muito assustados e dentre tantas coisas que falaram o que mais me chamou a atenção foi a preocupação do pai pois o Filipe usou crack no final de semana e ficou devendo dinheiro ao traficante e desabafou do medo que tem de perder o filho para o tráfico, pois hoje a mortalidade e violência ali no bairro estão fora de controle, “por 10 reais os traficantes matam na maior naturalidade que há” e fala isso por experiência de vivenciar e assistir estas mortes na rua em que mora. A fala deste pai me faz refletir no que pode ser a maior das sanções vivenciadas no consumo do crack, a sanção de ter que pagar com a própria vida. O que antes nos preocupava em relação à droga era o uso e os riscos físicos e psicológicos, ou até mesmo de preconceito ou de estigma, hoje o que bastante preocupa é a manutenção da vida que pode ser retirada a qualquer momento pela polícia ou pelo tráfico.

Na ocasião fui apresentada a eles, expus meu trabalho e prontamente recebi a aprovação da família para construir minha pesquisa. Filipe e sua família foram as pessoas que mais consegui acompanhar de forma contínua durante meu campo.

Esta volta no bairro durante o dia me mostrou coisas que jamais tinha visto a noite, até mesmo porque meu olhar em 2013 era direcionado para outro foco, procurava e me inseria em grupos fechados e ali ficava, observava o ambiente ao meu redor mas de forma restrita e a dificuldade de visualizar o ambiente plenamente era devido a falta de iluminação. Conheci uma pracinha para crianças, mais afastada da Rua da Cidadania mas ainda dentro do bairro, me chamou a atenção esta praça pelo fato de ser colorida e estar localizada em uma área verde, tudo muito simples dentro do contexto do bairro, mas um cenário que deu um certo alívio de ver crianças sendo crianças e brincando em local próprio para isso mas em contrapartida em frente a praça segue o mesmo canal de esgoto cheio de lixo e animais mortos, sujeira e cheiro revoltante.

O segundo bairro da cidade que voltei a frequentar foi o Beco, a curiosidade em retornar a esta vila era imensa, mesmo afastada do campo ouvia muito falar deste bairro, das mudanças que estava sofrendo e da vulnerabilidade das pessoas que moravam e frequentavam o local. O Beco sempre me fascinou, desde a primeira vez que fui lá em 2012 pois é um vilarejo muito próximo da casa aonde cresci e me

criei e nunca tive a ideia do que iria significar aquele lugar para mim, passava pela entrada do Beco sabendo apenas que era um local pobre de posse irregular que as pessoas acabaram se instalando e ali foram construindo suas casas e estabelecendo suas relações. Sempre tive a curiosidade de passar lá por dentro para conhecer, da entrada do Beco se enxergava somente algumas casas e circulação de pessoas, nunca imaginava o potencial do local referente ao uso e comércio ilegal de drogas. Frequentei muito em 2013 e foi um campo forte de observação de usuários de crack.

Bairro de periferia, local de posse ilegal, ausência de infraestrutura urbana e “humana” para se viver. O Beco! (Diário de Campo - 02.01.13)

O Beco, assim nomeio este lugar por tratar-se de um lugar que de fato é um “beco”, é um vilarejo “invisível” que se criou dentro de outro grande bairro. Trata-se de um loteamento tomado ilegalmente por pessoas que assentaram-se nesta zona para construir suas vidas há muitos anos atrás (30-40 anos). É um lugar muito pobre, tomado de casebres e barracos, sem saneamento básico, energia elétrica e nenhuma infraestrutura urbana. No centro do vilarejo passa um córrego de grande porte de esgoto que exala um odor desagradável em toda a região. Por ali não transitam carros, somente pedestres, ciclistas e motoqueiros. Ao entrar no “beco”, o cheiro de esgoto e o próprio esgoto a céu aberto causam mal-estar. O cenário comum ao transitar por lá é esbarrar-se por pessoas circulando na rua, além de crianças brincando em meio à sujeira e lixo (muito presente em toda zona) e circulação grande de homens no único bar da vila. Neste local não é comum presenciar as pessoas consumindo drogas na rua, o forte de fato é o comércio das substâncias. Para o consumo, as pessoas que frequentam e moram nesta vila preferem fazer o uso dentro dos barracos de forma mais resguardada (FERREIRA, 2013).

Em 2017 algumas mudanças aconteceram nesta vila, o local apresenta ainda grande circulação de pessoas, mas não tanto quanto em 2013, o principal bar que havia no centro e que potencializava o comércio de drogas já não existe mais e o perfil do tráfico também mudou. Existem vários lugares vazios, casebres abandonados e o que me foi dito é que os moradores estão migrando para outro loteamento também de posse ilegal há alguns quilômetros dali, imagino que pessoas que não estão envolvidas com o tráfico ou uso de drogas que estão optando por sair

dali, pois hoje o bairro é considerado por alguns agentes redutores de danos, um dos mais vulneráveis da cidade.

A aparência da vila segue a mesma, lixo espalhado por toda parte, o canal de esgoto permanece ali sem melhoria alguma e muitas crianças. Outro fato extremamente urgente de se pensar é a presença forte de adolescentes circulando por estas ruelas, fazendo uso de crack, álcool e maconha a qualquer hora que se passa por ali, tendo a prostituição como principal fonte de renda e acesso a droga. Com estes adolescentes, meninos e meninas não conversei formalmente nem fiz entrevistas, pois não fiz esta solicitação ao comitê de ética para entrevistar crianças e adolescentes, mas impossível negar a presença deles neste cenário, visto que estavam sempre ali. Segundo informações, 24 horas do dia naquela rotina e sendo diretamente acessados pela equipe de redução de danos. Assim, conheci um pouco de suas histórias pelas intervenções e por conversas deles iniciadas comigo pois fazia parte do grande grupo.

Reencontrei Márcia, mulher que em 2013 tinha cinco filhos e hoje está com nove, sendo que a mais nova está com três meses, sem registro de nascimento e sendo acompanhada pelo conselho tutelar. Hoje não mora mais lá, mas encontrei com ela várias vezes a tarde, ociosa na rua com seus filhos pequenos (bebê de três meses, crianças de um ano e cinco meses, quatro e cinco anos de idade) e em meio aos adolescentes que fazem parte da circulação e das ruas do Beco.

Os filhos da Márcia e de outra usuária que conheci no local comumente vinham para nossa volta durante o trabalho de campo, as idades variavam de 6 a 12 anos, sempre muito curiosos e carentes de afeto e contato físico, fazendo vários questionamentos e sempre que possível tentando um contato físico. Certo dia, um gesto, uma brincadeira muito simples me tocou e emocionou profundamente, o menino de 6 anos ficou encantado com a chave do meu carro que no momento estava na minha mão pois estava prestes a ir embora. A chave é do tipo canivete, que possui um botão e a chave é expelida para fora, a criança ficou hipnotizada com aquele objeto, achando algo extraordinário, tal gesto atrasou minha partida pois não tinha coragem de tirar a chave dele, me perguntava como era aquela chave e o olho estalado e o sorriso no rosto de admiração por algo tão diferente que estava conhecendo. Uma coisa muito simples, que nunca tinha ganho minha apreciação, uma simples chave, que daquele dia em diante passou a ter outro significado para mim, um objeto tão simples e sutil que transformou o rosto de uma criança em algo

leve e sereno, fiquei feliz de vê-lo assim e triste por pensar que são coisas simples que fazem as crianças felizes e que mesmo assim são privadas de tal felicidade, vivendo no meio do lixo e de riscos ou danos que poderão marcar suas vidas definitivamente.

Descobri também que preservativos pareciam ser brinquedos para estas crianças, para as filhas de Márcia, fazer balão e mordedores é uma coisa comum. As meninas de 1 ano e 5 meses e de 4 anos utilizam os preservativos para isto. Em alguns dias de campo quando deixávamos os preservativos para ela e no final do campo ao nos despedirmos era comum ver as crianças brincando e saltitando atrás dos balões e a criança menor manipulando o material na boca, brincadeiras com o consentimento da mãe e dos outros que sempre estavam no grande grupo, pois naquele momento estes utensílios eram as únicas coisas que se aproximavam de ser brinquedos, pois brinquedos reais, novos ou velhos não faziam parte daquele cenário.

Reencontrei também uma usuária que em 2013 era e ainda é esposa do traficante que era o líder na época, hoje o tráfico funciona diferente no bairro, a responsabilidade da venda não é centrada em uma única pessoa como era antes, hoje a comercialização varia a cada dia entre as pessoas envolvidas, cada dia um é responsável pela venda, assim não centraliza em uma pessoa só a responsabilidade e liderança do comércio e a venda se dá na rua, livremente, sem mais haver um ponto específico para isso. Paula sempre muito falante e simpática conosco, me falou como estava sua filha pequena (que hoje não está mais com ela) que acompanhei o nascimento em 2013 mas atualmente anda ocupada pois segue trabalhando na prostituição como desde 2013, e em algumas noites se envolvia na responsabilidade do tráfico pois o José (marido) encontrava-se doente, bem debilitado com tuberculose e ela que estava a frente destas negociações.

Por fim, frequentei algumas vezes, não muitas, “a Vila dos Catadores”, atrás de alguns possíveis participantes mas sem sucesso, pois nunca consegui encontrar a pessoa que os agentes julgavam ser interessante participar do meu estudo.

Nesta vila, nas poucas idas, crianças novamente me chamaram a atenção por fazer parte do contexto de tráfico e pobreza. Esta vila é uma pequena ruela sem saída, que se tem acesso por uma via principal, via que teve grande melhoria nestes últimos quatro anos, a rua está asfaltada e a Unidade Básica de Saúde (UBS) está reformada, dando ideia de via limpa e ampla, porém a rua da vila em si segue a

mesma coisa. Muita circulação de pessoas indo e vindo a todo instante, muitas pessoas trabalham com reciclagem de lixo então o lugar é tomado por montanhas de lixo e lixo espalhado.

O lugar estava cheio de mulheres, pessoas sentadas no sol, pois na época era inverno e estava frio, as crianças por toda parte, vi muitos bebês com suas mães na rua, nas rodas de conversa e chimarrão na frente de suas casas, me chamou atenção em um dia qualquer, uma roda com quatro meninas de aproximadamente quatro anos brincando de colégio, uma era a professora e as demais as alunas, o livro possivelmente era do lixo e elas também estavam em meio ao lixo, ao ver esta cena logo pensei que a solução para o futuro destas crianças estava naquela brincadeira mas porque não estavam na escola de verdade? Que investimentos existe para o futuro destas crianças? Que vontade por parte dos pais, da sociedade ou nossa existe para que elas cresçam e sejam pessoas que tenham acesso garantido a educação, a habitação, a cidadania? Todas perguntas sem respostas que sigo me fazendo cada vez que penso neste assunto e que me motiva a seguir em frente com a proposta deste trabalho, mostrar para as pessoas que não querem enxergar a gravidade desta problemática.

Em um destes dias, senti medo, porque um dos aviõezinhos que cuidavam a entrada da vila sinalizou que a polícia estava chegando e a movimentação das pessoas instantaneamente mudou, umas entravam e outras saiam de casa, vi uma mulher escondendo em um buraco no chão um pacote, provavelmente alguma droga, outros corriam. Senti medo da polícia realmente entrar e uma possível briga ou confronto acontecer, troca de tiros ou qualquer outra ação que ponha a vida em risco.

Me questioneei, como aguentam as pessoas que vivem ali, viver sob esta tensão, este medo, o que será que sentem? Certa época da minha vida convivi com uma pessoa que morava ali e tinha quatro filhos, pessoa trabalhadora, sem envolvimento com drogas, morava ali por necessidade e ainda vive até hoje, me relatava do pavor que era morar neste local, sempre pensando na segurança dos filhos, no medo de bala perdida, de abuso da polícia, o terror psicológico que muitos são forçados a viver por falta de condições financeiras e não ter um lugar mais digno para viver, eu por alguns minutos me senti impotente e coagida sem nada acontecer, sem a polícia se aproximar, imagino quem vive isto diariamente e com este risco real de algo acontecer.

E assim foi meu retorno ao campo, quatro anos após, o que vejo é uma região periférica sem investimentos públicos aparentes na infraestrutura, na urbanização, no saneamento básico, entretanto, posso dizer que houve recomposição da equipe de redução de danos, da rede de saúde e saúde mental para tentar atingir de forma mais eficaz a população. Das cenas de uso e circulação de pessoas, a presença de adolescentes é de notório destaque além de crianças de diversas idades envolvidas, não diretamente com o uso de drogas, mas em toda esta circulação de uso e comércio de substâncias ilícitas, miséria e pobreza.

A presença de mulheres nas ruas também foi algo marcante, usando a prostituição como principal forma de obtenção de dinheiro ou circulando nas ruas fazendo parte do cenário de pessoas que simplesmente compõe estes bairros, envoltas de crianças, umas com grande número de filhos que ainda possuem a guarda, umas doadas a outros membros da família para cuidar e outras recolhidas pelo conselho tutelar.

6.3 De relações a sanções sociais: conhecendo o contexto e cotidiano de pessoas usuárias de crack

Para conseguir alcançar meu objetivo de conhecer o contexto de vida de usuários de crack, precisei me aproximar deles de forma mais individual e particular, observar ao redor também foi um exercício fortemente praticado, no entanto, precisei focar em suas histórias e tentar aprofundar em suas vivências e percepções, me libertar de apenas uma conversa casual ou de encontros realizados em cenas de uso e tentar acompanhar de forma mais real seus estilos de vida.

Devido ao meu foco de observação, neste momento me deparei com cenas e situações diferentes do que quatro anos atrás, mas com histórias que se repetiram, ajudas que permaneceram e agora com usuários envolvidos por uma família que nos apresentam uma realidade diferente do que aqueles que vivem sozinhos nas ruas e aprendem a sobreviver junto com o grupo as adversidades que a rua reserva.

Pobreza, solidariedade, perdas e violência foram realidades de maior destaque dentro desta etnografia e novamente faço referência a citação de Malheiro (2008) sobre locais que frequentam usuários de crack, “Lugares perigosos e suas figuras ameaçadoras”. De fato, muitos lugares se tornaram perigosos e violentos, a pobreza persistiu mas a ajuda e a solidariedade entre eles permaneceu, a família se destacou como papel importante de apoio e, o usuário de crack, dentro da sua imagem e rótulo ameaçador refere o mundo do crack como um mundo de perdas e um mundo vazio apesar de manterem o hábito de fumar por livre escolha.

Sempre me inquietou muito e acredito que seguirei constantemente com este sentimento de conhecer melhor os aspectos que envolvem as pessoas usuárias de crack. Vários momentos me questioneei sobre que lugares são estes que os usuários frequentam? Que pessoas são estas? Por que este contexto causa tanto medo na sociedade? Por que as pessoas fogem e desviam suas vidas e olhares desta população? São pessoas criminosas? Moribundas? Os lugares consegui conhecer de forma mais próxima, as pessoas, suas vivências e sentimentos apesar de conseguir me aproximar ainda ficará uma lacuna dos aspectos que envolve o crack havendo necessidade de ser ainda mais explorado. Medo e preconceito, eles reconhecem que existe por parte da sociedade e por isso buscam refugiar-se em locais que sintam-se livres de olhares de reprovação e julgamentos. Criminosos, dos

que conheci, não, mas alguns reconhecem que trocaram toda dignidade de viver por um mundo repleto de dúvidas e anseios que o uso abusivo do crack oferece.

Dentro deste contexto, os usuários de crack vão tecendo suas relações sociais em busca dos seus objetivos e com isso sujeitos também a várias sanções que o meio que permeia o crack oferece. Assim, a tríade dar, receber e retribuir muitas vezes se faz presente mas também acontece dela não existir e as relações e laços passam a ser frágeis rompendo com seu objetivo principal, o laço social. No entanto, quando o laço acontece, ele se dá de forma despreziosa dentro da solidariedade que existe em algumas relações, firmando a tríade base que defende Mauss.

Todos os participantes são usuários de crack e fazem o consumo por no mínimo dois anos e usam outras substâncias associadas ao crack.

“Uso crack há 4 anos, as vezes tomo álcool também, não é sempre, mas tomo. E o crack é a droga que mais uso agora”. (Rosa, 46 anos)

“Estou fumando cigarro e tomando cerveja. Usei crack por dois anos mas já parei há sete meses mais ou menos. Cigarro é o meu forte hoje”. (Fola, 19 anos)

“Crack , cachaça e cigarro. Uso tudo há 7 anos. O que uso com mais frequência é a cachaça.” (Fabiana, 36 anos)

“Já usei todo tipo de droga, tudo, tudo mesmo, crack, maconha, cocaína pó, LSD. Com 13 anos, quase fazendo 14 usei pela primeira vez a maconha, desde então foi passo a passo, fui ficando mais velho e conhecendo outras coisas. O crack foi a última que usei e praticamente larguei todas outras e fiquei só com o crack, o crack comecei com 16 anos, há uns 2 anos. Atualmente uso mais maconha, crack parei já há 4-5 meses mas dentro deste tempo tive umas recaídas e usei esporadicamente.” (Filipe, 19 anos)

“Somente o crack e o cigarro. Até chegar no crack usei cigarro, álcool, maconha, cocaína (pó) e hoje só crack e cigarro. Usei há alguns anos atrás, fiquei seis anos livre e dei recaída, levantei de novo, passei mais dois anos limpo e agora faz um ano que voltei a usar. Comecei a fumar desde os 28 anos crack e o resto.” (Dani, 35 anos)

“Comecei com cigarro, depois pó e crack, tinha 14 anos e o que mais uso é o crack, todos os dias, mais de uma pedra por dia.” (Carol, 19 anos)

Nestes fragmentos da fala dos participantes, o crack aparece em todas as trajetórias de uso, no entanto, nunca de forma isolada, o álcool e tabaco dividem espaço com o crack, assim como a maconha, que aparece desde o início do

consumo de drogas até como substância redutora de danos ao optar por deixar de fumar o crack.

No início da história do consumo do crack, usuários enfatizavam que não associavam nenhuma outra substância a pedra pois segundo eles, havia o medo que esta associação fizesse perder ou modificar os efeitos do crack (NAPPO, GALDUROZ, MATTEI, 1996). No entanto, nesta etnografia há referência de associações com outras drogas, principalmente com álcool ou maconha, assim como a mesma etnografia realizada em 2013 por Ferreira (2013) e ainda no estudo desenvolvido por Ribeiro, Sanchez e Nappo (2010) no qual os entrevistados afirmam que essas drogas modificam os efeitos do crack, seja amenizando ou potencializando seu efeito. Ou seja, o raciocínio do início de implementação do crack – não associar outras drogas ao consumo dessa droga– alterou radicalmente com o decorrer do tempo (RIBEIRO, SANCHEZ E NAPPO, 2010).

Os autores Magura e Rosenblum (2000) observaram em seu estudo que entre usuários de cocaína, 60% apresentavam uso frequente de álcool para alívio de desconforto relacionado ao cessar do uso e fissura. Já o consumo da maconha juntamente com o crack foi associado ao alívio da fissura. Labigalini, Rodrigues e Silveira (1999) relatam experiência bem-sucedida com usuários de crack, na qual estes conseguiam substituir crack por maconha a médio prazo. Essa estratégia foi considerada de redução de danos por esses autores, partindo-se da ideia de que a dependência de maconha, caso se instale, é muito menos danosa que a de crack.

De fato, Filipe (19 anos) relatou esta experiência que se confirma conforme os achados de Labigalini, Rodrigues e Silveira (1999), pois ele conta que atualmente a maconha é a substância que mais utiliza em auxílio à abstinência do crack, faz uso liberado e de aceitação da sua família, pois a mesma acredita e apoia o uso da maconha como forma importante de redução de danos para o filho, relatando que vêem a substância como um ótimo calmante para o filho quando este está em fissura. Nesta relação entre pais e filho fica evidente a doação da família no cuidado e recuperação do filho, aceitando o uso de substância ilícita dentro de casa em prol de sua melhora. Mauss explica que as relações baseadas no dom tem caráter de não obrigatoriedade e fundo de generosidade, enxergamos aqui uma dívida mútua positiva, encontrado principalmente entre parentes e nos vínculos primários. Acontece quando o doador tem o desejo de dar ao outro pelo que ele é, sem pensar no que recebeu ou receberá do outro. E chama-se dívida mútua, quando os dois

sujeitos alcançam esta ideia, tanto doador quanto receptor (GODBOUT, 1998).

O crack foi uma das drogas que mais impactou a saúde pública e que chamou a atenção por seu uso ser atribuído a crimes violentos e pela suposta degradação moral somado a ideia de que o crack vicia na primeira tragada e mata seus usuários em seis meses (BRASIL, 2016). Com as experiências de tempo de consumo relatadas pelos participantes desta pesquisa e observando-se o perfil do usuário de crack (80% homens, na faixa dos 20 e 30 anos, fazendo uso de crack há 6,5 anos em média), de fato, não é mais questionável a hipótese que o crack mata em seis meses (BRASIL, 2016).

A discussão em torno da longevidade do consumo de crack entre usuários tratados e não tratados é bastante atual, principalmente por seu caráter intensivo, recorrente e, em muitos casos, persistente. Isso indica que a utilização do crack deixou de ser tratada como uma prática de curta duração. Nesse sentido, torna-se necessária a adoção de ferramentas metodológicas e conceituais que permitam apreender mais adequadamente a complexidade e evolução dos fenômenos ligados a esse universo (DIAS, ARAÚJO, LARANJEIRA, 2011).

Estudo de Ribeiro et al (2006) mostra que alguns usuários conseguem, de alguma forma, manterem-se ativos no consumo de crack por muitos anos (mais de sete), apesar da série de adversidades e riscos. Em estudo com acompanhamento prolongado dos usuários em dois momentos diferentes de tempo de seguimento, foi visto que as mortes declinaram consideravelmente. Dessa forma, vê-se uma estabilização nas mortes com o passar do tempo, o que sugere o aprendizado de estratégias de proteção. Desta forma, devemos pensar e refletir, pois hoje sabe-se que o crack é uma droga que pode não matar tão rapidamente, nas possíveis causas que podem levar a morte destes usuários tão precocemente.

É frequente o envolvimento em atividades violentas e ilícitas como roubos, assaltos, tráfico e atividades sexuais de risco para obtenção de dinheiro ou droga, causando problemas sociais e de saúde pública (NAPPO et al, 1996; OLIVEIRA, NAPPO, 2008a). Ademais, o estilo de vida adotado pelos usuários, geralmente desregrado e permeado por atividades ilícitas, torna-os especialmente vulneráveis a mortes por causas externas (DUALIBI, RIBEIRO, LARANJEIRA, 2008). Envolver-se em atividades ilícitas dentro de um contexto vulnerável e violento, gera sanções de importante espectro na vida dos usuários de crack, pois ficam sujeitos a seguir as regras ditadas pela cultura de controle da droga que muitas vezes cobram caro e

alto por não seguirem suas regras éticas e morais.

A discussão sobre a violência associada ao tráfico de drogas não pode ser feita sem considerar a dimensão da desigualdade social. Contrariamente ao que se pensa, nem todo o tráfico ilícito de drogas é igualmente violento. A Europa, que possui usuários que consome muito mais drogas ilícitas do que no Brasil, e portanto tem mais tráfico, apresenta índices de violência incomparavelmente mais baixos do que os nossos. Dentro do Brasil, um consumidor de classe média com dinheiro para pagar pela sua droga, entregue em casa ou vendida em casas noturnas, pode nunca experimentar um episódio de violência relacionado a esse comércio. De maneira geral, são os pobres que experimentam a violência ligada ao consumo e tráfico de drogas no país (SOUZA, 2016).

Diante das minhas observações, da minha inserção em campo, a rotina de vida dos usuários que acompanhei é inserida em um meio pobre e humilde, zonas periféricas da cidade sem investimentos de melhoria urbana sendo comum a todos os locais que frequentei. Além dos locais serem imersos na pobreza, os participantes deste estudo são todos de baixa renda ou sem nenhum tipo de renda, dependendo do sustento de parentes que também vivem de forma muito humilde.

Ninguém “escolhe” ser pobre. O usuário de crack, em sua maioria, faz parte daquilo que chamamos de “ralé brasileira”, não para insultar quem já é humilhado, mas, sim, para denunciar o peso do abandono social que é o principal traço social singular brasileiro (SOUZA, 2016).

Esses usuários são o alvo de olhares incomodados da população em geral e naturalmente estampam capas de jornais e revistas. Conseqüentemente, são os primeiros a serem estigmatizados como a gênese do mal, pois para o senso comum, as “cracolândias” seriam o local em que pobres consomem a droga. No entanto, há algum tempo a classe média brasileira convive com a pedra, motivo pelo qual as agências públicas estariam dando mais atenção ao problema. Diferentemente dos usuários de crack que habitam ou utilizam o espaço público para seu consumo, os usos problemáticos na classe média parece ser cientemente ocultados. Enquanto os indivíduos da “ralé” estão mais expostos, seja pelas abordagens policiais, pelos órgãos de assistência social, saúde e até por pesquisadores, a classe média aprende desde cedo a resolver seus dilemas ocultando-os no conforto do lar ou dos consultórios terapêuticos (SOUZA, 2016).

Diante destes fatos, é possível compreender de forma mais geral porque todos os participantes desta pesquisa fazem parte do mesmo contexto de pobreza e aonde são facilmente encontrados. A pobreza, a miséria e o lixo são aspectos presentes em todos os bairros frequentados nesta etnografia, seja local de cena de uso ou bairro de moradia.

No seu surgimento, o consumo de crack estava restrito às populações desfavorecidas economicamente e se dava geralmente em locais sujos e pobres (JORGE et al., 2013). Já Fernandes e Pinto (2006), discorrem que locais marcados por extensa atividade de venda de drogas em geral estão envolvidos em uma grande fragilidade econômica, onde os habitantes são pobres ou vulneráveis à pobreza.

No entanto, a pobreza pode ser vista e refletida aos olhos de Mauss, na verdade não a pobreza em si e sim a forma de sobrevivência das pessoas em meio a esta pobreza e miséria que circundam seu cotidiano de vida. Diante de um meio sem perspectivas, de fome, de falta de dinheiro, de roupa ou abrigo para moradia, as pessoas estabelecem relações sociais de ajuda e troca para sobreviver nas adversidades da rua. Segundo Varanda e Adorno (2004, p.62), as pessoas que sobrevivem na pobreza possuem vínculos bastante frágeis, os quais tendem a se fortalecer ou romper de acordo com as dificuldades vividas.

No contexto de pobreza e miséria, o lixo muitas vezes passa a ser fonte de esperança e de sobrevivência para muitos usuários de crack que não possuem residência e exploram sua criatividade para transformar aquilo que não é mais útil para sociedade em algo valioso que garante uma noite de aconchego em um local livre de chuva e frio ou dias vivendo em um local que denominam de casas, ou como eles próprios falam, chalés.

Minha ansiedade em retornar à Rua da Cidadania era grande, pois estava curiosa para rever o espaço da antena e como estava aquele local que a noite era e é uma forte cena de uso de crack. Para minha lamentação, a situação segue a mesma, tudo muito precário, muita sujeira, muito lixo, muita gente pobre. O que antes eu descrevia como barracos construídos no muro (pequenos e baixinhos, semelhantes a casinhas de cachorro) hoje são os chalés, construídos em cima do que era um lixão. Estes chalés são barracos maiores, de uma peça, tudo de madeira, contei 10, um do lado do outro, tudo muito precário, muito improvisado, tudo praticamente do lixo e chamados por eles de chalé. Achei muito interessante esta denominação pois me fez sentir o valor que eles dão a estas construções, o que para nós, para mim são amontoados de lixo e madeira, para eles são lar, sua casa, sua referência de lugar no mundo e para muitos, ou quase todos dali, é a única coisa que possuem na vida. Sempre chamei de barraco (sentido precário da construção mesmo) e eles identificam como suas moradias

(chalé me remete a ideia de lar, casa e não algo improvisado como um barraco). Chalés sem estrutura nenhuma, sem luz, água, erguidas em cima do lixão e esgoto, tivemos que passar por cima dos esgotos (valetas) com odor extremamente fétido, cheiro de chorume, com restos de comida (DIÁRIO DE CAMPO, 10/07/2017).

A construção dos chalés acontece com a ajuda de todos que moram ali, conforme a necessidade de construção ou ampliação, todos vão se ajudando mutuamente e dividindo o espaço, as casas são todas separadas com madeiras delimitando bem o espaço de cada residência. Trata-se de uma relação de ajuda mútua e troca de gentilezas para alcance de um bem comum.

A adaptação de viver nas ruas pode estar relacionada com a necessidade de viver em tais condições e dessa forma amenizar condições precárias que encontram diariamente para sobreviver.

O lixo, para muitas destas pessoas, significa questão de sobrevivência. Ferreira (2013) descreve a construção de “barracos” erguidos ao longo de sua etnografia como forma de abrigo, moradia e proteção para os usuários de crack. Os barracos eram construídos somente com materiais do lixo ou encontrados pela rua e a evolução das construções aconteciam de forma muito rápida. Uma das usuárias que participou do estudo, explicou que estava sempre atenta ao lixo, pois dali conseguia coisas muito boas para construir seu barraco, não podendo perder muito tempo, pois o inverno estava chegando e o frio castigava com eles que viviam nas ruas, ela era sempre vista com seu companheiro na coleta dos materiais. Este estudo evidencia o trabalho em grupo dessas pessoas para construir um local de abrigo, e isso era feito e usufruído em conjunto.

Ainda no estudo de Ferreira (2013), em um outro local de observação, também foi presenciado cenas de adaptação e formas de proteção em grupo em preparação com a chegada do inverno. Sofás, colchões e cobertores foram encontrados, além da criação de uma cortina amarrada com cordas para proteção do vento e papelões improvisados simulando a existência de paredes. Fica claro que existe diferentes formas de adaptação e cuidados entre esta população, principalmente frente a transformações climáticas, uma vez que o inverno é muito rigoroso nesta região. Há entre eles uma tentativa de manter o grupo confortável dentro do possível e a necessidade de uns cuidarem dos outros.

Em meio a este contexto pobre e humilde dos bairros que vivem os participantes desta etnografia, outro fato impactante que pude observar em campo

foi a presença constante de crianças pequenas (desde bebês até idade escolar) nos bairros frequentados e até em cenas de uso (O Beco em muitos momentos foi uma cena de uso pelo número de pessoas consumindo crack).

Hoje, diferente de quatro anos atrás, a presença de crianças nas ruas dos bairros que frequentei é bastante forte. Na Rua da Cidadania a figura delas se destaca por brincarem e correrem em meio ao lixo. Na Vila dos Catadores, muitas crianças e bebês também vivendo livremente nas pilhas de lixo e em meio a insegurança da comercialização de drogas, presentes inclusive na tensão que vivi quando a polícia passou por lá e a população se inquietou. Já no Beco, as crianças dividem espaço em cenas de uso com adolescentes e adultos consumindo crack de forma muito natural e espontânea.

Na Vila dos catadores (...) casas muito pobres, muito lixo porque tem muita gente que trabalha com lixo reciclável e as crianças no meio de tudo isso (...) Me sensibilizou muito ver bebezinhos em rodas de conversas entre mulheres, crianças de três anos no lixo e em uma rodinha tinha quatro meninas (em torno de cinco anos) brincando, uma estava com um caderno e parecia ser a professora das demais, uma brincadeira que me encheu de orgulho e esperança (DIARIO DE CAMPO, 20/07/2017).

Ao chegarmos no Beco oferecemos preservativos para uma mulher que estava com suas crianças na rua, na volta, depois de caminhar pela vila encontramos a filha maior (dois anos) brincando com os preservativos, colocando na boca, mastigando e a mãe sem dar atenção a isto, tudo muito natural, sentadas no sol, no meio do lixo, as crianças muito mal vestidas, uma cena extremamente triste. Com ela, além das crianças tinham duas meninas de 17 anos e um rapaz que saiu logo que a gente chegou. As meninas fumavam maconha e o rapaz, crack. Uma destas meninas vive alcoolizada e sob efeito do crack e hoje a característica principal do Beco são estas adolescentes e meninos fumando crack na rua, isto acontece 24 horas por dia, segundo informações dos próprios moradores (DIARIO DE CAMPO, 13/07/2017).

Hoje no Beco, fiquei bem próxima dos filhos de duas usuárias, a menina com 12 anos e o menino seis anos. Foi um dos dias que sai triste e pesada do campo. Me comoveu muito ver o garoto brincando, entretido e surpreso com a chave do meu carro, deslumbrado com a chave que é do tipo canivete (aperta um botão e a chave sai), encantado com esta função de apertar e sair a chave como se fosse algo de outro mundo, um menino muito querido, falante, carismático, carente, toquei nele, fiz carinho e percebi a receptividade do afeto, criança muito suja que caminha e vive no meio do esgoto e lixo naturalmente, dá uma dor, uma tristeza de ver o quão natural é aquilo para todas estas crianças que vivem ali. A partir deste dia, a chave do carro ganhou novo significado para mim (DIARIO DE CAMPO, 19/10/2017).

De todas as cenas que presenciei, na maioria delas, as crianças brincavam, com brinquedos improvisados (preservativos, lixos, chaves) ou correndo e pulando

livremente pelos espaços vivenciados, brinquedos reais, quase não vi, exceto nas festividades de Natal. Me impressionei com a capacidade e ingenuidade das crianças aproveitarem tudo que o meio em que eles vivem oferece para se desligar da realidade e serem crianças, apesar de estarem no meio da miséria e pobreza passando algumas vezes até fome. Além disso, existe o risco por estarem em meio ao mundo ilegal de comercialização de drogas, estando sujeitas a violências externas e até risco de morte em meio a confrontos mais violentos.

Estas exposições que as crianças estão sujeitas nos remetem a ideia de sanções vividas por elas desde o nascimento, pois já nascem dentro deste contexto sem a possibilidade de uma realidade diferente, sem a oportunidade de segurança, de aconchego e educação. Me pergunto, por que não estavam na escola estas crianças? Pois minhas visitas a elas foram todas a tarde. Onde está o interesse dos pais em mantê-los estudando? E a escola, estaria ciente e preocupada com a ausência destas crianças? Pois estas crianças do Beco sei que estavam matriculadas em escola do bairro e várias vezes perguntei porque não estavam lá e os maiores diziam que a avó tinha deixado faltar aula, ou estava chovendo, ou então simplesmente porque não estavam com vontade de ir.

Infelizmente, vejo estas crianças como vítimas de toda uma problemática que envolve o consumo do crack e pobreza que permeia este meio, a falta de perspectiva de um futuro melhor, a falta de afeto, de respeito com crianças que dependem de adultos para alcançar objetivos na vida e não faço referência somente aos pais destas crianças, mas também ao Estado que deixa de cumprir seu dever de manter amparado toda criança e adolescente. Uma sanção dura para crianças que crescem em meio a ilegalidade e carregam o peso destas ações desde jovens, perdendo o direito de brincar, de ter educação, escola, comida e uma infância saudável.

Diferente da etnografia realizada por Raupp (2011) em São Paulo e Porto Alegre, que em São Paulo foi registrado a presença de grupos formados majoritariamente por crianças as quais, deitadas em colchões no chão, fumavam crack juntas, conversavam, riam e entravam seguidamente em conflito; em Pelotas as crianças observadas não faziam uso de crack, apareceram sempre em meio aos adultos consumindo crack ou em meio a comercialização das drogas, exceto os adolescentes que faziam uso compulsivo da pedra, álcool e maconha.

Refletindo sobre o meio e contexto que abarca o universo do consumo de crack, é possível pensar o quanto o uso e abuso de drogas psicoativas possui interface com vários determinantes sociais. Assim faz-se necessário resgatar o conceito de Determinantes Sociais de Saúde (DSS) pois para a Organização Mundial de Saúde os determinantes sociais da saúde estão relacionados às condições em que uma pessoa vive e trabalha. Também podem ser considerados os fatores sociais, econômicos, culturais, étnicos/raciais, psicológicos e comportamentais que influenciam a ocorrência de problemas de saúde e fatores de risco à população, tais como moradia, alimentação, escolaridade, renda e emprego (FIOCRUZ s/d).

No contexto do uso de drogas e como questão de saúde pública, não há como negar os principais determinantes sociais que envolvem este fenômeno: miséria, violência, falta de recursos e investimentos do Estado, ausência de políticas educacionais e culturais que mantenham as crianças na escola e fortaleçam laços familiares e sociais (VENTURA, 2014).

Dentre as situações de vulnerabilidade, pobreza e marginalidade, pode-se mencionar o alto consumo de álcool e outras drogas, o uso da violência como recurso para a solução de problemas, o início precoce dos adolescentes nas relações sexuais, a gravidez na adolescência com poucas habilidades para o planejamento familiar, o abandono de mães e filhos, entre outros (GALEA, VLAHOV, 2002).

Todos estes aspectos foram presenciados nesta etnografia com muita força. O Beco, local atualmente considerado pelos ARD o mais vulnerável do município, compartilha de adolescentes em massa nas ruas com início precoce no uso de drogas e quase todas elas (média de 17 anos) já com um ou dois filhos sem estarem sob suas guardas, recolhidos pelo conselho tutelar pois as mesmas não apresentam condições de criar ou cuidar sob a ótica do Estado. Além disso, utilizam a prostituição como principal fonte de renda e estão sujeitas a sofrer violência caso rompam com as regras estabelecidas pelo local, tendo sua liberdade de escolha ou de ir e vir roubada como principal forma de sanção dentro das normas do grupo/local.

Uma das meninas de 17 anos durante a festa de Natal no Beco chegou do meu lado e começou a chorar, primeiro ela reclamou pro ARD que alguns caras estavam enchendo o saco, estavam incomodando (apontando para

uma grupo de rapazes não muito distantes),o ARD respondeu que ela não desse bola pra eles (...) ela saiu chorando e foi falar com outra ARD que estava do meu lado, chorando muito sentida nos disse que ela não pode fazer o que ela quer, só queria ser livre, questionamos o que ela queria (...) só quero ser livre (sempre chorando), tentamos acalmar a menina que seguiu falando que se ela não fizer o que os rapazes querem ela apanha (se dispersou e saiu rapidamente ainda chorando) (DIARIO DE CAMPO, 20/12/2017).

Ficamos inquietas com o ocorrido mas ela logo sumiu, se aproximou dos rapazes e saiu do Beco, discutimos qual seria o conceito de liberdade para ela, o que é ser livre, pois ali ela vive na rua, entra e sai do Beco, tem a liberdade que um orfanato não oferece (viveu em um até os 14 anos) mas não possui o livre arbítrio de fazer o que quer pois como referiu, se não faz o que eles querem ela apanha, ficando sob o comando e ordens destes homens/jovens do Beco.

Sobre as vivências de terem seus filhos retirados do seu convívio, digamos que é algo que se repete dentro de um ciclo vicioso, pois as mesmas quando crianças também foram todas retiradas de suas famílias e foram criadas em casas de abrigo e amparo a criança e ao adolescente, rompendo com este cuidado aos 14 anos de idade quando optaram por livre escolha sair e ganhar as ruas, adotando o Beco como moradia pois ali permanece seus familiares, mães e irmãs.

O consumo de drogas é um problema complexo, ligado a diversos fatores como a tolerância social e a falta de observância de normas e leis, a disponibilidade de substâncias, a criminalidade e a violência social, a deterioração dos laços social e familiar, as privações sociais relacionadas à pobreza e outros fatores intrínsecos aos consumidores dessas substâncias (DÍAZ NEGRETE, GARCÍA-AURRECOECHEA, 2008).

A pobreza é uma característica carregada de preconceito e estigma, que caminha junto com a figura do usuário de crack, além disso, a cor negra por si só também sofre com o estigma de ser pobre e marginal. Raupp (2011) relata em sua etnografia de São Paulo que no contexto atual de “guerra ao crack” o fato de estar em situação de rua, principalmente entre jovens negros ou pardos, é diretamente associado à condição de dependente de crack e, portanto, de delinquente em potencial, aumentando os estigmas e conclamando socialmente à sua punição e repressão.

Pude perceber neste trabalho uma forma de preconceito embutido nos meus próprios pensamentos e no de outras pessoas com quem discutia e refletia sobre

meus dados de campo. Filipe é um rapaz branco de 19 anos de idade que desde meu primeiro contato com o serviço de redução de danos foi cogitado para participar do meu estudo. Lembro claramente da coordenadora e outros agentes me relatando sobre o caso, tratando-se de uma família com sérios problemas com o filho jovem que estava abusando do uso do crack há dois anos e que a equipe estava trabalhando forte dando suporte ao caso. Lembro de ser a única pessoa apontada com tanta certeza para ser meu participante. Eis que quando eu fui fazer a primeira visita também me surpreendi com todo o contexto de vida deste rapaz e tenho claro na memória o quanto ele me chocou por quebrar todos os paradigmas, comentei com várias pessoas do caso que estava acompanhando e o quanto valeria a pena os resultados deste acompanhamento, justamente por ele quebrar paradigmas como pobreza extrema, ser sujo, negro, marginal e sem família.

Depois de muito refletir e aprofundar novamente minhas leituras, pude perceber que o preconceito também assola a mim, pois não me causaria tanta estranheza conhecer o Filipe e querer acompanhar com tanta vontade suas histórias e dividir isso tudo com muito espanto e admiração com meus próximos. Comentava e ainda me pego pensando o quanto as pessoas deveriam conhecer o Filipe para ver que não é só o negro ou pessoas sem família que vive esta realidade dura e estigmatizada do uso do crack, todas as classes e pessoas estão sujeitas a isto.

O olhar de reprovação e criminalidade para os negros pode ser uma forma de sanção social que envolve sociedade e usuários de crack, sendo a população negra alvo de preconceito e discriminação, uma forma de rejeição por não ser branco, a norma moral e ética de fazer parte da sociedade. O negro usuário de crack paga com o olhar de reprovação, julgamentos e figura de bandido.

Dentro deste contexto de preconceito surge a discussão entre o racismo e o classismo, tão arraigados na sociedade brasileira. Abramovay (2017) aponta que os dados mostram claramente que brancos em regiões mais nobres das cidades são considerados usuários, mesmo com quantidades maiores de droga do que negros, que tendem a ser considerados traficantes; lembrando que a distinção entre usuários e traficantes é completamente fluida na lei, com base em critérios como “a quantidade da substância apreendida, o local e as condições onde se desenvolveu a ação, as condições sociais e pessoais, bem como a conduta e os antecedentes do agente”, sendo considerado traficante quem porta grande quantidade de substância.

Desta forma, ele diz que o critério que se estabeleceu na prática é simples: branco é usuário, negro é traficante, passível de julgamento e punições.

Enfim, ser negro é correr o risco de sofrer sanções legais que podem chegar até a prisão, mesmo antes de ser usuário de crack, pelo simples fato de ser negro.

Nos Estados Unidos os dados mostram a desigualdade racial dos danos ligados ao crack, 52% dos usuários são brancos, enquanto só 15% são negros. Mas, entre os que acabam sendo presos, 79% são negros e só 10% são brancos. No Brasil também, a imensa maioria que recebe punições é negra ou mestiça. Segundo uma pesquisa recente da Fiocruz, 80% da população das “cracolândias” tem pele escura (BURGIERMAN, 2017).

Traçando um paralelo com o contexto do preconceito que permeia estas vivências do universo do crack, faço referência aos episódios que vivenciei em campo e que soube pelos próprios usuários de crack sobre a atuação da polícia nos bairros frequentados.

Ferreira (2013) discorre em seu estudo sobre a rotatividade das pessoas que usam crack pelos diferentes territórios da cidade. Essa prática também foi referenciada como sendo comum em grandes centros em que devido a condições climáticas, intervenções no espaço urbano, decisões emanadas do próprio tráfico e principalmente pela ação repressiva da polícia, os grupos movem-se para diferentes regiões (BRASIL, 2013).

A polícia como figura repressora e violenta se repete nos estudos que destacam a problemática do crack.

Raupp (2011) em sua etnografia no centro de São Paulo, região da Luz, descreve uma ação de requalificação urbana do bairro no qual vários estabelecimentos, particularmente pequenos hotéis ligados também ao comércio e uso de drogas, foram interditados e os usuários expulsos das ruas. Desta ação surgiu um dossiê de denúncia de violações dos direitos de grupos que residem ou transitam pelo Centro, elaborado pela organização Centro Vivo, a “Operação Limpa” foi qualificada como violadora de uma série de direitos fundamentais desses grupos (Dossiê Centro Vivo, 2007). Segundo o documento, teria tido como efeito apenas o deslocamento das pessoas que transitavam pela região, as quais passaram a procurar outras ruas e praças nas redondezas. Igualmente é denunciada a atuação truculenta da polícia militar e da guarda civil metropolitana nas ações de expulsão dos moradores de rua.

Silva (2000) aponta a violência de alguns policiais contra as mulheres profissionais do sexo que fazem seus programas na rua, mostrando que quando há projetos de reurbanização dos bairros em que atuam a ação da polícia é forte a ponto de agredí-las, expulsando-as dos locais em que fazem seus “pontos”.

Ações violentas diretamente contra as pessoas é recorrente nos relatos dos usuários de crack, em Porto Alegre, por iniciativa da Secretaria Municipal do Meio Ambiente, em ação conjunta com a Polícia Militar houve também uma requalificação na qual os policiais agiram de forma ríspida contra um casal que relatou estar na rua e chegaram de manhã, bateram nele e chutaram a esposa enquanto eles faziam o café, derramaram o café e mandaram eles saírem senão iriam apanhar mais. Falou ainda que já chegaram chutando sem explicar nada, pararam um caminhão e enquanto uns batiam os outros carregavam tudo (SOUZA, 2016). Ainda neste mesmo estudo, um usuário fala abertamente sobre a polícia referindo-se ao serviço como “um abuso total de autoridade, abuso feio, é o serviço deles, são obrigados, mas muitos abusam do serviço. Abusam da farda que têm. Gostam de dar paulada e soco” (SOUZA, 2016, pag. 157).

Já em São Paulo, as ações policiais segundo os relatos dos participantes de uma etnografia, são denominadas de “arrastão” que se constitui da seguinte forma: “pegam todos que estão na rua, encostam na parede, revistam, batem, tomam o dinheiro e as pedras, os levam para a Delegacia de Polícia, ficham e puxam a capivara (ficha de antecedentes criminais) e os liberam” (SILVA, 2000, pag. 89).

Aqui na cidade de Pelotas, os relatos aproximaram-se a estas experiências supracitadas.

No primeiro dia de campo ao passarmos pela rua que tem os chalés, conversamos com um usuário que estava no seu chalé. Observamos que entre os barracos havia um que estava queimado. Questionamos a ele o porque de estar queimado, o usuário falou que foi a polícia que foi lá um dia a noite e tocou fogo, bateu e ninguém atendeu, ali morava um rapaz que era presidiário e sua irmã, como não tinha ninguém a polícia simplesmente tocou fogo. A história foi confirmada pela irmã do dono da casa que encontramos alguns metro dali, ao nos ver relatou: “estou sem todos os meus documentos pois eles estavam dentro da casa e queimou tudo”, assim, os agentes fizeram o encaminhamento para ela refazer seus documentos. Ela reforçou a história contada anteriormente e ainda acrescentou que os azuizinhos fizeram guarda na esquina da rua para controlar a movimentação e dar guarda para saída da Brigada (DIÁRIO DE CAMPO, 10/07/2017, RUA DA CIDADANIA).

A queixa sobre a queima destas casas construídas pelos usuários de crack como forma de abrigo é uma prática recorrente neste estudo, tanto nesta etnografia

quanto na realizada em 2013 que também houveram relatos semelhantes da ação da polícia. Devemos pensar em abuso de autoridade nestas ações, conforme relatado por usuário de estudo anterior? Não sabe-se ao certo o motivo que levam alguns policiais a agirem assim, pois os usuários repetidamente afirmam que eles chegam e fazem tal ato sem respeito e pudor algum, muitas vezes, inclusive como foi esta relatada acima, sem ato violento contra as pessoas que presenciam a cena.

Baseado nestes fatos penso nesta relação de autoridade e usuário como uma sanção social bastante forte, pois sabe-se que os moradores dali são usuários de crack e conseqüentemente envolvidos em ações ilícitas, tal fato ocasiona a possibilidade do Estado suspeitar que aquele meio envolve coisas erradas e moralmente condenadas na nossa sociedade, com isso, pagam sendo vítimas de violência fácil e abuso de autoridade, isso tudo ocasionado por tratar-se de uma população excluída e criminalizada.

Conforme nos contou Fola, a polícia fez uma abordagem no Beco há dois dias atrás, entrou na madrugada e acabou colocando fogo em um dos barracos, além disso, nos contou ainda que pegaram as gurias e as encurralaram e um dos policiais acabou estuprando e abusando uma delas (adolescente de 17 anos), as demais conseguiram fugir (eram três irmãs). Foi uma coisa muito ruim, conseguiram convencer ela de prestar queixa mas ela acabou desistindo na hora por medo de represálias futuras dos próprios policiais. Fola me contou que é comum eles chegarem na madrugada entre uns 10 homens, chegam procurando droga e querem achar, e quando não acham ficam brabos e acabam tocando fogo nos barracos e provocando as gurias. Todas estas meninas são jovens, esbeltas, judiadas e mal cuidadas, mas chamam a atenção pela beleza exótica. Fola disse que também foi perseguida, mas conseguiu fugir (DIÁRIO DE CAMPO, 29/11/2017, BECO).

Em diferentes bairros da cidade se escuta sobre o mesmo tipo de violência e abuso de autoridade, histórias que se repetem e que não são de hoje. Neste relato de caso, além da violência e do risco de atear fogo em uma casa, pois todos os barracos são muito próximos, havendo risco do fogo se alastrar e um incêndio de grandes proporções acontecer colocando em risco inclusive famílias que não fazem parte deste ciclo ilegal e violento que envolve o bairro, há ainda a violência sexual contra adolescentes que utilizam de suas experiências de sobreviver nas ruas para se defender, pois como relatado pela participante, não houve pessoas interferindo na atuação da polícia. O medo de denunciar, a inexistência desta possibilidade pois qual o crédito de uma menina de 17 anos que vive nas ruas do Beco usando crack

compulsivamente e dependendo da prostituição para sobreviver, negra e pobre, pode ter numa delegacia na qual já deve ser conhecida por todos policiais devido as ações que fazem no bairro, em acusar um policial de um ato tão violento e repugnante? Além de fazer parte de um meio extremamente ilegal e marcado por ações marginais e criminosas.

Fazer parte deste ciclo, deste mundo de ausência de direitos, no qual a violência prevalece, seja física ou moral, talvez seja uma das maiores sanções vividas por estas meninas diante das normas e regras da nossa sociedade. Fazer parte deste universo é viver sem poder reivindicar por seus direitos, fazer valer sua cidadania, impor-se como pessoa na sociedade. Ficam a mercê de violências, repulsas, preconceitos e abusos.

Às vezes, a simples presença da polícia, sem atuação nenhuma apenas ronda de rotina já é motivo para alteração em massa das pessoas que habitam estes bairros.

A polícia passou pela rua principal e movimentou ainda mais as pessoas da vila, que já estavam bastante agitadas. Os cuidadores da entrada da vila que estavam fazendo a guarda, passaram a informação de que "os homens" (policiais) estavam na área, confesso que eu senti medo ao ver a movimentação ainda maior em função da polícia, medo de entrarem na rua e acabar tendo um tiroteio e nós ali dentro. Algumas pessoas das bocas de venda entraram para casa, outras saíram, uma mulher escondeu um pacote em um buraco próximo a uma casa e felizmente nada aconteceu (DIÁRIO DE CAMPO, 20/07/2017, VILA DOS CATADORES).

Segundo os participantes do estudo, esta vila é marcada pela presença e ações violentas da polícia, pois trata-se de uma região forte de tráfico e com muita movimentação de pessoas, traficantes conhecidos e grandes na cidade, portanto, a zona é marcada pela presença da polícia. Percebe-se o receio da população quanto a isto só de perceber a polícia fazendo a ronda no local em uma rua próxima dali. Este costume de viver em constante espera da polícia já é rotina do bairro, pois existe sempre a guarda local (dos usuários e tráfico) na entrada da rua principal. Nesta vila também há moradores que não fazem parte do tráfico ou uso de drogas, são famílias que apenas vivem ali. Pensa-se então, na falta de liberdade e privação que muitas delas vivem por medo que o lugar proporciona. Riscos constantes de tiroteio, de ação truculenta da polícia, de ser envolvido em ações ilícitas por má interpretação da polícia, quando na verdade não faz parte deste meio. Uma sanção vivenciada rotineiramente por estas pessoas, que tem comprometida sua segurança

e liberdade por viver em um meio destoante da realidade aceita e correta.

Como citado anteriormente sobre a adolescente que refere a violência sexual, a prostituição é a forma de sobrevivência de muitas mulheres, seja para garantir a pedra para consumo ou para comprar comida e sustentar a família. Cruz (2012) confirma este cotidiano de mulheres com o envolvimento em prostituição confirmando-o, primeiramente, como uma forma de se sustentar e depois como uma maneira de adquirir a droga.

O Beco é um lugar que hoje se destaca pela presença constante de adolescentes e muitas delas estão envolvidas na prostituição desde muito jovens.

A atividade é bastante comum, especialmente entre as mulheres usuárias de crack. Silva (2000) têm apontado o alto grau de vulnerabilidade dessa prática, pois muitas vezes as usuárias fazem sexo sem proteção ou trocam sexo por droga, expondo-se assim à contaminação por infecções sexualmente transmissíveis. A autora ainda aponta em seu trabalho a maior vulnerabilidade a que estão expostas as usuárias em relação a outras profissionais do sexo não usuárias da droga, pelo fato de cobrarem menos pelos programas e exporem-se mais a problemas de saúde. No entanto, a autora observou também a existência de estratégias para o controle do uso e cuidados com o corpo, compreendendo o consumo de crack como mais uma das práticas relacionadas com as formas de viver nos circuitos da rua. Cruz (2012) também aponta o uso de substâncias psicoativas como uma estratégia necessária de encorajamento para realizar a prostituição.

Desta forma, exponho a história de uma usuária moradora do Beco que corrobora o que foi apontado pelos autores acima, neste caso a prostituição não é o meio de manter o vício, e sim a justificativa para entrar nele. Por necessidade, abrigo e fome, a mulher precisou prostituir-se para sobreviver, até então não era usuária de crack, mas relatou que foi no crack que viu a possibilidade de “anestesiá-la” e conseguir forças para trabalhar com seu corpo na busca de dinheiro. No entanto, a casa de massagem em que trabalhava era também uma boca de fumo que comercializava crack e outras drogas, assim, contraiu uma dívida impagável ao comprar crack abusivamente e sem controle, acabando por pagar sua dívida com o próprio trabalho e, como dito por ela, sendo escravizada dentro de uma dívida sem fim, pois nada do dinheiro que recebia dos clientes era para ela, tudo ia diretamente para a mão da dona da casa (FERREIRA, 2013).

Um estudo realizado em São Paulo por Oliveira e Nappo (2008b) identificou

uma diferente modalidade de prostituição, a prostituição compulsória, em que homens “emprestam” suas esposas a traficantes ou a outros usuários em troca de crack, de tal forma que o período e o número de pedras são combinados no momento da negociação.

Adorno (1996) discorre em seu estudo sobre crianças e jovens em trânsito para a rua que um dos problemas “visíveis” da entrada do crack é o ingresso na prostituição de meninas, cada vez mais jovens, muitas delas são meninas que na sua maioria estão em “trânsito na rua”.

A violência está presente no cotidiano das mulheres podendo ser gerada pela polícia, clientes, traficantes, maridos e/ou cafetões e inclusive por elas mesmas. A possibilidade de um “programa” dar errado resultando em situações violentas tais como estupros, surras, tentativas de homicídio, fazem parte do risco da atividade e, muitas vezes ficam sem cuidados médicos e sem denúncia à polícia do abuso sofrido. Dentro do universo em que está inserida tais situações tendem a ser naturalizadas fato que explica, em parte, muitas delas ficarem sem denúncia (SILVA, 2000), fato que justifica a adolescente do Beco negar-se de fazer a denúncia do policial que a violentou.

A violência as vezes é tão natural entre alguns grupos de mulheres que elas chegam a relatar que merecem ser espancadas por serem “craqueiras”, desta forma, podem pensar o que estão fazendo de suas vidas. Conforme etnografia de Ferreira (2013) uma usuária contou que apanhou do namorado com muitos socos na face, na ocasião ele descobriu que ela estava se prostituindo em troca de pedra, ela aceitou a violência por considerar-se “craqueira” e quem sabe assim, diante da violência poderia repensar sua vida.

No estudo de Cruz (2012) aparecem mulheres que preferem se envolver na prostituição ao invés de traficar drogas ou roubar. No entanto, nesta etnografia acompanhei uma mulher na faixa etária de 30 anos que usa tanto a prostituição como o tráfico para sobreviver. Durante o dia atua como profissional do sexo e à noite ajuda a comandar a boca de fumo do Beco junto com seu companheiro, tanto a prostituição quanto o tráfico é de comum acordo com seu marido como forma de renda para sustento da família e também para manter o hábito de fumar crack do casal.

Já Fabiana (36 anos), umas das entrevistadas deste estudo apontou como forma de renda suas faxinas, reciclagem e prostituição.

(...) durante o dia eu trabalho com faxina (hoje estou passeando por isso estou aqui no Beco esta hora –15h-), reciclagem e a noite, as vezes a tarde também faço meus programas. Eu não moro com meus filhos mas sustento todos eles. Sou casada e moro com meu companheiro que não sabe que me prostituo, já quase descobriu várias vezes, mas nunca descobriu, ele não anda por esta zona que eu trabalho. Minha renda depende do programa, e atualmente é o que me da mais dinheiro (...) oral é 25 reais, 50 reais oral e penetração, depende muito do cliente. Quando o crack entra na tua rotina, no teu dia? Depois do trabalho, sempre depois, não misturo trabalho e droga, já me pediram pra usar durante o programa mas eu não misturo meu horário de trabalho com meu horário de lazer e nunca troquei sexo por droga também, ainda não cheguei neste ponto, meu negócio é dinheiro mesmo, não pego droga como pagamento porque tenho filhos e é dai que eu tiro o sustento deles, meu pai é velho tem 83 anos, é aposentado e não tem condições de sustentar todos os meus nove filhos (FABIANA, 36 ANOS, BECO).

As mulheres usuárias de crack sentem-se discriminadas perante a sociedade devido à associação do seu consumo com a irresponsabilidade com os filhos, a prostituição e o envolvimento em práticas criminosas, apesar de muitas não apresentarem tais comportamentos (CRUZ, 2012).

Na presente pesquisa apareceram todas estas associações, pois as mesmas adolescentes e mulheres que se prostituem no Beco, não possuem seus filhos consigo e tem suas imagens vinculadas a marginalidade e irresponsabilidade pelo pontual hábito de consumir crack. Assim vemos a mulher sujeita a inúmeras sanções que vão desde a prostituição, perda dos seus filhos, violência sexual enquanto que para os homens observa-se a maior sanção relacionada ao risco de morte.

Diante do exposto, podemos pensar a prostituição como ocorrência de uma sanção negativa pois dentro do universo do uso do crack é sempre necessário dar algo em troca para obter a pedra, seja dinheiro, objetos ou o próprio corpo, para muitas a prática de oferecer o corpo pode ser apenas uma relação de troca, mas para aquela que não deseja oferecer seu corpo por vontade própria e acaba cedendo ao desejo e fissura do crack, acabando por fazer tal ação contra sua vontade, podemos dizer que trata-se de uma sanção pesada e dura, que acaba rompendo com seus princípios em bem de um vício que sobressai seus princípios. A norma correta dentro deste ciclo é sempre dar algo em troca da pedra, prioritariamente dinheiro, não sendo isto possível, as mulheres optam por preços altos a pagar com o próprio corpo.

O tráfico foi algo que apareceu de forma marcante nesta etnografia, não por vivenciá-la diretamente, mas por ouvir constantemente os anseios da família de Filipe (19 anos), por perceber a mudança no estilo de comercialização de drogas no

Beco e por presenciar um briga fervorosa entre pessoas jovens na Rua da Cidadania no qual o teor da discussão sugeria acerto de contas, além de perceber que a violência na Rua da Cidadania em relação ao tráfico está maior pelo relato dos participantes e experiências compartilhadas no bairro.

Pensar no tráfico ilegal de drogas é cogitar a formação de um território psicotrópico no qual é reconhecido pela função que desempenha, sendo sedutor para os indivíduos que têm interesses em torno das drogas, sejam consumidores ou traficantes, e apresenta regras informais que regem estes estilos de vida, além de comportamentos de defesa frente a estranhos por parte dos que ocupam este espaço. Constitui-se como interstício espacial e ponto final do longo processo de produção e distribuição das drogas (FERNANDES, PINTO, 2006).

Quando os autores acima citados apontam um local que apresenta regras próprias e informais que regem o funcionamento da comercialização das drogas, podemos pensar que este grupo social cria sanções para aqueles que quebram ou rompem com estas regras. Muitas vezes estas sanções são duras e pesadas, marcando a violência como traço principal nesta relação, o usuário que não cumprir as regras está sujeito a pagar inclusive com a própria vida ou com episódios fortes de violência na forma de alerta a pessoa devedora. Nesta forma de relação fica explícito a qualquer frequentador deste grupo as normas ditadas pelo tráfico, a aplicação das sanções são reais, servindo de exemplos para outras pessoas no intuito de não cometer as mesmas falhas de quem foi realmente penalizado.

A família de Filipe (19 anos) viveu difíceis e pesados momentos durante minha convivência com eles, logo no início do estudo, Filipe contraiu uma dívida de 180 reais na boca de fumo do bairro durante uma semana de consumo, ao término da semana e sem o pagamento acordado com o traficante, Filipe foi vítima de uma surra violenta que o deixou de cama e repouso por vários dias em casa sob efeito de fortes medicações para analgesia, após este episódio sua família foi avisada que o não pagamento da dívida acarretaria o fim da vida de Filipe.

Hoje a visita no Filipe foi bem triste, não conseguimos vê-lo, somente o pai que estava muito chateado pois o garoto teve novamente recaída, recaída feia, ficou devendo para o traficante, o pior do bairro, pegaram ele no sábado, bateram até quase matar e já avisaram o pai que se pegarem ele na rua de novo é para matar (...) ele usa durante toda a semana e o esquema é assim, ele pode deixar pendurado, anotado e no fim da semana tem que pagar e ele não pagou mas após a surra o pai acabou pagando a dívida dele de 180 reais, porém o Filipe não sabe que o pai pagou e então desde sábado ele não sai de dentro de casa porque está com medo que

irão matar ele (...) Não conseguimos ver o Filipe pois ele estava medicado com ampicilil que o pai tem dado mentindo que é remédio para dor já que refere dor intensa no corpo pois está todo machucado, assim consegue manter ele mais sedado, sonolento e em casa, ele mal conseguia falar, o pai ainda tentou chamá-lo mas não conseguiu (DIÁRIO DE CAMPO, 24/07/2018).

Neste trecho do diário de campo, percebe-se a violência e o descaso com o qual é tratado a vida. Não existe negociações longas, uma única oportunidade é dada de consumir durante uma semana sem nada em troca e com pagamento após sete dias, caso não pague ao término do prazo estipulado, o usuário é fortemente penalizado por não cumprir as regras do grupo.

Um estudo realizado com usuários e traficantes mostra que a interação entre estas partes se dá o mínimo possível, limitando-se aos momentos de compra e venda, que são frequentemente seguidos de alguma piada, violência, provação ou humilhação. Um dos participantes refere que acha o tráfico de drogas uma coisa muito ambígua, em alguns lugares o traficante trata o usuário muito mal, o usuário de crack é muito marginalizado pelos próprios vendedores. Tratam as pessoas como se fossem lixos e pensa: “porque estão tratando o cara como se fosse lixo, se eles vivem do cara? Exploram o cara ao máximo, já está ganhando dinheiro do cara, não precisa tratar ele mal, não precisa tratar ele que nem um lixo” (RUI, 2012).

O trecho a seguir, retirado do diário de campo, mostra a dinâmica da venda de drogas no Beco, a interação entre vendedor e comprador sendo mínima e rápida se repete conforme estudo supracitado, mas não há evidência de maus tratos nas negociações.

Nesta boca de fumo permanecemos uma hora aproximadamente. A casa é um barraco de madeira, existindo um estabelecimento comercial na peça da frente de dimensões muito pequenas, possui um portão improvisado com pedaços de madeira na frente que fica fechado e que é de difícil abertura, acredito que seja proposital para que o traficante e seus empregados somente possam abrir. Neste estabelecimento, há uma minoria de produtos comerciais, algumas cebolas, tomates, arroz, cigarros, balas e chicletes. Haviam algumas coisas para encenar um ponto de vendas de produtos alimentícios, porém, na verdade o comércio maior é o de drogas (maconha, cocaína e crack). O comércio das drogas acontece livremente e nossa presença ali não prejudicou em nada as negociações. O clima de compra e venda é bastante tenso, pois a compra tem que ser feita com rapidez, o traficante fica atrás do balcão do estabelecimento comercial (mais na posição de gerente) e seus dois funcionários ficam na volta, um do outro lado do balcão, próximo a porta da rua e outro na rua controlando a movimentação. E são estes dois funcionários que recebem os compradores, o traficante cuida mais diretamente da parte financeira e controla a movimentação da droga dentro do balcão (DIÁRIO DE CAMPO, 03/01/2013, BECO).

Conforme mencionado por Fernandes e Pinto (2006), locais marcados por uma extensa atividade de venda de drogas em geral estão envolvidos em uma grande fragilidade econômica, onde os habitantes são pobres ou vulneráveis à pobreza. O que caracteriza de fato os bairros frequentados nesta etnografia em que o tráfico se faz presente em todos eles.

No que tange as questões sociais, a vulnerabilidade dos usuários de crack reflete um conjunto de fatores que se desdobram em vulnerabilidade social também para outras pessoas no contexto do local. Os usuários de crack partilham com suas redes de relações um cotidiano marcado pela precariedade das condições de habitação, trabalho, saúde, e por uma proximidade direta com problemas relacionados à violência e ao tráfico. Esses fatores incidem sobre a vida de todos os moradores dos bairros, mas para os que fazem uso do crack assumem proporções diferentes. A necessidade de manter o uso faz com que muitos usuários estejam mais suscetíveis ao envolvimento com o tráfico e demonstrem maior exposição aos riscos da violência presente na relação com outros traficantes, usuários e também com a polícia. Durante a realização de uma pesquisa realizada em São Leopoldo/RS, muitas situações de violência foram relatadas, algumas ocorridas com os próprios entrevistados, outras com conhecidos da comunidade. Chamou a atenção também o grande número de mortes por violência. Em alguns períodos do trabalho de campo era relatado um caso novo praticamente a cada semana (MELOTTO, 2009).

Na presente etnografia esta violência se repetiu tanto pela violência marcada no Filipe quanto os relatos da família dele e do próprio Filipe. Em duas visitas a casa deles soube de duas mortes na rua em que eles moram, uma quase em frente a sua casa, a luz do dia, ferimento com arma de fogo na cabeça, decorrente de acerto de contas e o mais inquietante neste relato é a naturalidade com que histórias como estas são contadas. Filipe nos contou que a família estava tomando café em torno das 15 horas quando ouviram disparos, foram na frente de casa e presenciaram o crime. A pessoa era conhecida deles e do bairro geral pois estava sempre envolvido com o tráfico.

Malvasi (2012) aponta diversas modalidades de crime, com destaque ao narcotráfico, que são reconhecidas como o principal fator dos homicídios nas regiões metropolitanas brasileiras desde, pelo menos, a década de 1980. As “causas

externas” são a principal causa de mortes entre jovens e o homicídio é a primeira, entre as causas externas.

O chamado “problema das drogas” mobiliza a sociedade brasileira contemporânea, sobretudo a partir de duas leituras negativas: os potenciais malefícios do uso de algumas substâncias psicoativas criminalizadas e a brutalidade que envolve o tráfico, um dos principais promotores da “violência urbana” (MALVASI, 2012).

Gilberto Velho, antropólogo, discorre que o uso de drogas ilícitas entre classes médias no Brasil das décadas de 1960 e 1970 relacionava-se a ideais de prazer, autodescoberta e realização. A partir da associação “drogas e armas”, e o crescente controle do tráfico sobre as substâncias ilícitas, o uso de drogas foi associado à violência urbana (LABATE, 2008).

Nesse contexto, o tráfico de drogas assumiu uma face danosa: as mortes, os potenciais malefícios causados pelo consumo de substâncias psicoativas, a violência que não atinge só o usuário mas se espalha para as famílias, comunidade e para a sociedade como um todo são argumentos usados para caracterizar o tráfico como um dos maiores vetores de violência e o responsável por traumas e mortes por causas externas, entre jovens (MALVASI, 2012).

Em um dos dias de campo na Rua da Cidadania, presenciei uma briga fervorosa entre dois grupos de pessoas, nesta briga, uma das pessoas, um rapaz de aparência muito jovem, provavelmente ainda adolescente conforme confirmado pelos ARD, portava uma arma de tamanho considerável o que causou maior agitação entre as pessoas e grande insegurança de nossa parte por estarmos próximos do local correndo riscos por possivelmente estar em meio a um tiroteio.

Quando estávamos finalizando o campo, voltávamos pela Rua da Cidadania, de longe avistamos que havia uma discussão bem fervorosa que envolvia várias pessoas, aproximadamente umas dez. Ao passarmos por eles percebemos que o teor era dívida de dinheiro, um grupo acusando o outro de não ter pago algo, foi quando então um dos meninos (de aparência muito jovem) se afastou, entrou em uma casa e quando saiu portava uma arma de grande calibre na cintura, passou por nós com aspecto de fúria em direção aos grupos que seguiam na discussão, foi quando ouvimos gritos e um dos carros se afastou em alta velocidade, provavelmente pela ameaça do jovem com a arma. Ao passarmos pelo rapaz e notar o armamento, aceleramos o passo e dobramos na primeira rua que havia em nossa frente, casualmente a casa desta esquina que dobramos possuía a parede repleta de marcas de tiro (...) ficamos todos apreensivos, minhas pernas tremiam e seguimos adiante conversando sobre a violência que marca este bairro (DIÁRIO DE CAMPO, 20/07/2017).

Como já apontei neste trabalho, o medo esteve presente em mim em diversos e diferentes momentos durante meu trabalho de campo, mas em todas as situações este sentimento foi disparado pela violência que envolve o meio que os usuários de crack estão inseridos. Nunca senti medo do usuário em si, pelo contrário, de todos os contatos, sempre me senti imensamente acolhida, no entanto, o tráfico que permeia e está presente em todos os cenários é o que move a insegurança e desrespeito com o meio em que ele acontece. As sanções promovidas por este movimento/comércio/negócio expõe não somente o usuário de crack que está na linha de frente da comercialização enquanto comprador, mas todo o ambiente e comunidade que sedia estas ações, pois a sanção promovida a quem rompe com as regras é aplicada independente do contexto que se apresenta. Neste episódio, em que no mínimo dez pessoas estavam envolvidas na briga, havia pessoas circulando pela rua, pois era uma tarde de sol de um dia útil, nós (eu e mais dois ARD), todos colocados em risco por um acerto de contas de pessoas pontuais, mas que no momento da aplicação da sanção, são desprezadas a ponto de tornarem-se também vítimas de tal penalização.

As sanções vivenciadas pelos usuários de crack que rompem com as regras ditadas pelo tráfico pagam alto e caro por suas falhas, como já mencionado podem pagar o valor mais alto que é com a própria vida mas também muitas vezes são marcados com ações que atingem de forma intensa suas vidas e a forma de viver como por exemplo sofrer por privação ou falta de liberdade.

Menciono novamente o caso de violência sofrido por Filipe ao adquirir uma dívida de apenas 180 reais, digo apenas pois este valor quase custou sua vida e sem chances de negociações. Este episódio gerou uma grande comoção que envolveu toda a família em proteção de sua vida e o privou de sair de casa, independente das ações que faria na rua (uso de drogas ou não) pois a ameaça que recebeu seria que quando fosse pego novamente era para matar.

A surra que Filipe levou na rua está envolvendo toda a família, seus pais, avó e tios para verem juntos o que podem fazer com esse medo da ameaça do traficante pois foram avisados que se pegarem ele novamente vão matar (...) O pai dele nos mostrou uma peça dentro de casa que reformou para ser o novo quarto do Filipe, sem janela somente uma cama e alguns poucos móveis e já mostrou que chumbou um gancho na parede que vai deixá-lo preso e acorrentado, já tem até as correntes e que se for necessário também vai se acorrentar dentro do quarto e vai dormir com

ele, fazer tudo ali, para não deixá-lo sair para a rua, disse que chegou ao extremo porque ou ele faz isso ou o filho dele morre (...) a família já entrou com pedido na procuradoria para internação compulsória, só que isto demora de 3 a 4 meses e até que isso se resolva ele vai manter o filho preso dentro de casa (...) A família toda está apoiando esta situação de acorrentá-lo já pensando que se houver alguma denúncia para polícia ou conselho tutelar ele pode até ser preso por mantê-lo nesta condição, mas que ele vai arriscar porque vai fazer tudo pelo filho, enfrenta quem for preciso para protegê-lo, e se tiver que sair de casa preso ele vai e leva o filho junto, mas pra rua ele não volta. Ele está muito esperançoso que o Filipe não volte pra rua porque está com muito medo então ele acha que agora ele vai se acalmar (DIÁRIO DE CAMPO, 24/07/2017).

Percebe-se que a dependência química resultante do uso do crack induz o desenvolvimento de atitudes desesperadoras e, muitas vezes, equivocadas por parte dos próprios familiares, na busca de proporcionar segurança. Em alguns casos o familiar acaba bancando a aquisição da droga, com o pensamento voltado a manter o usuário de crack com sua integridade física preservada, afastando-o de situações de risco iminente (SIQUEIRA et al, 2012). Corroborando com Siqueira et al. (2012), neste estudo o pai de Filipe assumiu a dívida do filho em prol de sua vida e ainda apresentou atitude desesperadora ao relatar a possibilidade de acorrentá-lo dentro de um quarto. Esta atitude de acorrentar a pessoa para a impedir de ir atrás de droga se fez presente também no estudo de Siqueira em que uma mãe relatou ter prendido o filho no seu quarto, deixando-o chaveado na peça com comida e com a janela pregada com madeira.

Além da privação e falta de liberdade tanto do Filipe (na posição de usuário de crack devedor na boca de fumo) quanto de sua família, pois a família acaba envolvendo-se diretamente no problema, ameaça e risco de morte mostrando que inclusive o pai abre mão de sua liberdade para acompanhar o filho dentro de casa mantendo-se junto dele mesmo que acorrentado, existe também a falta de liberdade de escolha com manter suas rotinas em casa, pois na tentativa de ajudar Filipe, a família optou por trocar a disposição das peças de dentro de casa de forma que o quarto do rapaz fique nos fundos para que ele não ouça a movimentação da rua e fique agitado com o desejo de sair, pois nos dois lados da casa deles existem duas bocas de fumo com movimento intenso de pessoas, no qual se escuta toda movimentação de dentro do quarto de Filipe.

O próprio Filipe nos mostrou o quarto novo dele, os pais estão fazendo reforma na casa e nesta reforma trocaram os quartos, do Filipe ficará no fundo da casa e o do casal ficou na frente. Neste quarto da frente se escuta

toda movimentação da rua (tem uma boca de fumo de um lado da casa e ponto de venda do outro lado), por isso é uma rua bastante movimentada e escutar toda esta movimentação faz com que o Filipe sinta vontade de ir pra rua e ainda não consiga dormir direito (DIÁRIO DE CAMPO, 31/10/2017).

Estes casos relatados acima envolveram o Filipe e sua família enquanto ele estava no auge do uso abusivo do crack, porém o núcleo familiar também viveu privações e sanções em períodos que Filipe estava em abstinência fazendo-nos pensar que as sanções que envolvem o universo do crack não se detém somente a momentos que envolvam o tráfico ou as relações que permeiam o uso. Filipe muitas vezes deixou de ir para rua, seja para passear, arejar a cabeça ou encontrar amigos pois sua casa fica entre dois pontos/casas que facilitam uma recaída, como já citado, fica entre duas bocas de fumo com intensa movimentação de pessoas usando ou carregando drogas. Algumas vezes o pai se disponibilizou de levá-lo e buscá-lo a casas de amigos em outros bairros para que ele conseguisse sair para rua sem conviver com a movimentação local do seu bairro.

Filipe também deixou de frequentar a torcida organizada de um time local da cidade no qual ele era um dos líderes para evitar recaídas pois nestes encontros relatava que havia uso intenso de bebida alcoólica o que poderia facilitar uma possível recaída, além disso, a família relatou um episódio que confirma o álcool e o cigarro como potencial para uma recaída de crack, pois em um domingo de churrasco de família em casa no qual havia bebida e cigarro, Filipe que estava em abstinência há algumas semanas de crack se permitiu tomar cerveja e fumar cigarro de tabaco, ao final do dia acabou saindo de casa e tendo recaída com o crack, retornando para casa dois dias depois, a família afirmou com toda certeza que foi o excesso de álcool que o impulsionou a voltar e desejar a fumar crack.

A recaída que o Filipe teve no domingo foi decorrente de um churrasco em casa no qual acabou bebendo muita cerveja e a mãe dele ao presenciar tal fato já se preparou para o pior porque falou que toda vez que ele bebe, ele fuma crack, então o álcool está diretamente relacionado com esta recaída e com o crack em geral para o Filipe (DIÁRIO DE CAMPO, 29/11/2017).

Desta forma, as sanções que estão sujeitos os usuários de crack não estão relacionadas somente com o uso e sim com diferentes momentos de seu cotidiano e vida. Filipe é a prova que vive constantemente diferentes sanções em suas vidas, seja ligada ao tráfico enquanto consome crack ou ainda quando deseja abandonar o

hábito. Fumar crack e viver neste ambiente ilícito acarreta riscos constantes aos usuários, vivem expostos a riscos físicos e morais de forma contínua, pois vivem sujeitos a sanções estabelecidas por quem rege todo o comércio e poder que envolve a pedra e também vivem sob constantes olhares de recriminação, preconceito e estigmas perante a sociedade que aplica sua maior sanção de rejeição a este tipo de pessoa que quebra por completo o que é ser correto e moral.

O consumo de crack é caracterizado como um fenômeno com grandes repercussões não só para os usuários, mas também para as famílias e a comunidade em geral. Viver estas árduas sanções não é tarefa simples e na maioria das vezes se expande e atinge a quem está ao seu redor, a família geralmente é a base que sente diretamente os reflexos destas sanções causando um adoecimento familiar que atinge de formas distintas cada membro da família.

A desorganização da família surge como uma das principais consequências do uso do crack, visto que afeta profundamente as relações, a convivência e a interdependência entre seus componentes (SIQUEIRA et al, 2012).

No entanto, os familiares são de suma relevância no enfrentamento de dificuldades, constituindo-se como a principal fonte de apoio, por servirem de auxílio em momentos críticos e possibilitarem compartilhar o sofrimento em situações de adoecimento, podendo fornecer diferentes tipos de apoio (DI PRIMO et al, 2010). Porém, diante de um problema tão sério e complexo que é o uso do crack, muitas vezes a família adocece tanto quanto o usuário, acarretando danos irreparáveis ao núcleo familiar.

A família passa a conviver em condições, na maioria das vezes, de total incerteza, desordem e contínua necessidade de reorganização. A incerteza expressa-se, concretamente, por meio de sentimentos de insegurança, medo, dor e crise familiar, os quais repercutem nas relações e interações entre todos os membros da família e comunidade (SIQUEIRA et al, 2012)

O crack é apreendido pela família como um fenômeno devastador e desagregador por gerar estas situações de incerteza e desordem no ambiente familiar, por desconhecerem as perspectivas de futuro, tanto do usuário da droga quanto da própria família. Pode-se inferir que os familiares têm consciência das consequências que a droga causa, ou pode causar. Relatam a incerteza, diante do futuro do familiar usuário e a insegurança em saber se terá ou não uma vida “normal” (SIQUEIRA et al, 2012).

Nesta pesquisa, a mãe de um usuário, no qual ela não sabia o paradeiro relatou que é o segundo filho que ela tem envolvido com o crack, sendo que o primeiro já tinha falecido em consequência da droga e do tráfico.

Estávamos a procura de um usuário na Vila dos Catadores mas achamos somente a mãe dele que nos falou que não sabia de seu paradeiro. Trata-se de uma senhora de 62 anos, de aparência muito judiada, envelhecida e visivelmente cansada, estava trabalhando na reciclagem de lixo com coisas pesadas e enquanto separava o lixo nos falava do filho: "já não tenho mais esperança, já falei pra ele que já fiz tudo que uma mãe tem para fazer, que ele olhe o destino do irmão que foi preso por causa deste vício e acabou morrendo no presídio. A única coisa que hoje eu posso fazer por ele é abrir uma cova no cemitério e enterrá-lo porque tudo que tinha que ser feito para ajudar eu já fiz, se ele não quer se ajudar não adianta eu ficar tentando, porque enquanto ele não se der conta disso, não tem o que fazer" (VILA DOS CATADORES, 20/07/2017).

Os membros familiares vivenciam constante sofrimento e momentos de desespero que desorganizam a sua vida, tanto familiar quanto social, bem como acarretam consequências físicas, psicológicas, emocionais, financeiras, entre outras.

A família de Filipe viveu um adoecimento em grupo, de todo núcleo familiar, além do pai e da mãe que notavelmente estavam esgotados, cansados, revoltados (principalmente o pai), a avó uma senhora de idade também mostrava sinais de que sua saúde estava fragilizada, havendo a necessidade de aumentar as doses de todos seus medicamentos para ansiedade.

A visita na casa do Filipe hoje foi bem pesada, a família toda muito revoltada e pessimista com uma nova recaída do rapaz, ficamos em torno de uma hora na casa conversando com a mãe e o pai e pude perceber um adoecimento familiar, o pai relatou que já dobrou a dose de medicação que toma para ansiedade e a mãe também, estão hipertensos e a avó que é idosa está sem comer, mãe e filha com problemas de ansiedade e estão cada vez piores, não querem sair de casa e a expressão de esgotamento da mãe de Filipe é algo de cortar o coração (...) (DIÁRIO DE CAMPO, 24/07/2017).

A família novamente vivendo sanções que assolam pessoas que vivem numa rotina com ações ilícitas, pois viver no mundo que envolve atos não aceitáveis dentro da nossa sociedade que condena o uso abusivo de drogas, é colocar em risco sua própria saúde na tentativa de ajudar na recuperação do filho e ao mesmo tempo sentir-se impotente diante de algo tão impactante para uma família, que gera estragos e consequências nas mais distintas esferas.

Siqueira et al (2012) também apontou em seu estudo o adoecimento familiar

na ocorrência de um membro da família usando crack. Familiares relatam que toda família adoeceu junto e que a depressão de uma mãe foi acentuada em consequência disto, sendo necessário aumentar doses de medicação. Uma outra mãe relatou a tentativa de suicídio que quase efetivou ao tentar se atirar de um penhasco. Nesta etnografia, o que pude vivenciar de ação extrema dentro da família do Filipe, foi no final da coleta de dados quando o menino novamente teve uma recaída forte depois de dois meses sem usar crack e se atirou na rua, chegou ao ponto de roubar de dentro de casa carne moída congelada para vender, além de pertences da mãe e todos seus utensílios pessoal que guardava dentro do seu quarto. Com isso, a família o proibiu de entrar dentro de casa, fecharam-no as portas, com toda dor que isto acarretou a todos eles, mas não viam mais esperança e confiança na recuperação do filho. À ele, ofereceram um cobertor se caso ele quisesse poderia dormir na área situada na frente de casa.

A atitude de muitos usuários de crack de sair de casa e até abandonar a família pode ser justificado a partir do convívio que eles possuem com os familiares em suas casas. A família é considerada uma instituição que normatiza, legaliza e legitima os comportamentos do indivíduo na sociedade. Dessa forma, o núcleo familiar cria regras e manuais práticos de comportamentos e pensamentos permitidos ou não ao indivíduo pertencente a esta família (RAMOS; NASCIMENTO, 2008). Os usuários de crack muitas vezes acabam por romper com estas regras impostas devido ao fato de consumir crack ser um comportamento e prática reprimidos no seio familiar. Assim, escolhem por fragilizar ou romper os laços familiares e viver nas ruas de forma a criar suas próprias normas e regras.

Filipe mais uma vez passou por sanções em sua vida ao escolher seguir com o hábito de fumar crack, só que desta vez a penalização foi aplicada por seu pai em resposta a falta de esperança e confiança depositada no filho em todas as vezes que tentaram acreditar nele. A mãe disse que perdeu as contas de quantos aparelhos telefônicos comprou para presenteá-lo a cada nova tentativa de recuperação, os sapatos ela só tinha os que usava pois ele furtou mais de cinco pares para vender, além de computador e até lâmpada do seu próprio quarto.

A droga, por ser considerada um desagregador de famílias, por influenciar diretamente nas relações, tanto internas quanto externas, merece discussões e aprofundamentos em todas as áreas do conhecimento. A imagem construída, muitas vezes de forma negativa, somado ao preconceito, ao medo e à aversão ao usuário

de crack toma proporções que aumentam ainda mais a rejeição pela pessoa que usa droga (SIQUEIRA et al, 2012).

Na busca de alternativas para que a convivência com esta situação seja possível, a religiosidade aparece como um fator importante e animador. A religião exerce um papel fundamental no processo de prevenção e no tratamento de drogas, contemplando, tanto os usuários quanto os familiares que vivenciam momentos traumáticos, desde o início da dependência da droga até a reinserção social (KOENIG, 2003).

Em um dos momentos de recuperação do Filipe, a religiosidade foi fortemente atribuída por ele por ter conseguido parar de fumar crack.

Cheguei na casa do Filipe e tive uma alegre e surpreendente surpresa, ele parecia outra pessoa, assim como os seus pais. Estava uns 10 ou 15 kg a mais, bem corado, estiloso de bigode, sorridente e muito, muito falante e comunicativo. Sentou e conversou por muito tempo conosco, falou que está há 15 dias sem usar crack e que antes disso já tinha reduzido muito o consumo. Nos contou que está frequentando um centro espírita e que isso está dando forças para ele conseguir ficar sem usar crack. Nos contou todo procedimento de como foi no centro e como está sendo, vai toda segunda-feira e está acreditando que isto tem tirado todas as energias ruins que o cerca (DIÁRIO DE CAMPO, 31/10/2017).

Tenho ido ao centro espírita para me ajudar, tem me ajudado bastante, faz um mês mais ou menos. A última vez que eu fui a mulher disse que não tinha mais o que limpar em mim, que eu estava limpo, não tem mais praticamente nada. Vou parar de usar crack e seguir indo lá pro resto da minha vida porque tem me ajudado muito, falo pra eles que a melhor coisa que eu fiz foi ter ido até lá, nunca quis ir, nunca mesmo, minha mãe há muito tempo queria que eu fosse e eu nunca quis, teve um certo dia que me deu de ir e fui, era só ter ido antes e tudo teria sido melhor (Entrevista do Filipe).

Pesquisas revelam que a prática religiosa constitui-se em uma poderosa fonte de conforto, esperança e significado, especialmente, no enfrentamento de doenças crônicas, tanto físicas quanto mentais. Cerca de 500 estudos, realizados no ano 2000, que examinaram os efeitos e relações das práticas religiosas no cotidiano da saúde, revelam que existe uma associação positiva, com melhora no estado mental e no bem-estar em geral, bem como resultados mais rápidos que as terapias seculares, em pacientes religiosos (KOENIG, 2003).

Outra fonte de apoio emocional refere-se à ajuda espiritual, sendo este um elemento citado por todos os participantes no estudo de Sinead e Pinho (2015). Para eles, este recurso foi importante pois favoreceu o enfrentamento de situações adversas, ajudando a superar momentos de dificuldade e sobrecarga com o cuidado

dos familiares usuários de crack.

O apoio emocional através da espiritualidade geralmente se origina na rede informal dos indivíduos composta pela família, amigos e vizinhos, e consiste em ânimo e esperança. Além disso, a igreja, os grupos de oração e outros mais de que o familiar venha participar passam a funcionar como fonte de apoio emocional, ajudando a administrar as tensões e sofrimentos (MARQUES et al, 2011).

Com o descobrimento do uso de crack, os familiares buscam assimilar a realidade, para, depois, tentar reorganizar as tarefas cotidianas. Nesse sentido, uma das primeiras ações dentro da rede de apoio social dos familiares é justamente o apoio emocional, para que eles possam enfrentar a situação. Neste contexto, destacam-se alguns recursos da rede de apoio mobilizados pelas famílias. Em primeiro lugar, as pessoas mais acionadas são aquelas restritas à família nuclear e extensa, principalmente relacionado à parceria do cônjuge, dos filhos, irmãos e mães. Os recursos interpessoais formados pelos amigos, vizinhos e colegas de trabalho, em segundo plano, também foram apontados como importantes fontes de apoio emocional. Diante da conformação da rede de apoio social, percebe-se que a família nuclear e ampliada constitui-se como uma importante fonte de suporte. Neste sentido, compreende-se que os familiares desempenham um papel importante na provisão de cuidado para seus membros, estando geralmente no centro das funções de cuidado (SINIAK, PINHO, 2015).

É possível classificar a rede de apoio social de duas formas: rede primária que se constitui pela família do indivíduo, amigos e vizinhos; e rede secundária que engloba as instituições de assistência à saúde, educação e comunitárias. Neste contexto, a primeira rede faz referência a estrutura relacional que o indivíduo desenvolve, favorecendo comportamentos resolutivos, já a segunda rede são os serviços utilizados pelo indivíduo que possibilita intervenções e uma possível resolutividade de seus problemas como, por exemplo, Centro de Atenção Psicossocial Álcool e Drogas (CAPS AD), Estratégia Saúde da Família (ESF), Residências Terapêuticas, Programa Redução de Danos (PRD), entre outros (SILVA, 2010).

Desta forma, a luz destes conceitos de rede de apoio social, este estudo apresentou a família de Filipe utilizando-se somente de rede primária para o enfrentamento do uso do crack, mas também vivenciou a triste realidade de uma usuária moradora do Beco que teve sua filha de quatro anos retirada de si pelo

conselho tutelar, sendo necessário utilizar os recursos da rede secundária na tentativa de reaver a guarda da filha.

Hoje no Beco só vi a Paula e uma situação muito chata que ela está vivendo, fiquei sabendo que sua filha de quatro anos foi retirada do casal. No tempo que estive afastada do campo eu encontrei a Paula várias vezes na frente de uma padaria próximo ao Beco sempre acompanhada da filha pedindo comida ou dinheiro aos clientes da padaria, uma das vezes conversei com ela mas ela muito sem jeito mal me respondeu, a própria padaria fez uma denúncia, entre outras denúncias, e o conselho tutelar acabou tirando a menina dela por entenderem que ela usava uma menor de idade para pedir doações (...) dias depois encontramos o pai da menina e ele disse estar muito chateado e agora estão traçando estratégias para recuperar a criança, entre elas são melhorias na casa, a Paula se desintoxicar, voltar para o CAPS e ficar bem (...) Paula nos disse que estava indo no CAPS para consultar e que não tinha muito tempo para conversar porque queria consultar logo e ver se já conseguia ficar internada para desintoxicação (BECO, 19/10/2017).

Como exposto no fragmento acima, Paula estava tentando se ajudar diante da possibilidade de ter sua filha de volta. Esta mulher é uma usuária que faz uso abusivo de crack e tem na prostituição e tráfico formas de sustento de vida e do vício, no entanto, diante de todo este contexto de vida teve uma pesada sanção por viver assim que foi ter retirado de si a guarda da filha menor, este tipo de sanção vive também uma das adolescentes do Beco, irmã de Paula, que tem uma filha de um ano que já não está sob sua guarda pelo fato de levar uma vida desregrada dentro do Beco.

Durante a etnografia, perdi o contato com Paula pois a mesma sujeitou-se a uma internação psiquiátrica de longo tempo para desintoxicação. Nesta atitude, pode-se enxergar um ato de troca, uma relação de doação, vivenciou uma dívida mútua positiva no qual o doador desta relação tem o desejo de dar ao outro pelo que ele é, e acontece principalmente entre parentes de vínculos primários (GODBOUT, 1998), pois esta mulher abriu mão de sua liberdade e de seu trabalho por uma causa maior, por um bem que julga valioso na sua vida, esperando receber em troca ter de volta para si sua filha de apenas quatro anos de idade.

Concluindo as sanções negativas vivenciadas pelos usuários de crack, faço referencia a um evento que tive o prazer de participar durante o trabalho de campo, que foi uma festa de Natal oferecida aos moradores do Beco, uma festa que ofereceu churrasco, arroz e feijão, além de refrigerante e brinquedos para as crianças.

Neste evento, além do que foi citado, havia entretenimento para as crianças, brincadeiras, música e hora do conto com interpretação das histórias contadas por um animador. Me senti emocionada ao ver a euforia das crianças, vi crianças sendo crianças, felizes, correndo e brincando, no entanto uma cena me marcou profundamente, ver as adolescentes que tanto fiz menção neste estudo serem tão crianças quanto as verdadeiras crianças.

A festa de Natal no Beco foi uma ação admirável e fiquei encantada observando cada detalhe e cada expressão de felicidade dos moradores, o que mais me chamou a atenção foi a Fola, uma menina que entrevistei de 19 anos e que tem dois filhos, foi a que mais se sentiu criança do que a maioria das crianças que estavam lá, principalmente quando tinha o rapaz contando e interpretando histórias, ela dando risada, hipnotizada, de olho parado, boca aberta escutando a história, compenetrada naquilo junto com a filha de dois anos, respondendo e participando ativamente daquele momento, tendo uma interação muito verdadeira e sincera com o animador. Me peguei olhando para ela quase que todo o tempo da história, uma guria de 19 anos já com dois filhos e ali vivendo uma infância que provavelmente não existiu. As crianças pequenas agindo como crianças pequenas (dos 2 aos 12 anos), brincando, correndo atrás de bola, gritando, pulando, todos eufóricos brincando com os presentes e a Fola no meio deles o tempo todo, outras adolescentes também presentes o tempo todo, paravam para escutar a história, respondiam e participavam ativamente da história mas não permaneciam do início ao fim, mas Fola permaneceu o tempo todo e sempre no meio das crianças e não somente animando elas ou ajudando a cuidar, parecia uma delas recebendo atenção e se entretendo com as atividades, curtindo aquele momento (...) acho que voltou a uma infância que acredito nunca ter existido (DIÁRIO DE CAMPO, 20/12/2017).

Além da privação de liberdade que os adolescentes do Beco tem vivido e as formas de vida que as crianças tem mantido neste meio, como vem sendo apresentado neste estudo, me questiono constantemente que infância estas crianças vivem? Que modelos tem para observar e seguir na vida? O que esperar destas crianças? Observei como a vida é dura e cruel com estas crianças e adolescentes, observar a Fola mergulhada naquele mundo de imaginação me deu a certeza que estas crianças não são crianças e não sabem ser crianças pois desde cedo são obrigadas a aprender a sobreviver nas adversidades das ruas, sem afeto, em ambiente frio e áspero. Fola e as demais adolescentes foram a prova de que viveram muito pouco ou não viveram uma infância digna, entregando-se a esta oportunidade quando lhes é oferecida, imaginam, sonham, se desligam do seu mundo real e vivem aquilo que lhes foi privado, talvez uma das mais cruéis e com maior consequências para seu futuro, ser privado de ser criança.

No entanto, não é só de sanções que vivem as pessoas usuárias de crack

deste estudo, no decorrer da convivência com eles pude perceber que gestos de troca e solidariedade perpassam as relações sociais em diferentes momentos.

Podemos pensar que a pobreza e miséria que circunda o meio do crack, assunto tão discutido neste trabalho, pode ser considerado uma relação de troca e generosidade entre as pessoas que vivem nas ruas, pois a construção de chalés citados anteriormente só é possível pela organização em grupo das pessoas e pela ajuda mútua nas construções além do arrecadamento de materiais para tal tarefa. Trata-se de uma relação de ajuda mútua e troca de gentilezas para alcance de um bem comum.

O paradigma do dom tenta explicar esta relação, busca explicar o sistema de trocas e a constituição de alianças nas relações humanas, demonstra que o valor das coisas não pode ser superior ao valor da relação, no qual, sobretudo, o simbolismo é fundamental, permeando essas relações (MARTINS, 2005). Na ação social o interesse material ou imaterial é sobreposto pela espontaneidade, amizade e solidariedade existentes entre as partes envolvidas ou no grupo como um todo. Dessa forma, muitas vezes, nas cracolândias, a solidariedade e a espontaneidade superam o materialismo existente nas relações de troca.

Ainda quanto ao trabalho em conjunto, nesta etnografia presenciei novamente a divisão de comida entre usuários carentes, comida oferecida por um deles que recebeu quantidade suficiente de pães e pastéis para dividir com o restante do grupo.

Quando estava no Beco conversando com os usuários que estavam circulando por ali observei que um rapaz chegou de fora com um pacote de pães e pastel que ganhou de alguém e dividiu com todo mundo, gritou em voz alta que tinha comida e quem quisesse era só se aproximar. Mais uma vez vejo o ato de compartilhar coisas que quando um ganha divide com os demais que não tem, juntou várias pessoas querendo os pastéis e ele deu pra todos (BECO, 27/10/2017).

Na sociedade geral são predominantes as relações de trocas comerciais, as trocas pautadas no capital, e sendo o dinheiro o mediador das relações. No entanto, existem outras relações de trocas, que Mauss (2003) buscou mostrar através de seus estudos com povos primitivos, apontando tipos de relações de trocas baseados no dar/receber/retribuir não estabelecido pelo valor do bem. Nas cenas de uso de drogas também existem eventos/relações que não se enquadram em relações comerciais/capitalistas, mas sim de trocas e alianças, como o abrigo oferecido

nestes locais aos desabrigados, a amizade, a ajuda coletiva contra adversidades encontradas nas ruas e o próprio compartilhamento da droga, além de comidas e roupas (FERREIRA, 2013).

Ferreira (2013) discorre ainda que no espaço das cracolândias não existem diferenças entre os integrantes, são todos iguais, não são menos do que ninguém devido às atividades e estilos de vida que praticam, não possuem rótulos. Assim, de igual para igual, é possível que se exerçam outros tipos de trocas, que não as comerciais, dentro das cenas de uso. É o espaço no qual existe solidariedade e que caracteriza o local não somente para uso de drogas, mas como abrigo, como coletividade para enfrentar riscos por viverem nas ruas, compartilhamento de drogas e comida, e a presença de um líder que mantém o grupo organizado, superando todos os tipos de relações materiais e capitalistas.

Raupp (2011) também aponta este tipo de solidariedade entre os usuários de crack, em certo depoimento um usuário faz menção a uma grupo de usuários de crack referindo-se a eles como “gente boa”, embora “quem olha não diz”. Refere que todos se ajudam mutuamente. Conta de uma vez em que passou mal porque estava sem beber cachaça. Diz ter sido ajudado por uns jovens usuários, os quais “fizeram de tudo” para lhe auxiliar, buscando comidas e remédios. Conta isso quase chorando e diz que, no outro dia, quando estava melhor, comprou comida e compartilhou com eles, a fim de retribuir o que lhe fizeram.

Existem histórias de solidariedade de pessoas que passaram em algum momento da vida por alguma necessidade e quando vêem a oportunidade de evitar que outra pessoa passe pela mesma situação, não hesita em dividir o que tem. No estudo de Souza (2016), Zacarias é um usuário que diz encontrar em algumas pessoas adictas uma boa convivência e articula sentimentos de solidariedade com o fato de que tem gente que já tem pouco, mas se “vê o irmãozinho sem nada ajuda a matar a fome, oferece uma comida e divide o que tem”. Na infância, menciona que sua tia comprava comidas (“...no caso, chocolate, pipoca, um recheado, um refrigerante”) e escondia dele, esquecia que ele também tinha “precisão” (necessidade). Ele diz gostar muito de chocolate: “Olha, eu não troco chocolate por nada nesse mundo. Eu trocaria minha mulher que eu tenho agora por chocolate”.

Nesta etnografia, quando questionados sobre amizades e ajuda a maioria dos participantes entrevistados referiram haver ajuda e compartilhamento de pedra quando alguém necessita e ouve depoimentos também de pessoas que não

acreditam em amizade além do interesse pela pedra.

Tenho amigos sim e nem todos usam crack. Tua acha que a amizade com os “craqueiros” é motivada só pelo crack? Não, se não usassem ou se eu não usasse seríamos amigos iguais (...) vou te dizer que raramente eu ganho pedra de alguém mas se quer vir fumar aqui em casa tem que me apoiar e me dar pedra, uma mão lava a outra. Existe amizade entre as pessoas que usam crack, se precisares de ajuda, qualquer que seja, te sentes apoiada? Alguns amigos sim, já deixaram de comer e trouxeram rango para mim quando eu estava doente, deixam de comer e vem fumar aqui, ofereço minha casa (ROSA, 46 ANOS).

Tens amigos? Sim, que também usam crack e são pelo crack (CAROL, 19 ANOS).

Tens amigos? Só meu companheiro, meus filhos e meu pai. Tenho uma relação muito aberta com meu companheiro, meu melhor amigo, a gente conversa muito, me dá vários conselhos, não é usuário hoje mas já foi. Não uso crack na frente dele, uso nas costas, quando saio, dou uma voltinha na casa de um vizinho, me escondo, dou um peguinha e na realidade é só durante a noite que eu uso ou quando estou aqui no Beco durante o dia. Como tu te relaciona com outras pessoas que usam crack? Normal, tudo bem, quando já estive na fissura e precisei de crack alguns amigos me ajudam e me apóiam várias vezes porque sou uma pessoa conhecida pela minha sinceridade, se é amigo meu eu chego e peço dois reais que eu quero comer, estou com fome, aí todo mundo que eu peço chega e me dá porque sabe que é verdade porque se eu digo que é pra comer é porque é verdade pois eu digo quando é para droga, eu digo eu quero dois reais aí porque eu quero fumar minha droga, queres me emprestar me empresta, não quer, não és obrigado (FABIANA, 36 ANOS).

Tem amigos? Não. Como era teu acesso ao crack? Eu comprava ou ganhava de colegas na rua (FOLA, 19 ANOS).

Tu acha que existe dividir a pedra entre vocês? Quando eu tinha dinheiro não me importava de dividir porque tinha vezes que eu não tinha e o fulano tinha. Quando tinha dinheiro comprava umas 10 gramas de crack ia para o hotel e ficava o dia inteiro fumando crack, me fechava, e ficava só bebendo. Amigos, nenhum. Não tenho amigos verdadeiros, só tem amigo envolvido com a droga, alguns eu levei por culpa minha, mas assim, não tenho nenhum certo, todos que aparecem é por causa da droga, até tinha antes mas aí quando comecei a usar crack ficaram distantes.

Me fala da tua relação com pessoas que também usam crack (...) só para correr atrás de droga, estávamos juntos, fazia a correria, fulano e ciclano pediam na hora de fumar, davam um pega, mas só isso, só para isso, para a droga mesmo. Tu acha que existe ajuda entre as pessoas que usam crack? Não, mas se for para conseguir droga, tem. (FILIPE, 19 ANOS).

Te considera uma pessoa com amigos? Tenho bastante, não tenho problema com ninguém né, posso andar tranquilo em qualquer lugar, não tenho nenhum tipo de rixa com ninguém. Tu acha que o crack te proporciona amizade? Não amizade verdadeira. Não aquela amizade que se tu cair dentro do hospital, numa necessidade real de família como acontece com pessoas que não são usuárias e te falta alguma coisa e um amigo vai lá na tua casa e te ajuda, não é assim, assim não. É uma

amizade que gira em torno da droga, existe parceria para comprar, se eu não tenho grana posso pedir, se alguém tem a mais divide, bem tranquilo, as pessoas costumam dividir. Existe ajuda entre as pessoas que usam crack? Não tem...só para droga (DANI, 35 ANOS).

Nestas falas fica claro que a maioria dos usuários acreditam em “amizade” motivada pelo crack, tecem relações em prol dos seus desejos. Fola afirma não ter amigos mas quando refere o acesso a droga diz conseguir com colegas da rua ou comprar. O laço social é estabelecido momentaneamente para sanar suas buscas, assim como Dani diz, em necessidade de uma ajuda mais concreta como o caso de saúde e internação em um hospital, o laço social deixa de existir pois o crack não se faz presente neste momento. Já Rosa, referiu receber ajuda exatamente quando precisava em decorrência de problemas de saúde. Portanto, o laço social e as relações variam muito na perspectiva de cada usuário.

Pode-se pensar nestas relações descritas acima como formas de sanções também, Filipe fala que quando começou a usar crack alguns amigos se distanciaram, o preconceito e a dificuldade em aceitar a condição de uma pessoa que é ser usuária de drogas gera sanções que vai desde a rejeição até o afastamento social, ou ainda entre iguais, entre os próprios usuários de crack, se não tem droga na relação, não há mais nada para oferecer que beneficie o outro, Filipe e Dani são enfáticos ao falar que não existe ajuda entre usuários, exceto para obtenção da droga.

Referente a esta ligação e interesse no crack, fato que leva as pessoas a compartilharem a pedra, a teoria do dom pode explicar o valor intrínseco existente nessa relação. A aliança e o vínculo criados entre estas pessoas é o que subsidia a confiança e relação de solidariedade para que aquela pessoa que hoje não tem a pedra possa desfrutar do fumo de forma igualitária àquele que fornece a pedra na roda, na garantia e certeza fornecida ao grupo de que, assim que este possuir a pedra, irá compartilhar da mesma forma com que estão compartilhando com ele.

Essa ação pode ser justificada pela força que existe na coisa dada/doada (*hau*), de que tudo que é doado sempre tende a voltar ao doador na forma do próprio bem ou algo similar que o substitua (MAUSS, 2003).

Existe ainda a organização da vida em grupo, em que os indivíduos passam a interagir pensando no grupo, possuindo como característica central a partilha total dos bens. Tem-se como exemplo um grupo em que todos trabalham em “turnos”,

revezando-se no mesmo ponto da cidade em que eles são guardadores de carro. Quando um sente fome, um deles vai ao restaurante mais próximo e compra comida para todos. Os poucos bens materiais que possuem também são compartilhados, como cobertores, colchões, algumas roupas. O crack também é compartilhado (SOUZA, 2016).

A aliança e o vínculo social, neste contexto, é que mantêm o grupo como grupo, pois, na ausência da rede formal de cuidados e atenção a esta população, é o grupo que abarca a solidariedade e ajuda como seres humanos. Mostrando-se evidente o valor da aliança como superior aos bens ou interesses pessoais (GODBOUT, 1998).

A família é um outro tipo de grupo que estabelece relações estreitas e de vínculos fortes com alguns usuários de crack, geralmente estão em posição de ajuda, sempre na esperança de uma recuperação ou abandono do vício.

Nesta pesquisa os participantes entrevistados apontaram terem famílias presentes, e que muitas conhecem o hábito de fumar crack, não concordam mas respeitam, há também quem diga que a família não sabe deste hábito.

Quem é a tua família? Minha mãe e meus irmãos. Tua família sabia do teu uso de crack? Não, nunca souberam (FOLA, 19 anos).

Tens família? Meu pai, minha mãe e meus filhos. Como é tua relação com eles? Aberta, super aberta. Todos eles sabem que eu uso crack, inclusive meus filhos, o mais velho é um homem e ninguém me julga, o mais velho é o meu melhor amigo muito apegado a mim. Ele usa também? Não, nem gosta de cigarro, nem cigarro normal eu fumo perto deles, não me julga, mas claro que ele não gostaria que eu usasse, ele é um menino que lembra das coisas que eu passei na mão do pai dele por causa de droga, desde os três anos de idade, uma criança muito traumatizada (FABIANA, 36 ANOS).

(...) considero minha família só minha mãe (após um longo silêncio para responder). Como é tua relação com ela? Minha mãe sempre me entendeu com os meus erros, sempre aprontei barbaridades pra ela e ela sempre passou a mão em cima de mim, sempre comigo, meu pai sempre brigou e eu sempre joguei em cara que ele não tinha que falar porque também fez a mesma coisa (pai também foi usuário de drogas na adolescência), jogava em cara mesmo eu estando errado e nossa relação piorou bastante, não era assim com o meu pai quando eu era criança, eu perdi o respeito por ele, brigamos muitas vezes, mas minha mãe sempre me protegeu, pelo meu pai eu não estava mais nem dentro de casa, podia estar morando na rua, sendo que a casa nem é dele, ele está aqui por causa da minha mãe. Eu sabia que ele tinha problema, sabia que bebia e acabei descobrindo quando fiquei mais velho, que acabei fazendo a mesma coisa. Minha mãe sempre esteve do meu lado, me dando apoio, chorando, insistindo, conversando, querendo que eu mudasse, tentando colocar a real na minha mente, fazer entrar na minha cabeça de algum jeito, então eu considero minha família a minha mãe, só (FILIPPE, 19

ANOS).

Cruz, Campos e Silva et al (2012) discorrem sobre o relacionamento dos usuários com as pessoas residentes no mesmo domicílio nos quais identificaram-se brigas, discussões e falta de comunicação devido à rejeição ao uso do crack, o que pode de fato justificar a difícil relação entre pai e filho visto que o mesmo também foi usuário de drogas na adolescência e sabe das dificuldades que é viver esta condição.

Família? Meus pais, meus irmãos e meus filhos. Como é tua relação com eles? É tranquilo porque sou bem aberto com eles mas sempre aquele problema né...querem sempre saber quando tu vai deixar a droga, quando vai parar de usar isso e mudar a tua vida, isso ai é o que pesa na gente, porque eu não tenho estas respostas para dar a eles (...) (DANI, 35 ANOS).

Me fala sobre tua família: minha família é meu pai, minha madrasta e meu filho. Eles sabem do teu uso? Aham, não gostam mas não me recriminam (CAROL, 19 ANOS).

Na fala de Fola, ela refere que a mãe e os irmãos desconhecem seu antigo hábito de fumar crack. No entanto, ela foi uma das meninas que observei várias vezes no Beco, pois ela é irmã das adolescentes que circulam por lá, também foi retirada da mãe enquanto criança e voltou para o Beco quando saiu do orfanato. Pelas minhas observações fica claro a divergência de informações fornecida por ela quando conversamos, pois a vida dela é circular no Beco junto com as demais meninas que vivem ali e fazem uso abusivo de crack e prostituição.

A instituição familiar é considerada um dos elos mais fortes na cadeia multifacetada que pode levar ao uso de álcool e drogas, além de também atuar como importante fator de proteção (SCHENKER E MINAYO, 2003). Diversos estudos apontam a família ligada a eventos desfavoráveis, que podem ter atuado como fator indutor ao início do uso de drogas: doenças na família, principalmente uso de álcool e drogas, brigas e separação dos cônjuges, violência intrafamiliar física e psicológica e rupturas dos vínculos relacionais com a família e com o meio social (SELEGHIM et al, 2011; NONTICURI, 2010; SIQUEIRA et al, 2012).

Ainda com relação ao familiar de usuário de crack, são identificados alguns sentimentos que remetem à vontade de ajudar, à tolerância, ao desespero, à raiva, ao medo e à impotência diante da droga (NONTICURI, 2010).

No entanto, nesta etnografia, a figura familiar se destacou como fator de

proteção no cuidado ao Filipe (19 anos) não ficando evidente eventos desfavoráveis que pudessem ter contribuído para a inserção do Filipe no crack, pelo contrário, em uma de suas falas ele comenta do desgosto que dá a mãe por ter sempre zelado e cuidado muito bem dele e que mesmo em pleno uso abusivo sempre tem o apoio dela na tentativa que ele irá se recuperar, os pais aceitam e convivem com a estratégia de fumar maconha dentro de casa ou com amigos na tentativa de amenizar a fissura ou uso do crack.

Os pais do Filipe falaram de forma muito natural sobre o uso dele de maconha em casa como forma de redução de danos, que ele está ficando em casa, bem cuidado, tem ido nos jogos do xavante, tem levado dinheiro e volta com dinheiro sobrando, deram um celular novo pra ele, compraram roupas novas. Falaram também que ele está com uma menina e acham que isso vai ajudar ele a se manter bem, entendem que recaídas acontecem, estão preparados para isso. Falaram que a casa deste amigo que ele está hoje é de um rapaz ex usuário de crack que tem ajudado na recuperação do Filipe e falam naturalmente com boa aceitação que este rapaz só usa maconha e o estimula pra que faça só isto também (DIÁRIO DE CAMPO, 29/11/2017).

Sabe-se que a associação da maconha ao *crack* é considerada também como estratégia de redução da fissura, tanto pelo uso de “mesclado” quanto de maconha após o *crack*, haja vista que deste modo se substitui o uso do *crack* puro e que a pedra gera padrão compulsivo e fissura mais intensos do que o “mesclado” (RIBEIRO, SANCHEZ E NAPPO, 2010).

A família de Filipe desempenha papel importante junto ao filho quando o mesmo apresenta crises de abstinência, permanecendo ao seu lado e incentivando-o a permanecer em casa e desviando o pensamento do desejo de fumar crack.

Na visita de hoje Filipe me contou como tem sido os seus dias, que fica em casa e evita sair para rua. Na última semana teve uma crise de abstinência forte as 4h da manhã, acordou repentinamente com tremedeiras e calorão, com muita vontade de usar pedra, então chamou os pais, que chamaram a avó dele e todos em volta dele começaram a rezar e conversar com ele, tranquilizando-o que iria passar e assim foi, depois de algumas horas foi cessando e passou. Isto mostra a vontade que ele está mesmo de se recuperar, pois como seu pais falaram, antes ele iria para rua e consumiria muito, até não ter mais nada para pagar. Foi emocionante neste encontro ver a expressão do pai de felicidade ao escutar o filho nos contando tudo isso, e mostrando a vontade de querer mudar. Me emocionei ao ver a cena do pai com um sorriso leve no rosto e olhos embargados de lágrimas, imagina o que esse pai deve sentir nesta hora, homem que acompanhei em momentos de desespero ao achar que perderia o filho para a violência do tráfico. Saí muito feliz e leve da casa dele ao ver toda família esperançosa (DIÁRIO DE CAMPO, 31/10/2017).

Siniak (2014) aborda a família no contexto da saúde mental como um conjunto articulado de pessoas que pode contribuir no processo de recuperação e reinserção social do indivíduo, especialmente, em situações emblemáticas, como o consumo de crack. Mesmo que afetada pelas mudanças causadas pelo uso da droga, a família constitui-se como um sistema fundamental na produção de novos vínculos e novas redes sociais.

Os familiares, em geral, demonstram grandes lutas e enfrentamentos, tanto pelo convívio direto com o usuário, quanto pelos sentimentos de incerteza e insegurança em relação ao futuro. Reconhecem que precisam, constantemente, “remar contra as correntezas” do medo, do desconhecido e dos próprios valores e crenças (SIQUEIRA et al, 2012).

Nonticuri (2010) considera a família como fator norteador para o sucesso na reabilitação do dependente químico. Portanto ela necessita de um apoio profissional no sentido que ela seja ouvida e tenha participação ativa no processo do tratamento. Porém, é comum que a família apresente dúvidas em relação a sua participação, principalmente, quando começam a emergir as dificuldades. Para isso, é preciso reforçar acerca da importância da atuação do profissional da saúde neste viés, na qual busca entender e compreender as dificuldades evidenciadas pelas famílias, promovendo ações educativas para que essas aprendam a lidar com os seus sentimentos. No caso da família do Filipe o apoio de serviços de saúde no qual contam é a Estratégia de Redução de Danos, preferindo não recorrer a outros serviços por julgarem não ser tão efetivo quanto o RD. Os agentes desempenham um serviço junto a família de grande qualidade, fazendo com que eles sintam-se atores principais no tratamento do filho, realizam escuta terapêutica e pensam estratégias de enfrentamento juntos sobre os diversos estágios de abstinência e recaída que o Filipe apresenta ao longo dos dois anos de consumo.

Desta forma, a família pode ser vista também como unidade cuidadora e a ser cuidada, pois nesse momento de enfrentamento de um problema complexo, como o consumo prejudicado de crack, todos os olhares devem ser voltados para um tratamento com abordagem que envolva o usuário, sem desconectá-lo da família. Da mesma forma, é preciso compreender que as possibilidades de cuidado vão além dos laços de solidariedade, mas também perpassam os recursos e as relações que essa família constitui com o território (SINIAC, 2014).

Godbout (1998) caracteriza o dom como uma prática de liberdade, prazer em realizar o gesto e espontaneidade em tal ato, de forma que a dívida entre os envolvidos aumente e os laços se estreitem, havendo a incerteza do retorno, somente a certeza da aliança e do vínculo. De fato é o que se mostra presente nesta relação entre pais e filho, que agem em benefício do filho sem espera de um retorno pontual e sim estreitamento do vínculo e bem estar do filho.

Outro episódio de ajuda mútua vivenciado neste estudo foi em relação a Rosa (46 anos), mulher que conheci em 2012 e que na época não apresentava-se bem de saúde tanto relacionado ao consumo de crack, pois fazia um uso abusivo quanto saúde física pois estava com sérios problemas de pele e respiratório. Sua casa era considerada uma casa de consumo por estar sempre de portas abertas aos usuários do bairro e ter constante circulação de diversas pessoas. Em 2017 me surpreendi ao reencontrar Rosa, estava mais organizada mentalmente, bem de saúde e fazendo uso controlado de crack; sua casa não era mais uma casa de consumo apesar de permanecer de portas abertas para quem precisasse. Nestes anos que estive afastada do campo, Rosa encontrou um companheiro, o qual ela atribui todas estas mudanças em sua vida. O namorado é também usuário de crack mas de forma que prefere viver mais reservado o que acabou influenciando na vida da Rosa.

Rosa responde quando questionada sobre quem é sua família: "Atualmente eu moro com o meu marido aqui em casa e que usa crack junto comigo, considero somente ele da minha família pois meu único filho morreu e fiquei sozinha na vida" (ENTREVISTA DA ROSA, 46 ANOS).

No estudo de Schenker e Minayo (2003), a família e o companheiro do usuário de crack apareceram como as principais redes de apoio dos usuários. Um importante papel na criação de condições relacionadas tanto ao uso abusivo de drogas, quanto aos fatores de proteção, porém muitos usuários acabam se afastando de seus familiares devido a não aceitação de seus pais, recorrendo estes apenas em situações emergenciais. Neste sentido, o companheiro, muitas vezes, também usuário de drogas preenche este vácuo deixado pelos familiares, sendo tratados como se fossem os primeiros em importância na vida.

Corroborando com o estudo supracitado, Rosa relatou ainda que perdeu o único filho há dois anos atrás e o início do relacionamento com o namorado se deu neste intervalo de tempo o que a ajudou na recuperação da perda, do luto e também

na questão de organização de vida, dentro do contexto de uso de crack deles.

Mauss (2003) discorre sobre estreitar o laço social dentro das relações buscando a união, a amizade e até a generosidade. No caso de Rosa, nota-se um estreitamento de laços que beneficiou ambos os lados, uma ajuda mútua que trouxe melhorias para o casal conforme relatado por ela. Enxerga-se uma relação baseada em amizade e generosidade, superando o utilitarismo e capitalismo presente em muitas relações humanas.

Na relação entre usuários e agentes redutores de danos também podemos vislumbrar uma relação de troca pautada na tríade de Mauss (2003). O serviço desempenhado pelos agentes busca primordialmente o alcance de uma relação social pautada em confiança e amizade, para posteriormente, juntos pensar e traçar estratégias de melhoria de qualidade de vida ou promoção da saúde. Na perspectiva do trabalho do RD, não é possível desenvolver um trabalho junto aos usuários sem alcançar antes este laço social. Nesta relação os usuários se doam e se entregam à confiança do agente, compartilham histórias, contam problemas e vitórias e vêem nos agentes uma possibilidade de apoio, melhora ou apenas conforto. Os agentes exercem a intersubjetividade através de escuta e do respeito das falas dos usuários que por sua vez respondem a essas trocas.

Neste estudo presenciei relações de ajuda nas mais diversas esferas, os agentes deram suporte para encaminhamento de novos documentos (queimados em incêndio de chalé como já mencionado), apoio incondicional a famílias de usuários de crack que vão desde encaminhamentos para serviços de referência ou simplesmente a escuta dos desabafos por horas, realização de testes para detecção de doenças sexualmente transmissíveis e o ato de maior impacto carregado de generosidade foi a realização de uma festa voluntária e beneficente no bairro mais vulnerável do município, festa de Natal que envolveu toda a comunidade desde a organização até a concretização de todo planejamento.

Neste ato, pude perceber o real envolvimento dos agentes com a causa que estão dispostos a colaborar. Não receberam nada a mais por este gesto, se mobilizaram em conjunto para concretização do evento comprando ainda brinquedos para doação as crianças. Superou toda e qualquer relação capitalista pautada no paradigma utilitarista em prol de um relacionamento criado e mantido pelo laço social existente entre usuários e agentes.

Diante de toda discussão pautada nas sanções vivenciadas pelos usuários e

nas relações sociais e de troca analisadas a luz dos conceitos de Marcel Mauss, questioneei ainda aos usuários, quais as motivações que eles tem para usar o crack, como se sentem enquanto pessoa antes de ter o hábito de usar a pedra e como se sentem hoje, e ainda o que tudo isso representa na vida deles.

Foram perguntas de difíceis respostas, alguns não souberam responder e algumas respostas foram envoltas de um silêncio sem fim e pausas nas quais percebia o quanto aquelas perguntas fizeram estas pessoas refletirem sobre suas vidas.

A entrevista de Rosa foi muita rápida, ela tinha pressa e inquietação em responder no entanto ao falar sobre o que o crack representa na vida dela e a associação em parte a perda do filho, uma expressão de tristeza e dor foi sentida no seu semblante.

O que te motiva a usar o crack? Já usei maconha, já usei cocaína e agora a onda é o crack. Tu nota diferença em ti enquanto pessoa antes de tu usar o crack e agora? Mudou tudo né! Em que sentido? No sentido de que está tudo vazio agora (questionei mas não tive sucesso, somente insistiu que era tudo vazio...seria vida, sentimentos, dinheiro?). O que a droga representa na tua vida? Sei lá, acho que distração, algo para desvirtuar um pouco, perdi meu filho, único filho que eu tinha há 2 anos, estava preso adoeceu e morreu, eu já usava crack antes mas depois disso aumentei mais o consumo (ROSA, 46 ANOS).

O sentimento de Rosa ao perder um filho, a dor do vazio, do luto e a dificuldade de lidar com isso, além de viver em um meio carente e humilde sem perspectiva de melhora, faz com que ela encontre no crack uma forma de distração e aceitação da sua condição de vida.

Já Fola, encontrou dificuldades em responder todas as questões mas a resposta referente ao que o crack representa na sua vida demonstra sua vontade de que as coisas fossem diferentes mas não sente-se forte o suficiente para mudar de condição.

O que te motivava a usar crack? Usava porque eu gostava. O que o crack representava na tua vida? Só ilusão porque depois que acabava eu estava na mesma coisa que eu estava antes entendeu? Tinha a ilusão de que quando eu fumasse tudo mudaria na minha vida, me sentiria feliz, melhor, com tudo que eu quero, mas quando passa a "brisa" não é nada disso que acontece, é só vontade de fumar mais e segue tudo igual, cada vez pior, por isso que é ilusão (FOLA, 19 ANOS).

Fola refere vontade de mudança de sua vida através da “brisa” que o crack proporciona, gostaria que sua realidade mudasse conforme sua vontade e imaginação, diante da dificuldade em mudar sua realidade, tentou buscar no crack uma forma de mudança e como referiu, não passou de uma ilusão.

Como tu era antes de começar usar crack e como tu és hoje? O meu carácter não mudou em nada porque não me deixei levar pela droga mas a capacidade que eu tinha, a pessoa se sente menos capaz do que antes de ter usado, tu se sente menos do que os outros, do que uma pessoa normal que não fuma, existem casos, no meu já não acontece porque graças a deus eu não me deixei dominar, mas existem casos que no mundo do crack a pessoa rouba, a pessoa troca amizade, a pessoa já não fica bem quista com os mesmos olhos que era antes, as pessoas se esquivam, não vou abrir a porta porque vai me roubar, não vou cumprimentar na rua porque usa droga, tem uns que se atiram, andam sujos, fedendo, não querem mais tomar banho (...) eu saio, vou a festa, me cuido, tem uns que vivem só em torno da pedra, não comem, eu como, gosto de comer, não consigo me drogar sem comer, alguns param de comer, se esquecem, gosto de andar limpa com shampoo no cabelo e sabonete, eu gosto de tomar meu banho antes de trabalhar, não deixei de ser mulher, mas alguns viram bicho, viram escravos da droga. O que o crack representa na tua vida? Uma coisa que não era pra ter existido no mundo (...) já tentei parar e não consegui e também aconteceram várias coisas na minha vida e eu também não me interessei mais em tentar parar, sou uma pessoa que sou ruim para mim mesma, chego a ficar dentro de casa de boa sem fumar 2 ou 3 dias e não sinto falta, nada, só tomando minha cerveja, minha cachacinha, fumo quando quero e quantos eu quero, se quiser fumar só um eu consigo (...) eu defendo muito é que neste mundo do crack são poucos que pensam assim, muito poucos, eu preservo a minha integridade perante as outras pessoas, o meu carácter, tenho sempre isso na mente, não me deixar levar pela droga, a minha integridade sempre em primeiro lugar, o meu carácter com as pessoas sempre em primeiro lugar, nunca mudei isso ai e o que me deixa feliz da vida é que todos me consideram a mesma coisa, não tem vergonha de falar comigo, chegam a me encontrar na rua e me chamar, cumprimentar, como está, faz tempo que não te vejo na rua, não me sinto uma pessoa desconsiderada pela população por que eu uso uma droga, mas isso vai da cabeça da pessoa, como tu vai manipular a droga no teu corpo principalmente na tua mente (...) nunca roubei e nunca fiz mal a ninguém (...) e finalizando, gosto de usar crack sozinha para refletir sobre minha vida e tudo de difícil que eu vivo (FABIANA, 36 ANOS).

Na fala de Fabiana, fica evidente a preocupação que ela tem de sua imagem perante a sociedade. O preconceito que atinge as pessoas usuárias de crack é algo muito forte e impactante para as pessoas usuárias que se preocupam em provar para os outros que não são delinquentes ou de má fé e que possuem sua dignidade preservada apesar do uso de drogas. Almeida (2010) discorre em seu estudo sobre usuários de crack que viver no mundo da pedra é viver preconceitos, humilhações e discriminações. Os usuários de fato são tratados de forma diferenciada, sendo a exclusão, marginalidade e a gozação inevitáveis para a maioria das pessoas, o que

acaba gerando dor e sofrimento para essa população.

A aproximação com estas pessoas permite-nos enxergar o peso que isso acarreta em suas vidas. São pessoas que levam consigo a preocupação de explicar e provar para os outros que, apesar de serem usuários de drogas, não são criminosos (FERREIRA, 2013).

O que te motivou a usar o crack? Muitas pessoas me fazem esta pergunta e eu não sei explicar, muitos dizem que começam a usar por perda do pai, parente, avô, mulher, mas eu não sei explicar, porque nada disso aconteceu comigo. Foi quando eu estava com meus amigos e deu aquela coisa de que vamos usar, colocamos na cabeça e foi isso, quis mostrar pra eles que sou foda, vou mostrar isso e pronto, a gente faz o que quer e deu no que deu e fiquei um ano inteiro fumando o crack com a maconha (o pitico) e agora com 18 anos que comecei a fumar meu cachimbo e dai fiquei atirado, jogado, correndo atrás de droga, chegava em casa fazendo uma correria, buscava dinheiro, inventava uma mentira daqui, dali, não conseguia, ia lá e vendia uma coisa minha, não dormia, não comia, pegava coisas dentro de casa pra vender na rua, um ano passei jogado assim. Agora nestes últimos 4-5 meses que eu parei e me levantei um pouco, coloquei minha cabeça no lugar e estou tentando fazer de tudo para conseguir, não vou te mentir, nestes 5 meses tive umas 2 ou 3 recaídas. Como tu era antes e depois do uso do crack? Tem muita diferença, questão de personalidade, eu andava todo sujo e não me importava com aquilo, andava feio e não me importava com minha imagem com o que os outros olhavam e pensavam, hoje eu vejo como era horrível aquilo, o que eu estava fazendo não era da minha personalidade, a diferença é que depois de um tempo comecei a me importar mais comigo, com o que os outros me diziam. Que momento tu começou a te dar conta disso e se incomodar com os outros? Quando todo mundo falava, olha lá ele, como ele era e o jeito que ele está, bah olha só quem diria! O guri que era todo certinho...e eu comecei a reparar, porque eu mudei dentro de mim a minha personalidade, o meu jeito, comecei a me importar mais comigo. Fiquei muito seco, sugado, com as bochechas pra dentro, sempre fui gordinho, comecei a me importar mais comigo e foi esse o momento que eu percebi que estava ruim a coisa, agora até arranjei uma namorada, ela não é usuária e sabe de tudo que eu passei. O que a droga representa na tua vida? Perda, perda de tudo. Perdi tudo. Tinha uma época que eu estava na nóia mesmo, que eu não parava de pensar nisso, tem que dar pega, roubava de dentro de casa ou chorava pedindo dinheiro pra minha mãe (minha mãe nunca me deu dinheiro de livre consciência pra isso, mentia pedindo para outras coisas), ganhava 20 pila e comprava 10 de crack e 10 de maconha. E assim fui perdendo todas minhas coisas materiais, meus amigos de antes de usar o crack e a confiança da minha família, mas ainda bem que eles nunca me abandonaram (FILIPE, 19 ANOS).

A entrevista de Filipe mostra também a preocupação dele perante as demais pessoas que não são usuárias de crack e isso foi o disparador para que ele conseguisse ter vontade de parar de usar crack e recuperar sua imagem.

Um estudo etnográfico em São Paulo mostrou a faixa etária juvenil de consumo, que na época representava os jovens menores de vinte anos de idade e

pertencentes às mais diversas classes sociais e revelou o crack como uma droga antissocial, que leva à degradação física e ao isolamento do usuário, não mais preocupado com o corpo, com a higiene pessoal e com os relacionamentos afetivos (LIRA e ESCOBAR, 2011).

Quanto aos furtos de Filipe, Souza (2016) discorre que o crack é a droga do capitalismo selvagem. Em torno da pedra estabelece-se um mercado paralelo, no qual objetos-símbolo – celular, roupa de marca, tênis etc. – viram fumaça, trocados por um preço correspondente ao valor social de quem os vende. Filipe referiu fazer pequenos furtos em casa e ainda em supermercados, nunca abordou uma pessoa para roubo e referiu estes atos como sendo também uma mudança na sua personalidade em função do crack.

O que te motiva a usar crack? Não tem motivação, acho que tudo é um estado psicológico, como tu está, como está se sentindo, não sei te explicar sobre isso ai, tanto que eu não tenho essa preocupação de fumar, nunca peguei nada de ninguém, trabalho e gasto nisso ai infelizmente. Como te sentes enquanto pessoa antes do crack e depois? Como pessoa me sinto a mesma mas visivelmente para as pessoas que me conheciam antes não é a mesma coisa, tu perde teu respeito, o crack não tira só o teu dinheiro, os teus bens, ele tira tua imagem com as pessoas que não usam, quem te conheceu vivendo, trabalhando, tendo uma vida normal, uma boa situação financeira, porque tu sabendo trabalhar tu consegue ter as coisas, eu tinha moto, tinha carro, tinha tudo, por conta do meu serviço e tu vai perdendo aos poucos sabe, tua imagem não fica a mesma coisa, a confiança não fica a mesma coisa por mais que tu não tenha prejudicado ninguém, a tua família está sofrendo, está deixando de dormir, de comer, porque não sabe aonde tu está, se está bem ou não (...) na verdade o que decide/estraga o dia de qualquer usuário é o pega que ele da naquele dia, porque se tu levantar e fazer tua função, trabalhar, enquanto tu não usou tu não fica em torno dela. O crack te rodeia assim que tu da a primeira fumada, a primeira pedra que tu usa no dia, daí tu começa a rodear só na volta dela, o dinheiro vai nela, se tu não usou naquele dia tu consegue trabalhar o dia todo. Agora mesmo antes do almoço eu estava lavando peça de motor de caminhão, já levantei trabalhando e vou seguir na função sem usar o dia todo. O que o crack representa pra tí? Me pergunto todos os dias porque fui cair nessa! E até hoje não tenho esta resposta. Recai depois de seis anos por descuido mesmo, tinha que evitar várias coisas, pessoas e situações, horários, há vários horários impróprios para pessoa que está saindo disso ai, lugares que também não dá, tem que evitar a tentação. O que te atrai aqui no Beco? Não é atração em si é simplesmente ter um lugar que tu se sente livre, ninguém te recrimina, se tu sai daqui e sentar na esquina da outra rua e usar droga vai ser um mundo de gente te olhando, fica estranho né. Aqui dentro sou eu o usuário, lá fora sou o trabalhador (DANI, 35 ANOS).

Dani é um homem que conseguiu ficar em abstinência por seis anos e acabou recaindo e não mais negando a vontade que tem de fumar crack. É uma pessoa que assim como a Fabiana sofre e se importa com a imagem que tem perante a

sociedade. Mostra-se preocupado e enfático em provar que não é criminoso, que é trabalhador e sustenta o próprio vício.

Características comuns permeiam estes usuários que tive o prazer de conhecer, de ouvir suas histórias e dividir momentos de tristeza e anseios ao refletir sobre a própria vida. Nenhum soube afirmar o motivo por entrar no universo do crack mas sabem afirmar que se pudessem voltar no tempo fariam tudo diferente, pois o crack apesar de ser uma droga que todos usam por livre escolha carrega um valor alto de perdas e anseios.

7. Considerações finais

A realização deste estudo possibilitou mostrar a realidade de pessoas usuárias de crack que vivem modos particulares no meio ao qual estão inseridas. Em nenhum momento buscou-se generalizar as histórias narradas, e sim valorizar a singularidade de cada pessoa mostrando as diferentes relações e sanções sociais constituídas ao longo de suas vivências dentro da cultura do uso de crack. Dessa forma, a concretização desta etnografia respondeu ao seu objetivo principal, o de compreender a organização da vida de pessoas usuárias de crack na perspectiva das relações e sanções sociais por elas vividas ou experienciadas.

Minha inserção em campo observando o território e a aproximação mais intensa de algumas pessoas possibilitou conhecer parte do cotidiano dos usuários de crack e perceber que nesta rotina de vida estão sujeitos constantemente a fortes sanções e relações nas quais também se beneficiam.

Este tempo de convivência, que teve início em 2012, com diferentes pessoas, diferentes personalidades e diferentes histórias mostrou que os usuários de crack não são pessoas fracas ou frágeis, pelo contrário, são pessoas que vivem constantes riscos (de saúde e social), exposições (a doenças e a violência), julgamentos da população em geral e rejeição por assumirem uma forma de vida tão condenada e destoante daquilo que é aceito dentro da nossa sociedade. Vivem a todo momento o olhar de reprovação por fazerem algo que não é “correto” e mesmo diante de todas estas dificuldades e riscos, reencontrei muitos deles, após quatro anos, firmes e seguindo suas vidas dentro de suas perspectivas, e dos novos que conheci, vencendo uma batalha por dia para manterem-se erguidos. Todos fazendo uso do crack, “a droga que mata em seis meses”, por no mínimo dois anos.

A pobreza dos locais aonde vivem estas pessoas foi algo que se destacou nesta etnografia, para acompanhar os usuários que me dispus, inevitavelmente

frequentei os bairros em que eles residem. Além disso, frequentei um bairro (Beco) por todo tempo do estudo na tentativa de acompanhar uma usuária específica mas que não tive sucesso e devido a riqueza de dados do bairro em si, por também se caracterizar por uma cena de uso, acabei aprofundando minha observação no território e não focando apenas em usuários específicos.

Muitas das pessoas observadas, vivem em situação de miséria, sem renda alguma e dependendo da boa vontade das pessoas ao redor. Já é fato histórico a relação de pobreza que permeia o uso do crack, pois como discutido neste trabalho, o consumo de drogas, além da violência e prostituição são situações de vulnerabilidade ligados a pobreza. Além da pobreza em si, condição carregada de preconceito que acentua-se quando se trata de pessoas usuárias de crack, a exclusão social gerada por toda esta problemática parece agravar as consequências do uso do crack, como também o pânico social criado em torno da droga. Estas pessoas são alvo de olhares incomodados da população que além de serem “drogados” são pobres. Os usuários sofrem consequências por serem taxados como pessoas indesejáveis e improdutivas, o que pode refletir negativamente em suas oportunidades de cidadão e de vida em sociedade, contribuindo com o aumento da pobreza. No entanto, a necessidade vivenciada por estas pessoas pode ser vista à luz de Mauss, como relações de troca e solidariedade, pois os usuários em condições precárias de abrigo, moradia e alimentação, ajudam-se uns aos outros na tentativa de conforto e bem-estar, sobressaindo a relação capitalista e individualista, na busca de um bem comum.

Outro fato marcante e de suma importância nesta etnografia, foi a presença constante de adolescentes e crianças em cenas de uso e em meio a comercialização de drogas. Destaco que a presença de crianças se deu em meio ao ambiente de uso do crack (no Beco que é caracterizado uma cena de uso) e em meio a vendas de drogas na Vila dos Catadores, nunca foi presenciado crianças consumindo crack. Já os adolescentes, com destaque para as meninas, foram sujeitos presentes em todas as minhas visitas no Beco, estavam sempre usando crack e outras drogas e prostituindo-se como forma de renda e obtenção de pedra. Este é um problema urgente que envolve todas as esferas de atenção a criança e ao adolescente. Este dado foi algo que me inquietou constantemente e me pergunto a todo momento o que está sendo feito das nossas crianças e adolescentes? Que oportunidades estão tendo estas crianças de seguirem caminhos diferentes daquele

que o meio no qual estão inseridos oferece? Que assistência social ou de saúde estão recebendo? Um problema com urgência de solução, é indispensável mover ações de sensibilização que promovam programas de prevenção dos mais variados tipos de risco aos quais estas adolescentes estão sujeitas. Acesso a educação e uma escola presente no território, programas sociais que atendam esta população, política efetiva de prevenção as drogas são caminhos que se bem empregados poderiam atingir estas meninas e amenizar a problemática que vivenciam.

A violência foi algo que apareceu e me surpreendeu nesta etapa da pesquisa, pois antes da realização desta tese, fiquei imersa em campo junto aos usuários de crack, a noite e por um período de oito meses e nesta experiência nunca me senti ameaçada ou amedrontada. No entanto, nestes cinco meses de experiência vivi situações tensa e de perigo além dos relatos dos usuários sobre a violência a qual estão sujeitos. A polícia apareceu como órgão repressor e violento, o tráfico, como uma entidade ríspida e dura com aqueles que rompem com suas regras e a presença de armas entre jovens algo que assusta pelo risco e condições aos quais estamos sujeitos.

Mas não é só de coisas duras e realidades pesadas que os usuários de crack vivem. Eles mostram-se solidários e recebem solidariedade e ajuda de outras pessoas. A família aparece como órgão essencial no acolhimento e recuperação do usuário, fortalecendo o laço social existente entre seus membros.

As relações de troca, o dar, receber e retribuir também se faz presente nas relações, no entanto, a relação de troca e solidariedade se dá prioritariamente entre iguais (os usuários), já na relação que envolve venda e comercialização de droga e o usuário, a solidariedade deixa de existir e a relação que sobressai é a capitalista.

A maioria dos entrevistados afirmaram acreditar em “amizade” e “solidariedade” somente quando envolve o crack, pelo objetivo da obtenção da pedra, desta forma, a teoria do dom permeia as relações no presente sem a certeza de que um vínculo ou laço social irá persistir para além daquele momento. No entanto, cenas de solidariedade foram visualizadas durante a observação além de alguns relatos dos participantes o que caracteriza naturalmente o laço social, união e amizade dentro das relações.

As dificuldades encontradas ao longo desta etnografia foram bastante pontuais mas que foram vencidas. O primeiro obstáculo se deu pela dificuldade de acompanhar por longo período de tempo os usuários, pois são pessoas dinâmicas

que circulam muito pelos territórios, chegando a passar meses sem reencontrar mesmo com residência fixa. Vencido esta dificuldade e optando por acompanhar menos pessoas e observar as pessoas no território, quando me apresentava e solicitava sua participação formal no estudo com entrevista, recebi várias negativas por medo de exposição ou por não entenderem seu sigilo na pesquisa. Mesmo diante de todas estas dificuldades, persisti e consegui com que seis pessoas aceitassem participar do estudo, quando a ideia inicial era ter no mínimo dez.

Mesmo diante destas dificuldades, acredito que a maior facilidade deste trabalho seja a minha disposição em realizá-lo e me aproximar das pessoas, estar em campo junto a esta população é algo que me proporciona prazer, além de todo sofrimento que carrego muitas vezes, pois além de sentir que estou “sendo útil à alguém”, é uma realidade tão destoante da minha, algo tão distante de mim que me faz repensar a cada dia quem sou eu enquanto pessoa e profissional de saúde, me desconstruo e reconstruo a cada instante que estou em campo ou ouvindo histórias que não parecem reais, sinto que a cada etapa da minha trajetória acadêmica na qual trabalho com esta temática me refaço como ser humano e como enfermeira, respeitando cada vez mais a singularidade de cada indivíduo com que cruzo na minha vida.

Perante todos estes achados e histórias boas ou ruins, de ajuda, solidariedade e também interesses, respeitar o ser humano e tentar compreender diferentes formas de vida talvez seja um dos grandes desafios a se vencer na luta contra o preconceito e estigma criados acerca dos usuários de drogas.

Constata-se assim, que a atenção ao usuário de drogas consiste em um desafio, principalmente pela abrangência do problema e não só focado no malefício da substância em si. É necessário diferentes olhares e ações tendo como centro a pessoa usuária de crack de modo individual e também coletivo, considerando os determinantes sociais que a envolve e com isso traçar ações inter e multidisciplinares. Para tal, é necessário considerar questões práticas e claras que envolvem a cultura do crack e que se fizeram presentes nesta etnografia como o tráfico, a prostituição e a polícia. Só será possível atingir esta população quando se pensar e elaborar políticas que envolvam estas questões supracitadas e priorizar a educação oferecida aos jovens e crianças que fazem parte deste contexto.

É necessário pensar na atuação e importância do trabalho de redução de danos, da ampliação da rede de cuidado a saúde mental e álcool e drogas no

município, mas não apenas pela lógica da saúde e sim pela lógica da intersectorialidade (outras secretarias do município, organizações não governamentais, escolas, igrejas, universidades, segurança pública, usuários), para primeiro oferecermos a oportunidade de fortalecer o mínimo de assistência e dignidade que estas pessoas precisam, isso é dar, receber e retribuir, onde todos possam se beneficiar de tudo, crescer e se desenvolver com isso, pois apenas a saúde e o social não tem condições de dar conta destas relações não tão boas e positivas apontadas neste estudo.

Acredito que uma das contribuições deste estudo foi apresentar uma realidade de total desconhecimento para muitas pessoas, principalmente no que tange a pessoas e profissionais da área da saúde. É preciso conhecer, reconhecer, explorar, descobrir significados e culturas desta população, considerar o meio em que vivem e suas condições de vida e saúde, para então pensar, planejar e agir de forma concisa e efetiva junto a pessoas usuárias de crack e suas reais necessidades. Além disto, esta tese apresentou algo de extrema importância para se pensar na assistência ao usuário de crack, que o crack enquanto droga não é o único responsável por desestruturar a vida da pessoa, como corriqueiramente ele é culpado. Esta pessoa usuária de crack já vem de uma vida desestruturada pela dificuldade de acesso a educação, saúde, cultura, lazer, pessoa privada de coisas essenciais para o desenvolvimento humano e que muitas vezes vê no crack uma forma de encarar suas privações e tentar amenizar as durezas da vida que leva.

E por fim, esta etnografia apresentou vidas e pessoas de uma pequena, muito pequena parte de usuários de crack, fazendo-se necessário valorizar ainda mais estudos de contexto social e cultural dos cenários de uso de forma integrada a dados epidemiológicos e estatísticos, na intenção de compreender o fenômeno do uso de drogas. Para a partir desta compreensão, que seja possível chegar a real necessidade das pessoas e atingí-las de forma eficaz e de qualidade, podendo de fato contribuir com a melhoria da qualidade de vida destes usuários.

Referências

ABRAMOVAY, P. Branco é usuário, negro é traficante. **Piseagrama**, Belo Horizonte, n. 11, p. 46-51, 2017.

ADORNO, R.C.F. **Crianças e Jovens em Trânsito para a Rua: Um Problema de Saúde Pública**. Relatório de pesquisa FAPESP/Faculdade de Saúde Pública – USP, São Paulo, 1996.

AL ALAM, M.C.L.; GOULART, G.L.; CRUZ, V.D.; SILVA, P.M.; CAMPOS, R.Z.; OLIVEIRA, M.M. Relato de experiência do Programa de Redução de Danos de Pelotas/RS. **Journal of Nursing and Health**, n.2, p. 258-264, 2012.

ALMEIDA, R.F.B. O caminho das pedras: conhecendo melhor os usuários de crack do município de Recife-PE. 2010. 152 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia clínica) – Faculdade de Psicologia, Universidade Católica de Pernambuco, Recife, 2010.

ALVES, Y.D.D. **Jamais fomos zumbis: contexto social e craqueiros na cidade de São Paulo**. 2015. 361f. Tese (Doutorado em Antropologia) - Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2015.

ALVES, H.N.P.; RIBEIRO, M.; CASTRO, D.S. Cocaína e crack. In: DIEHL, A.; CORDEIRO, D.C.; LARANJEIRA, R. (Org.). **Dependência química: prevenção, tratamento e políticas públicas**. Porto Alegre: Artmed, 2011. p.170-79.

BETIOLI, A.B. **Introdução ao Direito**. São Paulo: Saraiva, 2011, lição VI.

BOES, G.M. **'Crack, nem pensar': um esboço sobre mídia e política criminal**. 2011. Dissertação (Mestrado). PUC, Porto Alegre, Rio Grande do Sul. 2011.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Portaria nº 344 de 12 de maio de 1998**. Brasília, 1998.

BRASIL. Medida Provisória nº 1689-6, de 25 de novembro de 1998. Altera a Lei no 9.649, de 27 de maio de 1998, que dispõe sobre a organização da Presidência da República e dos Ministérios, e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 1998.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Lei nº 10.216, de 06 de abril de 2001**. Dispõe sobre a proteção e os direitos das pessoas portadoras de transtornos mentais e redireciona o modelo assistencial em saúde mental. Brasília, 2001.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria Executiva. Coordenação Nacional de DST/AIDS. **A Política do Ministério da Saúde para Atenção Integral a Usuários de Álcool e outras Drogas**. Brasília, 2003.

BRASIL. Secretaria Nacional Antidrogas. Boletim Informativo OBID, v.4, n.5, 2005.

BRASIL. Ministério da saúde. **Portaria nº 3.088, de 23 de dezembro de 2011**. Brasília, 2011.

BRASIL. Ministério da Saúde. Sistema Nacional de Políticas Públicas sobre Drogas- SISNAD: **Lei nº 11.343, de 23 de agosto de 2006 e legislação correlata**. 2.ed. Brasília, 2012a.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Resolução nº 466 de 12 de dezembro de 2012**: Trata de pesquisas em seres humanos e atualiza a resolução 196. Brasília: Conselho Nacional de Saúde; 2012b. Disponível em: <<http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/Reso466.pdf> > Acesso em: 07 out 2014.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas**. 2013. Perfil dos usuários de crack e/ou similares no Brasil. Brasília, 2013.

BRASIL. Ministério da Justiça. **Resolução nº 1, de 9 de março de 2018**: define as diretrizes para o realinhamento e fortalecimento da PNAD – Política Nacional sobre Drogas, aprovada pelo Decreto 4.345 de 26 de agosto de 2002. Edição 49, seção 1, pág, 79. Brasília, 2018.

BURGIERMAN, D.R. Crack: tudo que sabíamos sobre ele estava errado. **Super Interessante**, São Paulo, 2017. Disponível em: <<https://super.abril.com.br/comportamento/crack-tudo-o-que-sabiamos-sobre-ele-estava-errado/>>. Acesso em: 16 mai. 2018.

CAILLÉ, A. **Antropologia do dom: o terceiro paradigma**. Petrópolis: Vozes, 2002. 325p.

CAILLÉ, A.; GRAEBER, D. In: MARTINS, P.H. (Org.). **A dádiva entre os modernos**: discussão sobre os fundamentos e as regras do social. Petrópolis: Vozes, 2002. p.17-31.

CARLINI, E.A.; NAPPO, S.A.; GALDURÓZ, J.C.F.; NOTO, A.R. Drogas psicotrópicas: o que são e como agem. **Revista IMESC**, n.3, p. 9-35, 2001.

CEBRID. Centro Brasileiro de Informação sobre Drogas Psicotrópicas. **II Levantamento domiciliar sobre o uso de drogas psicotrópicas no Brasil: estudo envolvendo as 108 maiores cidades do país: 2005**. São Paulo, 2007.

CHAVES, T.C.; SANCHES, Z.M.; RIBEIRO, L.A.; NAPPO, S.A. Fissura por crack: comportamento e estratégias de controle de usuários e ex-usuários. **Revista de Saúde Pública**, v.45, n.6, p.1168-1175, 2011.

CRUZ, V.D. **Vivências de mulheres que consomem crack em Pelotas-RS**. 2012. 112 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Saúde) – Faculdade de Enfermagem, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2012.

CRUZ, V.D.; CAMPOS, R.Z.; SILVA, P.M. et al. Rede de apoio social dos usuários de crack em Pelotas. **Journal of Nursing and Health**, v. 2, p. 127-40, 2012.

DENZIN, N.K. **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. 2ed. Porto Alegre: Artmed, 2006. 432p.

DIAS, A. C.; ARAÚJO, M. R.; LARANJEIRA, R. Evolução do consumo de crack em coorte com histórico de tratamento. **Rev Saúde Pública**, v. 45, n. 5, p. 938-48, 2011.

DÍAZ, N. B.; GARCÍA-AURRECOECHEA, R. Factores psicosociales de riesgo de consumo de drogas ilícitas en una muestra de estudiantes mexicanos de educación media. **Rev Panam Salud Pública**, v. 24, n. 4, p. 223-32, 2008.

Di Primio, A.O., et al. Rede social e vínculos apoiadores das famílias de crianças com câncer. **Texto & contexto enferm.**, v. 19, n. 2, p. 334-42, 2010.

DRAUS, P.J.; CARLSON, R.G. Change in the scenery: an ethnographic exploration of crack cocaine use in rural Ohio. **Journal of Ethnicity in Substance Abuse**, v.6, n.1, p. 81-107, 2007.

DUALIBI, L. B.; RIBEIRO, M.; LARANJEIRA, R. Profile of cocaine and crack users in Brazil. **Cad Saúde Pública**, v. 24, n. 4, p. 545-57, 2008.

FERNANDES, L.; PINTO, M. El espacio urbano como dispositivo de control social: territorios psicotrópicos y políticas de la ciudad. **Uso de drogas y Drogodependências**, Barcelona, p. 147-162, 2006.

FERREIRA, P.E.M.; MARTINI, R.K. Cocaína: lendas, histórias e abuso. **Revista Brasileira de Psiquiatria**, v.23, n.2, p.96-99, 2001.

FERREIRA, A.B.H. **Dicionário da língua portuguesa**. 5.ed. Curitiba: Positivo, 2010. 2222 p.

FERREIRA, R. Z. **O sentido antropológico de dons e dádivas entre grupos de usuários de crack e outras drogas**. 2013. 102f. Dissertação (Mestrado em Ciências) - Programa de Pós Graduação da Faculdade de Enfermagem, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2013.

FIOCRUZ. **Determinantes Sociais**. Disponível em: <<https://pensesus.fiocruz.br/determinantes-sociais>>. Acesso em: 20 mai. 2018. s/d.

FONSECA, C. Quando cada caso NÃO é um caso: pesquisa etnográfica e educação. **Revista Brasileira de Educação**, v.10, p. 58-78, 1999.

GALEA, S.; VLAHOV, D. Social Determinants and the Health of Drug Users: Socioeconomic Status, Homelessness, and Incarceration. **Public Health Reports**, v. 117, p. 135-45, 2002.

GARCIA, M.L.T.; LEAL, F.X.; ABREU, C.C. "A política antidrogas brasileira: velhos dilemas". **Psicologia & Sociedade**, v.20, n.2, p.267-276, 2008.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008. 323p.

GODBOUT, J.T. Introdução à dádiva. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v.13, n.38, 1998.

HART, C. **Um preço muito alto**. Rio de Janeiro: Zahar, 2014. 347 p.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **IBGE Cidades, Censo 2015 – Pelotas**. Disponível em <<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?codmun=431440>> Acesso 07 jul 2016.

JORGE, M.S.B.; QUINDERÉ, P.H.D.; YASUI, S.; ALBUQUERQUE, R. A. Ritual de consumo do crack: aspectos socioantropológicos e repercussões para a saúde dos usuários. **Ciência e Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v.18, n.10, p.2909-2918. 2013.

KOENIG, H.G. Religion, spirituality, and medicine: research findings and implications for clinical practice. **SMJ**, v. 97, n. 12, p. 1194-200, 2003.

LABATE, B.C.; et al (orgs.). **Drogas e Cultura: novas perspectivas**. Salvador: EDUFBA, 2008. 440 p.

LABIGALINI, E.; RODRIGUES, L. R.; SILVEIRA, D. X. Therapeutic use of cannabis by crack addicts in Brazil. **J Psychoactive Drugs**, v. 31, n. 4, p. 451-5, 1999.

LANNA, M. Nota sobre Marcel Mauss e o ensaio sobre a dádiva. **Revista Sociologia Política**, n.14, p. 173-194, 2000.

LIRA, W.L.; ESCOBAR, J.A. “*Decifrando o Caminho das Pedras*”: possibilidades antropológicas e etnográficas para compreensão qualitativa dos usos e usuários de crack. **Estudos Universitários** [da] Universidade Federal de Pernambuco, v. 28, p. 133-174, 2011.

MAC RAE, E. **Centro de Estudos e Terapia do Abuso de Drogas (CETAD)** – Universidade Federal da Bahia (UFBA), Salvador, 2003.

MAGURA, S.; ROSENBLUM, A. Modulating of alcohol use on cocaine use. **Addict Behav**, v. 25, n. 1, p. 117-22, 2000.

MALHEIRO, L.S.B. “**Entre Sacizeiro, usuário e patrão**”: um estudo etnográfico sobre consumidores de crack no centro histórico de Salvador. 2008. 70f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal da Bahia, Salvador.

MALHEIRO, L.S.B.; MAC RAE, E. **Gênero e drogas: contribuições para uma atenção integral a saúde**. In: Trabalho de campo e a construção de políticas para usuários de drogas - a questão dos usos de crack na atualidade: um olhar sobre usuários e usuárias. Recife: Ed. Instituto PAPAI, 2011.

MALVASI, P.A. **Interfaces da vida loka: Um estudo sobre jovens, tráfico de drogas e violência em São Paulo**. 2012. 288 f. Tese (Doutorado em Saúde

Pública) – Faculdade de Saúde Pública, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

MARQUES, A.C.P.R.; CRUZ, M.S. O adolescente e o uso de drogas. **Revista Brasileira de Psiquiatria**, v.22, n. supl 2, p.32-36, 2000.

MARQUES, A.K.M.C.; et al. Apoio social na experiência do familiar cuidador. **Ciênc saúde coletiva**, n. 16, p. 945-55, 2011.

MARTINS, P.H. A sociologia de Marcel Mauss: dádiva, simbolismo e associação. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, n. 73, p. 45-66, 2005.

MAUSS, M. **Sociologia e antropologia**. São Paulo: Cosac Naify, 2003. 536p.

MELOTTO, P. **Trajetórias e usos de crack: estudo antropológico sobre trajetórias de usuários de crack no contexto de bairros populares de São Leopoldo-RS**. 2009. 94 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

MINAYO, M.C.S. (org.) **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 29. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

NAPPO, S.A.; GALDURÓZ, J.C.F.; MATTEI, A.R. Crack use in São Paulo. **Substance Use and Misuse**, v.31, n.5, p.565-579, 1996.

NAPPO, S.A.; GALDURÓZ, J.C., RAYMUNDO, M.; CARLINI, E.A. Changes in cocaine use as viewed by key informants: a qualitative study carried out in 1994 and 1999 in São Paulo, Brazil. **Journal Psychoactive Drugs**, v.33, n.3, p.241-253, 1999.

NEVES, T. A etnografia no estudo do desvio. In: V Congresso Português de Sociologia - Sociedades Contemporâneas - Reflexividade e Acção, 2006. p.96- 101.

NONTICURI, A.R. **As vivências de adolescentes e jovens com o crack e suas relações com as políticas sociais protetoras neste contexto**. 2010. 144 f. Dissertação, (Mestrado em Políticas Sociais), Universidade Católica de Pelotas, Pelotas, 2010.

OLIVEIRA, M.M. (org.). Perfil dos usuários de crack e padrões de uso: relatório final. Relatório enviado ao CNPQ. Pelotas, 2014.

OLIVEIRA L.G.; NAPPO A.S. Crack na cidade de São Paulo: acessibilidade, estratégias de mercado e formas de uso. **Revista de psiquiatria clínica**, v.35, n.6, p.212-218, 2008a.

OLIVEIRA, L.G.; NAPPO, A.S. Caracterização da cultura de crack na cidade de São Paulo: padrão de uso controlado. **Revista de Saúde Pública**, v.42, n.4, p.664-671, 2008b.

PAULA, M.L.; SANTOS, D.C.M.; TRAD, L.A.B.; BEZERRA, I.C.; PENHA, J.C.; JORGE, M.S.B. **O olhar dos familiares aos usuários de crack: sentidos, significados e experiências**. In: Olhares plurais sobre o fenômeno do crack. Fortaleza: EdUECE, 2013.

PERRENOUD, L.O.; RIBEIRO, M. Histórico do Consumo de Crack no Brasil e no Mundo. In: RIBEIRO, M.; LARANJEIRA, R. (Org.). **O Tratamento do usuário de crack**. Porto Alegre: Artmed, 2012. p.33-38.

PELLEGRINI, M. Governo federal passa a tratar crack como problema social. **Carta Capital**, São Paulo, 2015. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/sociedade/governo-federal-abandona-a-repressao-e-passa-a-tratar-crack-como-problema-social-9507.html>>. Acesso em: 4 mai 2018.

PINHEIRO, R.; MATTOS, R. A. **O sentido da integralidade na atenção e no cuidado a saúde**. Rio de Janeiro, RJ: Editora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. 2001.

RAMOS, D. M.; NASCIMENTO, V. G. A família como instituição moderna. **Fractal: Revista de Psicologia**, v. 20, n. 2, p. 461-472, 2008.

RAUPP, L.M. **Circuitos de uso de crack nas cidades de São Paulo e Porto Alegre: cotidiano, práticas e cuidado**. 2011. 211f. Tese (Doutorado em Saúde Pública) -Faculdade de Saúde Pública, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

RAUPP, L.; ADORNO, R.C.F. Circuitos de uso de crack na região central da cidade de São Paulo (SP, Brasil). **Ciência e Saúde Coletiva**, v.16, n.5, p.2613-2622, 2011.

RIBEIRO, M.; et al. High mortality among young crack cocaine users in Brazil: a 5-

year follow-up study. **Addiction**, v. 99, p. 1133-5, 2004.

RIBEIRO, M.; et al. Causes of death among crack cocaine users. **Rev Bras Psiquiatr**, v. 28, n. 3, p. 196-202, 2006.

RIBEIRO, M.; DUALIBI, L.B.; PERRENOUD, L.O.; SOLA, V. Perfil do usuário e história natural do consumo. In: RIBEIRO, M.; LARANJEIRA, R. (Org.). **O Tratamento do usuário de crack**. Porto Alegre: Artmed, 2012. p.39-49.

RIBEIRO, A. M.; LARANJEIRA, R.; DUNN, J. Cocaína: bases biológicas da administração, abstinência e tratamento. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**, v.47, n.10, p.497-511, 1998.

RIBEIRO, L. A.; SANCHEZ, Z. M.; NAPPO, S. A. Estratégias desenvolvidas por usuários de *crack* para lidar com os riscos decorrentes do consumo da droga. **J Bras Psiquiatr.**, v. 59, n. 3, p. 210-218, 2010.

RIBEIRO, L.A.; NAPPO, S.A.; SANCHEZ, Z.V.D.M. Aspectos Socioculturais do Consumo de Crack. In: RIBEIRO, M.; LARANJEIRA, R. (Org.). **O tratamento do usuário de crack**. Porto Alegre: Artmed, 2012. p.50-56.

RUI, T.C.. **Corpos Abjetos: etnografia em cenários de uso e comércio de crack**. 2012. 335 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2012.

SCHENKER, M.; MINAYO, M. C. S. A implicação da família no uso abusivo de drogas: uma revisão crítica. **Cienc saude coletiva**, v. 8, n. 1, p. 299-306, 2003.

SELEGHIM, M.R.; MARANGONI, S.R.; MARCON S.S.; OLIVEIRA, M.L.F. Vínculo familiar de usuários de crack atendidos em uma unidade de emergência psiquiátrica. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 19, n. 5, out. 2011.

SELEGUIM, M.R.; OLIVEIRA, M.L.F. Influência do ambiente familiar no consumo de crack em usuários. **Acta Paul Enfermagem**, v. 26, n.3, p. 263-8, 2013.

SILVA, S.L. **Mulheres da luz: uma etnografia dos usos e preservação no uso do crack**. 2000. 115 f. Dissertação (Mestrado em Saúde Pública) – Faculdade de Saúde Pública, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

SILVA, V.G. **O antropólogo e sua magia**. São Paulo: EDUSP, 2006.194p.

SILVA, M.N.R.M.O. Redes sociais Significativas na saúde mental: (des)cobrimdo relações no sofrimento psíquico grave e (redes)cobrimdo elos de encontro. 2010. 167 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica e Cultura) – Departamento de Psicologia Clínica, Universidade de Brasília, Brasília, 2010.

SINIAK, D.S. **Rede de apoio social de familiares de usuários de crack**. 2014. 119 f. Dissertação, (Mestrado em Enfermagem) Escola de Enfermagem, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.

SINIAK, D. S.; PINHO, L. B. Caracterização do apoio emocional recebido por familiares de usuários de crack. **Revista de Enfermagem UFPE**, v. 9, n. 3, p. 7656-63, 2015.

SIQUEIRA, D.F.; de et al. Repercussões do uso de crack no cotidiano familiar. **Rev Cogitare Enfermagem**, v. 17, n. 2, p. 248-54, 2012.

SIQUEIRA, D.F.; BACKES, D.S.; MORESCHI, C.; TERRA, M.G.; SOCCOL, K.L.S.; SOUTO, V.T. reinserção social do indivíduo dependente de crack: ações desenvolvidas pela família. **Texto e Contexto em Enfermagem**, Florianópolis, v.24, n.2, p.548-53, 2015.

SOUZA, J. (org). **Crack e exclusão social**. Brasília: Ministério da Justiça e Cidadania, 2016. 360 p.

TRAD, S.N.S.;TRAD, L.A.B.; ROMANI, O.**Atribuições das ciências sociais ao estudo sobre o uso de drogas e o diálogo com a produção nacional contemporânea**. In: Olhares plurais sobre o fenômeno do crack. Fortaleza:EdUECE, 2013.

TRIVINOS, A.N.S. **Introdução à pesquisa em Ciências Sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 2010.

VARANDA, V.; ADORNO, R. C. F. Descartáveis urbanos: discutindo a complexidade da população de rua e o desafio para políticas de saúde. **Saúde e Sociedade**, São Paulo, v. 13, n. 1, p. 56-69, 2004

VASCONCELOS, E.M. **Saúde mental e Serviço Social**. São Paulo, SP: Cortez, 2000.

VENTURA, C.A.A. Determinantes Sociais de Saúde e o uso de drogas psicoativas. **SMAD, Rev. Eletrônica Saúde Mental Álcool Drog. (Ed. port.)**, Ribeirão Preto, v. 10, n. 3, p. 110, 2014.

VICTORA, C.G.; KNAUTH, D.R.; HASSEN, M.N.A. **Pesquisa qualitativa em saúde: uma introdução ao tema**. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2000. 136p.

ZINBERG, N. **Drug, Set and Setting**. New Haven: Yale University Press, 1986 277p.

Apêndices

Apêndice A – Carta à coordenadoria da Secretaria Municipal de Saúde de Pelotas

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
FACULDADE DE ENFERMAGEM
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM**

Pesquisa: O contexto de vida de pessoas usuárias de crack: das relações às sanções sociais

Orientanda: Enf^a.Doutoranda Roberta Zaffalon Ferreira

Orientadora: Prof^a. Enf^a. Dr^a. Michele Mandagará de Oliveira

Ilm^a. Sr^a. _____

Pelotas, 2017

Prezada senhora,

Ao cumprimentá-la cordialmente, vimos por meio desta solicitar a sua apreciação do projeto intitulado “**O contexto de vida de pessoas usuárias de crack: das relações às sanções sociais**”, de autoria da Enf^a. Doutoranda Roberta Zaffalon Ferreira, sob orientação da Prof^a. Dr^a. Enf^a. Michele Mandagará de Oliveira.

Aguardamos o seu parecer e colocamo-nos à disposição para maiores esclarecimentos, caso seja necessário.

Atenciosamente

Roberta Zaffalon Ferreira

(53) 81441224

E-mail: betazaffa@gmail.com

Michele Mandagará de Oliveira

(53) 81193748

E-mail: mandagara@hotmail.com

Apêndice B – Carta de Encaminhamento do Projeto ao Comitê de Ética em Pesquisa

Pesquisa: O contexto de vida de pessoas usuárias de crack: das relações às sanções sociais

Orientanda: Enf^a.Doutoranda Roberta Zaffalon Ferreira

Orientadora: Prof^a. Enf^a. Dr^a. Michele Mandagará de Oliveira

Ao Comitê de Ética da Faculdade de Enfermagem

Pelotas, ____ de _____ de 2017

Prezados senhores,

Estamos encaminhando para sua apreciação o Projeto intitulado “**O contexto de vida de pessoas usuárias de crack: das relações às sanções sociais**”, de autoria da Enf^a. Roberta Zaffalon Ferreira, sob orientação da Prof^a. Enf^a. Dr^a. Michele Mandagará de Oliveira.

Aguardamos o seu parecer e colocamo-nos à disposição para esclarecimentos, caso necessário.

Atenciosamente,

Roberta Zaffalon Ferreira Michele Mandagará de Oliveira

(53) 81441224 (53) 81193748

E-mail: betazaffa@gmail.com

E-mail: mandagara@hotmail.com

Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL)
(53) 39211527

Apêndice C - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Pesquisa: “O contexto de vida de pessoas usuárias de crack: das relações às sanções sociais”

Orientanda: Enf^a. Mestre Doutoranda Roberta Zaffalon Ferreira

Tel: 53 8144-1224

Email: betazaffa@gmail.com

Orientadora: Prof^a Dr^a Enf^a Michele Mandagará de Oliveira

Tel.: (53) 81193748

E-mail: mandagara@hotmail.com

Prezado senhor, estamos desenvolvendo a presente pesquisa intitulada “**O contexto de vida de pessoas usuárias de crack: das relações às sanções sociais**” que objetiva compreender a organização da vida de pessoas usuárias de crack na perspectiva das relações e sanções sociais por elas vividas ou experienciadas, para obtenção do título de doutor em ciências da saúde.

Para tanto gostaríamos de convidá-lo a participar do estudo. A pesquisa será desenvolvida pela Enf.a Mestre Doutoranda Roberta Zaffalon Ferreira, sob orientação da Professora Dra Michele Mandagará de Oliveira, em períodos e locais acordados com os participantes da pesquisa.

Será realizado observação de alguns momentos de sua vida em dias e horários acordados entre pesquisador e participante (por um tempo mínimo de quatro meses), entrevista/diálogo e utilizado gravador.

Quanto aos riscos, a entrevista poderá acarretar desconfortos, no entanto as perguntas poderão ser ou não respondidas na totalidade, podendo haver desistência da participação em qualquer momento, sem prejuízo ao respondente

Aos participantes do estudo será entregue o termo de consentimento em duas vias para assinatura (uma ficará com o participante e outra com o pesquisador), e também será garantido o anonimato.

Informo que não acarretará ao participante nenhum custo na participação na pesquisa.

As informações obtidas serão armazenadas juntamente com a de outros participantes e os resultados colocados à disposição dos entrevistados e usados apenas para fins científicos.

Pelo presente consentimento informado, declaro que fui esclarecido, de forma clara e detalhada, livre de qualquer forma de constrangimento, dos objetivos, da justificativa, dos riscos e dos benefícios da presente pesquisa.

Fui igualmente informado:

- da garantia de receber resposta a qualquer pergunta ou esclarecimento referente à pesquisa;
- de que o estudo será publicado em âmbito acadêmico e que serão respeitados os preceitos éticos;
- da liberdade de retirar meu consentimento, a qualquer momento, deixar de participar do estudo, sem que isto me traga prejuízo algum;
- da segurança de que não serei identificado.

Eu, _____, aceito participar da pesquisa, emitindo meu parecer quando solicitado e permitindo o uso de gravador.

Pelotas, ____ de _____ de 2017.

Participante da pesquisa

Enf^a Roberta Zaffalon Ferreira

Apêndice D - Instrumento de Pesquisa

1 Perfil

Identificação: _____

Sexo: _____

Idade: _____

Endereço (local de moradia): _____

Estado civil: _____

Filhos (quantos): _____

Escolaridade: _____

Trabalho: _____

Renda: _____

Tempo de uso de substâncias lícitas e ilícitas: _____

E crack, há quanto tempo? _____

Substância ilícita que usa atualmente com mais frequência: _____

Roteiro para Entrevista

- 1- O que te motiva a usar crack ?
- 2- Me diga como eras quando começastes a usar crack e como és/te sentes hoje.
- 3- Me fale como é a sua rotina de vida.
- 4- Tens família? Como é tua relação com ela? Eles sabem do seu uso prolongado de crack? O que acham disso?
- 5- Você possui amigos? Se sim, como te relacionas com eles?
- 6- Como é sua relação com as pessoas que também usam crack?
- 7- Como é o teu acesso a droga? (compra, ganha, troca...)
- 8- Existe ajuda entre as pessoas que se relacionam e também usam crack ? De que forma?
- 9- O que a droga representa na tua vida?
- 10- Você se sente apoiado nas suas decisões e escolhas de vida por alguém?
- 11- Fale das coisas que você mais gosta e menos gosta aqui na *cracolândia* (caso seja frequentador de cenas de uso)

Anexos

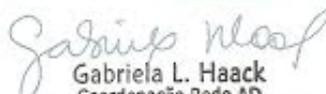
Anexo A – Carta de aceite da Secretaria de Saúde de Pelotas (Rede de Serviços Álcool e outras Drogas)

Autorização Institucional

Eu Gabriela Lanzetta Haack, coordenadora da Rede de Serviços Álcool e outras Drogas do município de Pelotas/RS, autorizo a realização do estudo **O contexto de vida de pessoas usuárias de crack: das relações às sanções sociais**, a ser realizado pela Enfermeira Doutoranda Roberta Zaffalon Ferreira e orientado pela Profa. Dra. Michele Mandagará de Oliveira junto aos Agentes Redutores de Danos do Município.

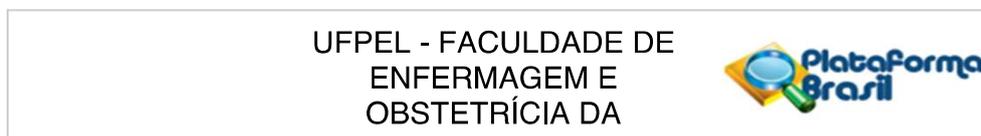
Fui informada, pelas responsáveis pelo estudo, sobre os objetivos e metodologia da pesquisa, bem como das atividades que serão realizadas na instituição a qual represento. Esta instituição está ciente de suas responsabilidades como co-participante do presente projeto de pesquisa e de seu compromisso no resguardo da segurança e bem-estar dos participantes da pesquisa nela envolvidos, dispondo de infra-estrutura necessária para a garantia de tal segurança e bem-estar.

Pelotas, 10 de março de 2017.


Gabriela L. Haack
Coordenação Rede AD
SMS - Mat. 20526

Gabriela Lanzetta Haack
Psicóloga, Coordenadora da Rede de Serviços Álcool e outras Drogas
do Município de Pelotas/RS

Anexo B – Aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: O contexto de vida de pessoas usuárias de crack: das relações às sanções sociais

Pesquisador: MICHELE MANDAGARÁ DE OLIVEIRA

Área Temática:

Versão: 4

CAAE: 67002017.5.0000.5316

Instituição Proponente: Faculdade de Enfermagem e Obstetrícia da Universidade Federal de Pelotas

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 2.128.305

Apresentação do Projeto:

O consumo de substâncias psicoativas (SPA) na humanidade datam desde a pre-história, servindo ao ser humano para uma série de finalidades, que variam desde a busca pelo prazer, caracterizando um uso recreativo até fins religiosos, místicos e terapêuticos. Em 2010 o tema das drogas ganhou destaque no panorama político-

midiático brasileiro, e o crack foi a droga que mais impactou a saúde pública e que chamou a atenção pois seu uso foi atribuído a crimes violentos e pela suposta degradação moral de parte da juventude brasileira somado a ideia de que o crack vicia na primeira tragada e mata seus usuários em seis meses. A antropologia é uma ferramenta importante para conhecer em profundidade os fenômenos sociais atrelados a pessoas que usam drogas. As pesquisas no âmbito sociocultural e antropológico sobre o uso do crack procuram descrever o contexto de vida e os comportamentos típicos dos consumidores. A luz da antropologia, optou-se por abordar a teoria dos dons e dádivas, escrita por Marcel Mauss, para guiar a construção desta pesquisa. Trata-se de uma pesquisa etnográfica, que acompanhará quatro pessoas que façam uso de crack no âmbito de suas vivências (casa, rua, CAPS). O acesso as pessoas se dará por ajuda da Estratégia de Redução de Danos e será realizado entrevista além da observação e vivência proporcionada pela etnografia.

Endereço: Gomes Carneiro nº 01 - 2º Andar, Sala 212.

Bairro: Centro

CEP: 96.010-610

UF: RS

Município: PELOTAS

Telefone: (53)3284-3826

E-mail: cepfeo@ufpel.edu.br

UFPEL - FACULDADE DE
ENFERMAGEM E
OBSTETRÍCIA DA



Continuação do Parecer: 2.128.305

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Compreender a organização da vida de pessoas usuárias de crack na perspectiva das relações e sanções sociais por elas vividas ou experienciadas.

Objetivos Secundários:

- Conhecer como se organiza o cotidiano de pessoas que mantêm o hábito de usar crack.
- Conhecer a qualidade das relações sociais na perspectiva da pessoa que usa crack com a família, amigos e outras pessoas que usam crack.
- Desvelar o significado do crack na vida da pessoa

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

A entrevista poderá acarretar desconfortos, no entanto as perguntas poderão ser ou não respondidas na totalidade, podendo haver desistência da participação em qualquer momento, sem prejuízo ao respondente.

Benefícios:

Os benefícios do estudo para o participante estão relacionados com a oportunidade de trocas de experiências e informações entre pesquisador e participantes, oportunidade de tirar dúvidas sobre assuntos diversos e saúde.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Pesquisa relevante para o cuidado aos usuários de crack. Após as adequações sugeridas pelo CEP encontra-se em consonância com a Resolução 466/12.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Carta de Anuência: adequada

Folha de rosto: adequado

Cronograma: adequado

Orçamento: adequado

TCLE: adequado

Recomendações:

Devolução dos resultados para os serviços de saúde e comunidade científica.

Endereço: Gomes Carneiro nº 01 - 2º Andar, Sala 212.

Bairro: Centro

CEP: 96.010-610

UF: RS

Município: PELOTAS

Telefone: (53)3284-3826

E-mail: cepfeo@ufpel.edu.br

**UFPEL - FACULDADE DE
ENFERMAGEM E
OBSTETRÍCIA DA**



Continuação do Parecer: 2.128.305

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Nenhuma

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_899185.pdf	17/06/2017 13:11:21		Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto4.pdf	17/06/2017 13:10:39	MICHELE MANDAGARÁ DE OLIVEIRA	Aceito
TCLÉ / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLÉ.pdf	17/06/2017 13:10:22	MICHELE MANDAGARÁ DE OLIVEIRA	Aceito
Folha de Rosto	folharosto1.pdf	10/04/2017 15:59:33	MICHELE MANDAGARÁ DE OLIVEIRA	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

PELOTAS, 20 de Junho de 2017

Assinado por:
Marilu Correa Soares
(Coordenador)

Endereço: Gomes Carneiro nº 01 - 2º Andar, Sala 212.
Bairro: Centro **CEP:** 96.010-610
UF: RS **Município:** PELOTAS
Telefone: (53)3284-3826 **E-mail:** cepfeo@ufpel.edu.br